

CLARISSA MAGALHÃES RODRIGUES

**“Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais
a uma compreensão intergeracional”**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2011

CLARISSA MAGALHÃES RODRIGUES

**“Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais
a uma compreensão intergeracional”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da PUC-SP, como exigência parcial para a
obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Ida
Kublikowski

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2011

BANCA EXAMINADORA

Ao meu pai e à minha mãe

AGRADECIMENTOS

É com muita emoção que agradeço aos meus queridos pais, **Armando e Ilza**, a quem devo a realização desta importante etapa de minha vida profissional. Por todas as portas que generosamente me abriram, por todo o apoio que com tanto carinho me oferecem. Poder chamá-los “pai” e “mãe” é um privilégio e uma benção.

Às minhas queridas irmãs, **Amanda e Alberta**, ou Fu e Neninha. Porque me permitem conhecer o mais puro sentido da fraternidade. Por serem tão importantes e valiosas que, mesmo distantes, não saem de dentro do meu coração.

À **Profa. Ida Kublikowski**, pela orientação dedicada e atenta, pela prazerosa parceria (espero que se repita!), pela disponibilidade e prontidão. Por me tranquilizar, voz pausada e ar sereno, nos períodos mais aflitos dessa minha jornada. E por me encorajar a sempre seguir em frente.

Ao **Val**, meu querido companheiro, um também emocionado “obrigada!”. Por compreender tão pacientemente minhas ausências, ou mesmo o meu “estar não estando”. Por me aguardar nos fins de semana com um sorriso aberto e um abraço envolvente, abrindo a porta com seu apaixonado bordão: “luz da minha vida!”.

Obrigada, **Terra**, minha amiiiiiiiiga. Pelos longos papos “desestressantes”, regados a vinho e gargalhadas. Pelo ouvido cem por cento disponível, pela sempre agradável companhia.

E finalmente, com muito carinho, obrigada às **famílias participantes** que, num ato de generosidade, me abriram suas vidas, tornando possível a conclusão deste trabalho que aqui apresento com orgulho e satisfação.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa que teve por objetivo compreender, sob o referencial da Psicologia Sistêmica, o modo como pais e mães cujos filhos se encontram em transição para a vida adulta percebem e lidam com as mudanças reveladas por seus descendentes. Trata-se de uma compreensão intergeracional dos processos de construção da adultez, tendo em vista as transformações contextuais que hoje desenham um novo cenário, mais complexo e instável, para a constituição da identidade adulta. Por meio de entrevistas semiestruturadas, foram pesquisadas sete famílias paulistas, representadas por quatro casais e três mães solteiras. Os resultados indicaram que mudanças relativas à concepção do casamento, da independência financeira e da saída da casa dos pais como tradicionais marcos de transição para a maturidade favorecem a resignificação do “ser adulto”, que passa a ser compreendido como resultado de um processo alinhavado pelo valor moral da responsabilidade. A ideia da transição para a adultez como um movimento fundamentado na diferenciação do indivíduo em relação à família de origem ganha espaço, possibilitando aos pais reconhecerem os filhos como adultos, mesmo a despeito de não haverem estes transposto os tradicionais marcos de transição. Por outro lado, apesar desse movimento geral dos pais que, mais flexíveis em suas concepções, revelam melhor acompanhar as mudanças contextuais contemporâneas, alguns modelos de dinâmica familiar permanecem inalterados, o que se reflete nas visões ambivalentes de alguns dos entrevistados acerca da condição adulta de seus filhos. Isto lança luz sobre o fato de a construção da vida adulta preconizar, em última instância, uma transição entre fases distintas do ciclo vital familiar, exigindo a resignificação da própria parentalidade.

Palavras-chave: *adultez, transição, resignificação, intergeracionalidade.*

ABSTRACT

This qualitative research had the purpose to understand, from the Systemic Psychology standpoint, the way parents whose children are in transition into adult life perceive and deal with the changes revealed by their offsprings. It has aimed to be an intergenerational understanding of adulthood building processes, considering the contextual transformations which draw a new scenario, more complex and unstable, for the constitution of the adult identity in the contemporary world. Through semi-structured interviews, seven “paulista” families were surveyed. They were represented by four couples and three single mothers. Results indicated that changes related to the conception of marriage, financial independence, and the leaving of parents’ home as traditional landmarks for the transition into maturity favor the re-signification of being an adult, which turns out to be considered the result of a process conducted by the moral value of responsibility. The idea of adulthood as a process based on the differentiation of individuals in relation to their families of origin surfaces, and this makes it possible for parents to recognize their children as adults, even in spite of their not having crossed the traditional landmarks of transition. On the other hand, despite this general movement of parents who, more flexible on their conceptions, seem to follow the contemporary changes in a more positive basis, some patterns of family dynamics remain unchanged, thus reflecting on the ambivalent visions of some of the interviewees on the adult condition of their children. This lights up the fact that the building of adult life implies, at last, a transition between distinct phases of the family life cycle, demanding the re-signification of parenting itself.

Key words: *adulthood, transition, re-signification, intergenerationality.*

PRÓLOGO

Na primeira aula do Mestrado, em agosto de 2009, Ida Kublikowski disse: “a escolha do tema tem que refletir algo pessoal, tem que vir de dentro”. Eu, aluna ingressante, que por sorte a teria como orientadora, senti que aquilo era algo a considerar. E muito. Desde então, perambulando entre temas que me pareciam interessantes, volta e meia refletia sobre aquela fala, aquela mensagem, buscando, ao mesmo tempo, pensar na minha vida, no meu percurso. Encontrava-me em um momento particularmente importante, um tanto turbulento e confuso, de escolhas profissionais e amorosas que, sem que eu então percebesse, anunciavam: “você está virando gente grande”.

Confesso que não aceitava muito bem tal idéia. Eu não me sentia absolutamente madura. Apesar dos meus quase 30 anos, estava dando os primeiros passos profissionais. A independência financeira era mais um desejo que uma possibilidade. O sonho encantado do casamento se havia desfeito alguns meses antes. Por outro lado, eu me sentia tão responsável, tão certa das minhas escolhas, tão consciente dos obstáculos! Olhando ao redor, histórias parecidas e realidades distantes. E, tão valioso que isto seria, não compreendia muito bem a forma como as pessoas me enxergavam: enquanto meus pais me proporcionavam todo o conforto e acolhimento, chamando-me para o ninho, no trabalho e entre amigos sentia-me vista como um porto seguro. Alguma coisa ali não se encaixava. Estranho e, na verdade, desesperador.

O tema da transição para a vida adulta me escolheu. Conhecendo, da graduação e da vida, a importância do olhar do outro para a nossa identidade e sabendo, também de estudo e vivências, de como a percepção dos pais sobre aquilo que somos costuma ser peça-chave na formação de nossa autoimagem, optei por introduzir-me nesse universo conversando com os pais. Obviamente, fiel à ressonância que me conduzia da experiência pessoal para a pesquisa acadêmica, busquei famílias cujos perfis se harmonizassem com o meu, ou seja, em que ambos os pais tivessem formação universitária e ao menos um filho ou filha entre 25 e 30 anos de idade e com no mínimo dois anos de graduação. Transcrevendo as entrevistas, imaginava como teriam se comportado meus próprios pais

sentados ali, diante de alguém que lhes perguntasse sobre o modo como me percebiam nesse momento de nossas vidas. Sim, nossas vidas! Afinal, a transformação não era somente minha!

Hoje, após concluída a pesquisa, percebo que avancei em sabedoria e sinto-me tranquila em meu percurso. Aprendi que, assim como os filhos, os pais são seres humanos, e que portanto circunscrevem seu olhar àquilo que a experiência lhes permite enxergar. E a experiência, em tempos atuais, não tem mais a mesma solidez de que gozava meio século atrás. Não dá tempo. Não neste mundo fluido e incerto em que vivemos. Se me sinto tranquila em meu percurso, é porque aprendi a aceitar que ser adulto não é estar pronto; é, antes, ter a consciência de que, felizmente, jamais estamos prontos e de que, se flexíveis e responsáveis, podemos aprender um pouco mais a cada dia.

Father And Son
(Cat Stevens)

*It's not time to make a change
Just relax, take it easy
You're still young, that's your fault
There's so much you have to know
Find a girl, settle down
If you want, you can marry
Look at me, I am old
But I'm happy*

*I was once like you are now
And I know that it's not easy
To be calm when you've found
Something going on
But take your time, think a lot
I think of everything you've got
'Cause you'll still be here tomorrow
But your dreams may not*

*How can I try to explain
When I do he turns away again
And it's always been the same
The same old story
From the moment I could talk
I was ordered to listen
Now there's a way and I know
That I have to go away
I know I have to go*

*It's not time to make a change
Just sit down and take it slowly
You're still young that's your fault
There's so much you have to go through
Find a girl, settle down
If you want, you can marry
Look at me, I am old
But I'm happy*

*All the times that I've cried
Keeping all the things I knew inside
And it's hard, but it's harder
To ignore it
If they were right I'd agree
But it's them they know, not me
Now there's a way and I know
That I have to go away
I know I have to go*

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1: Aspectos epistemológicos	20
Capítulo 2: Aspectos contextuais	26
Gênero e ciclo vital	27
Tecnologia, emprego e ciclo vital	31
Capítulo 3: Aspectos conceituais	35
O que é ser jovem? O que é ser adulto?	36
A família diante do filho que cresce	39
Capítulo 4: Método	44
Participantes	46
Procedimentos	47
Análise e interpretação	48
Capítulo 5: Participantes	49
Família 1: José Carlos e Lúcia	50
Família 2: Ricardo e Nilva	51
Família 3: Elza	54
Família 4: Elton e Regina	56

Família 5: Marta	58
Família 6: Claudia	60
Família 7: Jonas e Alice	61
 Capítulo 6: Resultados	 64
Ideias e significações	66
Grandes temas e categorias de significado	73
<i>Acontecimento x processo e a responsabilidade como valor</i>	<i>74</i>
<i>Família e contexto e a construção da identidade adulta</i>	<i>76</i>
<i>Visões ambivalentes e a maturidade da interdependência</i>	<i>80</i>
 Capítulo 7: Considerações finais	 87
 Referências	 91
 Anexos	
Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
Anexo II: Roteiro de entrevista	
Anexo III: Fichas de informações familiares e transcrições das entrevistas	
Anexo IV: Sistema de pontos do Critério de Classificação Econômica Brasil	
Anexo V: Tabelas - Análise temática das entrevistas	

INTRODUÇÃO

Em “Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros” (2004), Camarano, Mello, Pasinato e Kanso, da Diretoria de Estudos Macroeconômicos do IPEA, apresentam contribuições da Sociologia para uma possível compreensão do processo de transição para a vida adulta no Brasil contemporâneo. Dentre os aspectos que defendem se encontra a impossibilidade, em tempos atuais, de se considerar a saída da casa dos pais, seja em função da conquista de independência financeira ou em virtude do casamento, como um evento simbólico que encerra o período da juventude e inaugura a vivência da maturidade.

Com efeito, o prolongamento da permanência de jovens brasileiros no lar parental integra o conjunto dos novos contornos do ciclo vital familiar resultantes das transformações características da pós-modernidade. Em um contexto no qual o incessante desenvolvimento de novas tecnologias exige consideráveis investimentos em formação, capacitação e atualização de conhecimentos e habilidades, é compreensível que a conquista de condições materiais para o autossustento se veja adiada em função da necessidade de mais anos de estudo e formação profissional. Se somarmos a isto a insegurança gerada pelas dificuldades comumente associadas à inserção no mercado de trabalho, teremos facilitada a compreensão do medo como sentimento que fragiliza a condição do jovem, não apenas no Brasil, mas em qualquer sociedade de mercado em que não se façam eficazes políticas estatais de seguridade social. José Machado Pais (2005), economista e sociólogo português envolvido no estudo e em políticas direcionadas à juventude, afirma com propriedade:

Uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é (...) a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência. (p.11)

A instabilidade e a incerteza às quais se refere o autor português não restringem seus efeitos, contudo, sobre populações jovens. Mais do que uma etapa do ciclo vital do indivíduo, elas atingem a condição humana. Em uma realidade compartilhada na qual figura a díade constituída, de um lado, pela pluralidade de possibilidades de escolha e, de outro, pela ausência de garantias e pela presença do risco, a construção de uma identidade individual se torna um empreendimento inseguro e solitário. Se nos questionarmos sobre os significados socialmente atribuídos à fase adulta – indivíduo como “homem feito”, “dono de si”, “estabilizado”-, compreenderemos que a própria concepção de maturidade pede uma revisão de significado e que, nesse sentido, a ideia da juventude como um período de transição em direção à estabilidade parece estar obsoleta. Em um artigo no qual definem a juventude como “estilo de vida”, Szapiro e Resende (2010) ressaltam o caráter aparentemente autônomo, porém desamparado, dos indivíduos, cujas vivências se respaldam nos ideais de liberdade e direito de escolha sem que a habilidade para exercê-los se haja constituído sobre bases seguras. Em outras palavras, para essas autoras, os indivíduos desejam ser jovens, livres e autônomos, sem, contudo, haver aprendido seguramente como sê-los. Debert (2010) vai além, argumentando que a valorização do estilo de vida jovem, ao fortalecer-se por meio da incessante oferta de produtos e serviços exaltadores da juventude, promove a própria “dissolução da vida adulta”, contribuindo para o que ela denomina “embaçamento das fronteiras entre as idades” (p.55).

A condição do homem na pós-modernidade, entretanto, não se vê modificada apenas em sua dimensão individual; as mudanças estendem-se também à esfera das relações de intimidade, dentre as quais as intergeracionais. Segundo Giddens (1993), a autoridade dos pais, antes presumida em função da idade e do acúmulo de experiências, hoje se acha substituída pela intimidade e pela conquista de confiança, o que passa pelo

reconhecimento dos filhos como “pessoas inteiras”, com necessidades e desejos próprios e com projetos de vida inscritos em um contexto em muito diferente da geração de seus progenitores. As dificuldades oriundas desse conflito intergeracional de realidades parecem atingir, também, a forma como pais e mães pertencentes a gerações anteriores vêm lidando com a atual transição de seus filhos para a vida adulta. Szapiro e Resende (2010) atribuem aos jovens de hoje uma “situação simbólica de abandono” (p.45), motivada pela dificuldade das figuras parentais em desempenhar o papel de promotores da segurança emocional que deveria fazer da família o *locus* de base para a construção de identidades individuais razoavelmente seguras. É nesse sentido que um olhar atento e aprofundado para o modo como pais e mães compreendem e lidam com filhos em processo de construção da maturidade se faz pertinente, podendo auxiliar em uma posterior compreensão das dificuldades enfrentadas pelos próprios jovens em transição para a vida adulta na contemporaneidade.

Embora a Psicologia já ofereça importantes contribuições acadêmicas concernentes ao ciclo vital da família e do indivíduo (Cervený e Berthoud, 2009; Carter & McGoldrick, 1995; Falicov, 1991), o tema da transição para a vida adulta no contexto pós-moderno, até mesmo em função da atualidade e do caráter inédito do fenômeno tal como se apresenta hoje, carece de estudos aprofundados por parte dessa área do saber. Muitas são as lentes científicas por meio das quais se poderia buscar compreender o fenômeno em questão, assim como são múltiplos os recortes temáticos passíveis de análise. Alinhado à proposta acadêmica de ocupar-se do “estudo da família no contexto da sociedade contemporânea, tendo em vista o momento histórico e as forças coercitivas do poder social e da ordem moral que permeiam todas as relações, tanto no público como no privado” *, este trabalho teve por objetivo compreender, sob o referencial

* Texto disponível em: http://www.pucsp.br/pos/programas/psi_clinica/apresentacao.htm. Acesso em 25 nov. 2009

teórico da Psicologia Sistêmica, o modo como pais cujos filhos se encontram em transição para a vida adulta percebem e lidam com as mudanças reveladas por seus descendentes em seus respectivos processos de transição. Para tanto, foram pesquisadas sete famílias paulistas, representadas por quatro casais e três mães solteiras, pais cujos filhos se encontram em transição para a adultez. Por meio de entrevistas semiestruturadas, o trabalho foi conduzido com referência em dois eixos fundamentais, que caracterizaram seus objetivos específicos. O primeiro consistiu em identificar e compreender as mudanças intergeracionais percebidas pelos pais quanto à independência financeira e às relações de intimidade, tendo como parâmetro a própria experiência vivida. O segundo visou compreender o modo como esses pais lidam com os filhos que se encontram nesse processo de transição, atentando para possíveis relações entre os comportamentos dos progenitores e as características iminentes desse processo.

A opção pela pesquisa no âmbito das relações intergeracionais respeitou a perspectiva sistêmica de compreensão do ciclo vital familiar em sua relação com a constituição do indivíduo. Para Carter & McGoldrick (1989), autoras correntemente referenciadas em estudos de temas relacionados à família, “o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano” (p.8). À família pode ser atribuído, portanto, o caráter de unidade social no interior da qual se reproduzem e se transmitem, por meio das relações intergeracionais, valores e expectativas advindas de um sistema social maior. Além disso, no que se refere especificamente à família brasileira, não podemos deixar de tomar em perspectiva um aspecto discutido por Cervený e Berthoud (2009) na apresentação de sua pesquisa com famílias paulistas: a família como um valor *em si*, o que faz dela uma referência da qual se parte e um importante objetivo a se conquistar. Se, ambientada na família

brasileira pós-moderna, a transição para a vida adulta vem revelando novas características e novos contornos, questionamentos acerca de como pais nascidos nas décadas de 1940 e 1950 percebem e lidam com a evolução de filhos nascidos na década de 1980 se tornam pertinentes.

Os pais e mães entrevistados, representantes de estratos sociais médios e portadores de diploma de curso superior, percorreram, no que concerne à organização institucional da vida, trajetos equivalentes aos de seus filhos. Em outras palavras, foram criados por suas respectivas famílias de origem e concluíram os Ensinos Fundamental, Médio e Superior. Contudo, o contexto no qual esses trajetos foram percorridos vem revelando, em tempos atuais, transformações expressivas, contribuindo para o delineamento de novas possibilidades de experiências concretas e subjetivas de transição para adultez. Para Carter & McGoldrick (1989), “isso é muitas vezes causa de grande estresse para os membros da família, que têm poucos modelos para as passagens que estão atravessando” (p.8).

Em concordância com o paradigma sistêmico de compreensão dos fenômenos humanos, este trabalho organizou-se de modo a articular o contexto no qual se inscrevem os processos de transição para a vida adulta estudados e a percepção dos pais quanto ao percurso de seus filhos, mantendo em perspectiva a família como instituição que apreende os aspectos mais amplos e complexos da realidade compartilhada e os traduz e transmite intergeracionalmente por meio de padrões internos de funcionamento de cada sistema familiar. Assim, o primeiro capítulo apresenta os aspectos epistemológicos que configuram as lentes por meio das quais o fenômeno é analisado. O segundo contempla elementos contextuais da contemporaneidade necessários à compreensão do tema proposto. O terceiro capítulo busca articular o contexto externo em questão com alguns conceitos que participam da composição estrutural e dinâmica

das famílias entrevistadas, estas representantes de um grupo social maior. No quarto capítulo apresentamos o método utilizado na pesquisa, bem como a estrutura de análise e interpretação. O quinto capítulo traz uma visão geral dos participantes da pesquisa, por meio de uma breve narrativa sobre cada família. A discussão dos resultados do estudo, à luz das construções teóricas adotadas, é apresentada no sexto capítulo. No sétimo e último capítulo são tecidas as considerações finais que, atentas ao propósito de contribuição social dos trabalhos acadêmicos, encerram uma possível compreensão do tema e deixam sugestões para pesquisas futuras.

CAPÍTULO I

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS

O pensamento sistêmico é, por excelência, um pensamento pós-moderno, que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso e emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas. Ao longo do século XX, diante dos avanços tecnológicos e econômicos fundantes de novas formas de organização social, a obsolescência do pensamento positivista foi se fazendo evidente. A virtual eliminação das fronteiras socioculturais, no contexto do intercâmbio de ideias e pensamentos promovido pela globalização econômica, elevou à superfície, de um lado, a existência de múltiplas formas de apreensão da realidade e de modos de estar do mundo e, de outro, a possibilidade (e mesmo a necessidade) de convivência pacífica entre as diferenças. Assim, referenciais cartesianos como *causalidade linear*, *realidade a ser descoberta* e *verdade absoluta* resultaram inadequados à compreensão de alguns fenômenos, tornando urgente uma outra visão de mundo.

Emergida de um cenário multifacetado de transição, de um pensamento iluminista orientado para o controle da natureza em direção a um *ethos* que reconhece os limites humanos na construção do conhecimento, a pós-modernidade propõe uma concepção de mundo capaz de aceitar a complexidade da organização da vida e, diante dela, a impossibilidade de uma compreensão unívoca e totalizadora dos fenômenos. Sob a regência do pensamento pós-moderno, homem e natureza são ambos protagonistas, as realidades são consideradas construções e a aceitação da complexidade dos fenômenos livra o homem da arrogância de pretender-se conhecedor da verdade absoluta.

Em “Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência” (2002), Vasconcellos apresenta as idéias de *complexidade*, *instabilidade* e *intersubjetividade* como pilares de sustentação do pensamento científico que emerge e ganha espaço na contemporaneidade. Trata-se de uma visão de mundo que toma a realidade como construção subjetiva, resultante da contínua interação entre o homem e os demais

elementos que compõem os diferentes sistemas, sendo a linguagem o instrumento viabilizador dessa construção. O caráter estático e absoluto dos fenômenos, a ideia de uma realidade que aí está para ser descoberta, perdem sentido num mundo em constante evolução e transformação. O próprio tema aqui proposto para estudo – os processos de transição para a vida adulta -, somente pode ser abordado se antes assumido como fenômeno inscrito em um contexto específico, contexto esse no qual figuram aspectos como sociedade de consumo, novas configurações familiares e redes virtuais de comunicação. Entretanto, a fim de dar início a qualquer tentativa de compreensão, é pertinente introduzir o modo como os construtos apresentados por Vasconcellos (ibidem) como pilares do paradigma sistêmico se articulam a fim de possibilitar interpretações compartilhadas da realidade.

A ideia de *complexidade* tal como apreendida pela autora em sua estruturação do paradigma sistêmico é atribuída a Edgar Morin, pesquisador francês cuja contribuição para a filosofia e ciência contemporâneas se mostra inestimável. Em “Introdução ao pensamento complexo” (2007), o termo *complexidade* é definido por ele como “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (p.13). Os fenômenos, uma vez observados à luz do pensamento complexo, revelam-se, portanto, impassíveis de uma compreensão total, global e única, dado que podem ser apreendidos sob múltiplas perspectivas, correspondendo a cada uma delas um conjunto de elementos constituintes relevantes e uma forma singular de articulação entre os mesmos. Se, no que se refere à transição para a vida adulta no Brasil contemporâneo, a Sociologia recorre a aspectos da organização social pós-moderna para apresentar uma possível compreensão do tema, a Psicologia, considerando inclusive tais aspectos sociológicos, põe ênfase no modo como

os indivíduos significam e vivenciam, no âmbito das inter-relações humanas, a juventude e a maturidade.

Segundo elemento apresentado por Vasconcellos (ibidem) como base conceitual do pensamento sistêmico, a *instabilidade* revela estreita relação com a complexidade. De fato, uma das características do paradigma sistêmico é a não-disjunção dos elementos que compõem um sistema. Se o pensamento complexo, na medida em que inclui diversos fatores ambientais na constituição dos sistemas, assume a possibilidade do *acaso*, pode-se então presumir a inviabilidade de se exercer controle e de se realizar previsões absolutamente seguras sobre os fenômenos. Não se trata, contudo, de uma apologia do caos, mas sim de levar em consideração que o ritmo em que as mudanças ocorrem na atualidade, assim como as condições sob as quais elas acontecem, tornam mais facilmente compreensível a ideia dos fenômenos como processos, e não como realidades estáticas e imutáveis dadas *a priori*. Nesse sentido, de acordo com o paradigma sistêmico, os fenômenos se constituem, se mantêm e se dissolvem em articulação com o ambiente a eles externo por meio da *autoorganização*, em um movimento dialético que torna possível a convivência entre a ordem e a desordem, esta necessária ao processo de ordenação e articulação dos elementos que compõem um sistema. A esse respeito ressalta Vasconcellos (ibidem) que

a instabilidade, que antes era sempre vista como desvio a corrigir, agora é reconhecida como condição necessária para que o ruído se torne fonte de ordem (p. 127-128)

As ideias de complexidade e instabilidade, ao reconhecerem a importância do meio ambiente na constituição, funcionamento e dissolução dos fenômenos, tornam prudente atentar para o papel da *intersubjetividade* nos processos de observação e apreensão da realidade. Com efeito, o paradigma sistêmico deixa clara a

“impossibilidade de um conhecimento objetivo do mundo” (idem, 2002, p.129), na medida em que não se pode isolar o sujeito de seu objeto de estudo. Como se poderia conceber, por exemplo, um posicionamento neutro e distanciado em um estudioso que observa e busca compreender a sociedade à qual ele mesmo pertence e de cujo funcionamento, portanto, participa?

A intersubjetividade, terceiro pilar de sustentação do pensamento sistêmico, traz consigo referenciais de relevância impar para a compreensão dos fenômenos sob o paradigma em questão. Se não há realidade estática e *a priori* à espera de ser descoberta por um sujeito neutro e isolado de seu objeto de estudo, então esse mesmo sujeito participa ativamente, com tudo o que carrega de pressupostos e ideologias, da compreensão dessa realidade. Nesse processo, uma vez em interação com os elementos de um fenômeno, o indivíduo não o concebe em sua totalidade (o que seria impossível), mas “escolhe”, com base em seu espectro referencial de compreensão (conceitos, preconceitos, crenças), aspectos a serem postos em relevância e articulação. Disso resulta, de um lado, a ideia da realidade como construção e, de outro, aquilo que Vasconcellos (ibidem) apresenta como *multiversa*: “múltiplas versões, ou seja, tantos domínios da realidade quantos domínios de coerências operacionais sejam constituídos pelas operações de distinção dos observadores” (p.141).

Nesse sentido, podemos considerar a transição para a vida adulta como uma construção articulada a aspectos de uma realidade compartilhada em constante movimento e transformação. Se, em gerações anteriores, podíamos observar vivências de juventude inscritas em contextos de maiores estabilidade, previsibilidade e segurança, o que percebemos hoje é uma pluralidade de indivíduos inseguros e desamparados, confusos diante da exigência de fazer escolhas profissionais acertadas, carentes de apoios institucionais com credibilidade legitimada pela experiência. Afinal,

que garantias podem oferecer um Estado ausente e uma geração familiar anterior tão inexperiente quanto o próprio jovem na vivência da pós-modernidade?

CAPÍTULO 2

ASPECTOS CONTEXTUAIS

A transição para a vida adulta como um processo inscrito na pós-modernidade não pode passar ao largo das transformações no caráter dos relacionamentos humanos. Ao longo do século XX, o Brasil, assim como as demais nações cujas sociedades se organizam sob o modo de produção capitalista e sob o regime democrático, teve sua dinâmica de construção de vínculos alterada por mudanças de duas ordens fundamentais: de um lado, a ampliação do papel da mulher no mercado de trabalho; de outro, o desenvolvimento tecnológico. Essas mudanças revelam, cada qual por meio de desdobramentos específicos, porém interligados, consequências de suma importância para a construção da maturidade.

Gênero e ciclo vital

Em “A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas” (1993), Giddens localiza nas mudanças relativas à era industrial o embrião de uma transformação vital no caráter dos relacionamentos humanos: a democratização nas relações de gênero. Ao longo do século XX, quando as Guerras Mundiais (1914-1919 e 1939-1945) levaram os homens das esteiras de produção à batalha, a mão de obra feminina nas indústrias se fez necessária, tirando as mulheres de seus lares e permitindo-lhes experimentar a responsabilidade pela manutenção financeira da família. Obviamente, isso pôde ser interpretado como um movimento em direção à aquisição de um poder até então restrito à esfera masculina.

Na década de 1970, com o movimento feminista, a conquista de um *status* social feminino mais horizontalizado em relação aos homens potencializou a democratização nas relações de gênero, o que se refletiu sobre a vivência da sexualidade e sobre a natureza do casamento. Uma vez no controle da decisão sobre a procriação possibilitado pela pílula anticoncepcional, a mulher pôde viver uma nova forma de

sexualidade, agora não mais necessariamente vinculada à função reprodutiva e a que Giddens (ibidem) denominou *sexualidade plástica*, uma “sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (p.10). Via-se aí abalada a vinculação entre a vivência de uma sexualidade feminina livre e o desvio moral, vinculação esta reconhecida por Foucault (2007) como mecanismo de controle social empreendido pelo Estado, no esteio da organização institucional da vida estabelecida na modernidade.

Por sua vez, a ampliação da participação da mulher no mercado de trabalho adicionou-lhe independência financeira, o que lhe conferiu maior poder de escolha também quanto ao casamento ou à manutenção do mesmo, uma vez que não mais necessariamente dependeria de um marido para sustentá-la financeiramente. Hime (2004), em trabalho que investiga possíveis relações entre as escolhas amorosas e a construção do eu em mulheres das camadas médias urbanas, reconhece aí uma importante mudança nas demandas femininas associadas ao matrimônio, o qual, embora persista, na contemporaneidade, como um grande desejo a realizar-se, passou a dever “acolher as necessidades de autonomia, afirmação de si e também de construir uma relação satisfatória, que integre amor e sexo” (p.132).

Dados oriundos de pesquisas nas áreas da Sociologia e da Economia enriquecem a compreensão das transformações nas relações de intimidade a partir da segunda metade do século XX. Segundo Berquó e Oliveira (1992), os anos subsequentes à Lei do Divórcio de 1977 registraram considerável aumento no número de divórcios e separações judiciais, não compensados pelas taxas de nupcialidade e pelo número de casamentos, ambos decrescentes no mesmo período. De 1978 a 1988, a taxa de nupcialidade no Brasil decresceu de 8,0 para 6,6[†], enquanto a taxa bruta de divórcios para o mesmo período subiu de 0,1, no limite inferior desse intervalo de tempo, para

[†] Possibilidade da ocorrência de casamentos por 1000 habitantes

0,5, em 1989[‡]. Reportagem publicada na Revista Veja de 25 de agosto de 2010 aponta que, em 2008, registrou-se no Brasil um divórcio para cada cinco casamentos, embora o número de uniões civis tenha sido, nesse mesmo ano, o maior da década até então: 960.000.

A idade dos noivos ao casar pode ser tomada como outro elemento de suma importância coerente com as transformações em questão. Se, em 1976, os homens brasileiros se casavam, em média, aos 27,48 anos e as mulheres, aos 23,81 (Berquó & Oliveira, *ibidem*), em 2008, entre os paulistas, esta média elevou-se para 31,6 anos entre os homens e 28,8 anos entre as mulheres, segundo dados da Fundação Seade[§]. Por sua vez, a taxa de fecundidade, que mede a razão entre o número de bebês nascidos vivos e a população feminina em idade fértil (15 a 49 anos), baixou de 109,12, em 1980, para 52,12, em 2009^{**}.

Esses dados estatísticos, uma vez lidos e interpretados à luz das transformações que hoje atingem as relações de intimidade, permitem visualizar a emergência, no contexto do ocidente pós-moderno, das condições de viabilidade para o *relacionamento puro*, termo proposto por Giddens (op. cit.) para explicar uma

situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (p.68-69).

Importante notar que as relações interpessoais, uma vez regidas pela ideia do relacionamento puro, puderam incorporar a busca pela satisfação de necessidades e desejos cuja definição tornou-se, cada vez mais, resultado de reflexões realizadas no âmbito da individualidade. Isto torna possível compreender como o casamento teve

[‡] Número de divórcios por 1000 habitantes

[§] http://www.seade.gov.br/produtos/spdemog/jun2010/spdemog_jun2010.pdf. Acesso em 28/02/2011, às 20h10.

^{**} <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>. Acesso em 28/02/2011, às 19h29.

restringida sua dimensão funcional, assumindo progressivamente a condição de contrato entre iguais que se desejam, não mais “até que a morte os separe”, mas “enquanto houver amor e/ou satisfação”.

As discussões em torno da democratização nas relações entre homens e mulheres lançam luz, ainda, sobre o caráter social e histórico da noção de gênero. Segundo Hime (op. cit.), o gênero se mostra, hoje, impassível de ser concebido de forma naturalizada, como um conjunto de atribuições e valores derivados de características essencialmente biológicas. É, ao contrário, uma “categoria analítica relacional e contextualizada no tempo e no espaço” (p.12). Se, na modernidade ocidental, a fragilidade feminina fora definida como subsídio para a associação da figura de afeto à mulher e a força masculina fora tomada como determinante dos papéis de provedor e protetor ao homem, em tempos pós-modernos, diante da desconstrução do mito do amor materno (Badinter, 1985) e da ampliação do número de famílias matrifocais, essas “construções de gênero tradicionais convivem com as novas concepções acerca da masculinidade e da feminilidade, abrindo um leque de possibilidades de ser e de se relacionar” (Hime, op. cit, p.132). Nesse sentido, a ideia do casamento e da maternidade como necessidades vitais femininas perde força, abalando a dimensão de importância atribuída a esses eventos como legitimadores do ciclo vital da mulher.

No que concerne ao percurso feminino de transição para a maturidade, podemos presumir que, se em gerações anteriores o casamento constituía, para a mulher, a razão para a saída da casa dos pais e o caminho para a autonomia (embora, segundo Giddens, ele jamais significasse independência, mas antes a troca de uma dependência – em relação ao pai - por outra – em relação ao marido), representava para ela o marco de ingresso na vida adulta. Tal raciocínio, uma vez mantido na realidade contemporânea, nos induziria a concluir que mulheres não casadas após os 25 anos de idade são

mulheres “não adultas”. Isto denota a atual inadequação do casamento como determinante simbólico da transição para a maturidade feminina e nos impele a problematizar a associação entre eventos e demarcações etárias para a determinação das fases do ciclo vital dos indivíduos. Os 25 anos não foram aqui definidos arbitrariamente; eles respeitam o intervalo etário ao qual se atribui o termo juventude, dos 15 aos 24 anos, definido pela ONU em 1985, Ano Internacional da Juventude, e que é adotado pelo Brasil como balizador na definição de políticas públicas (CAMARANO et al., 2004). Dessa problematização das demarcações etárias associadas a eventos específicos não se deve, contudo, incorrer em uma completa relativização do curso da vida. A esse respeito, alerta Debert (2010) que “as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social” (p.61), derivando daí a necessidade de repensar não os aspectos biológicos, dados pela natureza, mas a fixação de eventos como rituais que marcam a transição de uma fase para outra do ciclo vital do indivíduo.

Tecnologia, emprego e ciclo vital

Segundo fator apresentado por Giddens como determinante de importantes transformações na contemporaneidade, o desenvolvimento tecnológico ampliou significativamente as modalidades de funções exercidas no trabalho, bem como o número de profissões, além de, como anteriormente afirmado, haver criado exigências de qualificação até então jamais observadas nas sociedades industriais. Desse modo, percursos profissionais lineares e previsíveis, como o de um advogado que segue os passos do pai ou o de um engenheiro que faz carreira em empresa, viram-se em considerável medida substituídos por percursos fragmentados, fundamentados no *relacionamento puro* ou interrompidos pelo desemprego. Em tempos pós-modernos, o trabalhador permanece em um posto de trabalho ou empresa enquanto disto obtém

alguma satisfação; havendo oportunidade potencialmente mais recompensadora, migra para um outro contrato de trabalho. Entre os estratos sociais nos quais o poder aquisitivo assim possibilite, o indivíduo pode deixar temporariamente de trabalhar para dedicar-se a cursos de pós-graduação ou a especializações afins à sua área de formação profissional. Assim, tal como verificado nos dados estatísticos relativos ao divórcio e à idade de homens e mulheres solteiros ao estabelecer uniões civis, decisões como casar-se ou morar sozinho podem ver-se adiadas e, mesmo que se efetivem, podem reverter-se. Por sua vez, o desemprego se mostra capaz de gerar essa mesma reversão, ou seja, o retorno à coabitação com os pais, figurando percursos definidos por Pais (2005) como *trajetórias iô-iô*. A esse respeito, o autor afirma:

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, discontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém; saem da casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêem sem ele; as suas paixões são como ‘vãos de borboleta’, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida. São estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do iô-iô ajuda a expressar (p.58).

Além da coabitação com os pais resultante do retorno ao lar parental, a permanência junto à família de origem apresenta-se como parte integrante de um outro fenómeno contemporâneo relativo à transição para a vida adulta: a geração canguru. Nas camadas médias da população brasileira, o prolongamento dos estudos com vistas à obtenção de melhores empregos revela-se cada vez mais comum, o que, traduzido em números, se faz perceber no aumento do número de matrículas em cursos de graduação presenciais nos últimos anos. No estado de São Paulo, esse número elevou-se de

578.908, em 1995, para 1.346.621, em 2007, segundo dados da Fundação Seade^{††}. Outro dado relevante, apresentado por Fernandes & Picchetti (1999) em trabalho que analisa a estrutura do desemprego no Brasil, encontra-se na proporcionalidade entre as taxas de desemprego e o número de anos de estudo entre os brasileiros. Enquanto, para indivíduos que estudavam de 5 a 8 anos, essa taxa era de 12,1, entre aqueles que se dedicavam aos estudos por mais de 11 anos ela caía para 4,3. Embora, atualmente, o desemprego tenha perdido a força ameaçadora de que gozava cerca de dez anos atrás, ele certamente integrou o conjunto de fatores desencadeadores da corrida por melhor qualificação profissional. Assim, esses números podem ajudar a explicar os novos contornos assumidos pelos projetos de vida hoje revelados entre os brasileiros das camadas médias urbanas, projetos esses dentre cujas características se encontram altos investimentos de tempo e dinheiro em estudos, adiamento de decisões como casar-se e ter filhos e prolongamento da convivência com a família de origem.

Em artigo intitulado “A Geração Canguru: algumas questões sobre o prolongamento da vida familiar” (2004), Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro acrescentam a dificuldade de manutenção do *status* social de que gozam jovens das camadas médias como aspecto que tende a adiar a decisão de deixar a casa dos pais. Para os autores, muitos jovens representantes da geração canguru prolongam a coabitação com os pais por estarem cientes de que, nos primeiros meses ou anos de ganhos financeiros próprios, seus rendimentos seriam insuficientes para manter o padrão material de que desfrutavam no lar parental, de tal modo que assumir integralmente a própria vida implicaria perdas materiais e de *status* que esses jovens não desejam ou não julgam necessário enfrentar.

^{††} <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>. Acesso em: 22 fev.2011

Portanto, no que concerne aos aspectos estruturais e conjunturais da realidade compartilhada brasileira, os elementos “educação” e “percurso profissional” merecem ser considerados, sobretudo em sua relação com os projetos de vida e com os valores individuais e sociais que os definem e direcionam. Se é admitido que a organização do ambiente social reverbera sobre a construção desses projetos, as mudanças tecnológicas que tomam espaço na pós-modernidade parecem exigir a revisão da expectativa de linearidade e constância reveladas pelos percursos de vida nas gerações anteriores. Sob essa ótica, Pais (op. cit.) chama a atenção para as políticas públicas direcionadas à juventude, as quais, segundo o autor, são elaboradas de modo a ajustar-se a percursos lineares que nem sempre refletem a realidade da vida dos jovens.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS CONCEITUAIS

Ao contextualizar os processos de transição para a vida adulta com base em uma perspectiva intergeracional, a literatura, bem como as informações obtidas no cotidiano das relações interpessoais, põem-nos em contato com aspectos como as faixas etárias nas quais situar o jovem e o adulto e com eventos tradicionalmente concebidos como marcos simbólicos de ingresso na maturidade, a saber, o casamento, a independência financeira e a saída da casa dos pais. Todos esses temas, além de haver norteado a definição dos objetivos da pesquisa, remetem-nos, de um lado, à consideração de questões mais amplas e basilares, como a definição de juventude e adultez e, de outro, ao aprofundamento do olhar sobre as transformações no ciclo vital da família na pós-modernidade. Embora constituam aspectos distintos, encontram-se todos eles estreitamente interligados, participando de forma articulada, não apenas da compreensão dos processos de transição para a vida adulta tal como hoje se apresentam, mas antes, da própria construção desses processos. Afinal, se o percurso ontogenético dos indivíduos se dá em contextos de vida específicos e se estes, por sua vez, são construídos por esses mesmos indivíduos, não há como apreendê-los senão como dimensões de um mesmo sistema.

O que é ser jovem? O que é ser adulto?

Olhar sob as lentes do paradigma sistêmico implica estarmos abertos a contribuições multidisciplinares e a construções interdisciplinares. No caso da transição para a vida adulta, as demarcações etárias, os ritos de passagem e as vivências de construção de identidades individuais reúnem e interligam aspectos biológicos, antropológicos, sociológicos, políticos e psicológicos de um mesmo processo. É nesse sentido que as ideias de Groppo (2000) acerca do conceito de juventude se mostram

valerosas, à medida que dialogam com diferentes áreas do saber. Em “Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas”, o autor propõe uma definição de juventude que ultrapassa os limites fisiológicos e psicológicos da constituição do jovem, apresentando-a como uma “categoria social” de cuja construção participam, de forma articulada, elementos como desenvolvimento biológico individual, momento histórico e social e particularidades culturais. Para Groppo (ibidem), assim como a infância, a juventude consistiu em um construto necessário à organização institucional da vida promovida na modernidade, durante a qual a divisão social do trabalho, exigida pela crescente industrialização, favoreceu a segmentação das sociedades capitalistas segundo o gênero e os grupos etários. Nesse contexto, a criação das escolas exerceu papel fundamental, uma vez que assumiu a função de “preparar o indivíduo em relação à grande especialização econômica e profissional da sociedade moderna” (p.43).

As participações da família e da escola na preparação do indivíduo para a vida profissional podem ser assumidas como o embrião da corrente ideia de juventude como período de transição para a vida adulta e da concepção desta como uma fase de maturidade e estabilidade. Possivelmente, tais instituições expliquem, ainda, a ritualização da independência financeira, do casamento e da saída da casa dos pais como marcos de transição para a adultez. Na pós-modernidade, contudo, a previsibilidade da organização institucional da vida vê-se abalada pelo conjunto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas que hoje conferem ao percurso da vida humana o caráter da instabilidade, que torna transitório e plural todo o trajeto percorrido pelo indivíduo no curso de sua existência. A pluralidade refere-se, aqui, às diversas redes contextuais em que pode desenvolver-se a vida humana, o que leva Groppo (ibidem) a defender a existência de “juventudes”. Em outras palavras, mesmo em um único grupo social, as

experiências podem variar não apenas em função das diferenças entre gerações, mas igualmente entre segmentos distintos de uma mesma faixa geracional:

Na sociedade moderna, as experiências sociais vividas pelas juventudes, em uma dada geração, são radicalmente diferentes das experiências vividas pelos adultos quando estes eram jovens. Relativizando esta concepção, devemos lembrar que a situação de geração não garante a formação de uma unidade (ou unidades) de geração (p.24).

A concepção de juventude como categoria social encontra apoio nos campos da Antropologia, da Psicologia e da própria Sociologia. Enfatizando a impossibilidade de se relacionar, com o mesmo enrijecimento percebido na modernidade, experiências específicas a faixas etárias estanques, Debert (2010) observa que “o curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra” (p.64). Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), por sua vez, concordam que o critério sócio-cultural utilizado para construir percepções acerca da juventude alivia as dificuldades oriundas da cronologização do curso da vida, dentre as quais a expectativa de que as experiências vividas pelos pais se reproduzam no percurso dos filhos. Camarano et. al. (2004), referindo-se à atual mudança de perspectiva quanto aos percursos lineares e previsíveis esperados dos jovens no Brasil, afirmam que “entender essa mudança pode ajudar a observar como a definição de juventude pode variar historicamente” (p.18).

A família diante do filho que cresce

Dentre as múltiplas questões que envolvem a relação da família com o indivíduo em vias de transição para a vida adulta se encontram as noções de independência e autonomia. De uma perspectiva sistêmica, à luz do pensamento complexo moriniano, essas noções devem ser compreendidas como distintas, porém interligadas. Afinal, a autonomia, apreendida como condição psicológica e cognitiva de realizar escolhas e de por elas responsabilizar-se, presume certa medida de independência. Contudo, paradoxalmente, alimenta-se de dependência, na medida em que, segundo Morin (2007)

nós dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro de um cérebro, ele mesmo produto de um programa genético, e dependemos também de nossos genes (p.66).

Aplicada à dinâmica de funcionamento do sistema familiar, a compreensão moriniana de autonomia torna possível problematizar a vinculação da ideia do “tornar-se adulto” à separação física do indivíduo em relação à sua família de origem. Tal ideia por muito figurou inclusive no campo da Psicologia e apenas recentemente vem sendo questionada. Em “O lançamento do jovem adulto solteiro”, Aylmer (1995) define o estágio do ciclo de vida do jovem adulto como “aquele período de tempo em que o indivíduo deixou sua família de origem, em termos físicos, se não emocionais, mas ainda não estabeleceu uma família de procriação” (p.169). Trata-se de uma compreensão de adultez ainda alimentada pelo pensamento institucionalmente organizado característico da modernidade. Já Berthoud (2000) considera a possibilidade de uma separação simbólica, efetivada pelo jovem “ao assumir uma postura independente em relação aos progenitores” (p.218).

As discussões acerca do conceito de autonomia lançam luz, ainda, sobre o caráter necessariamente mútuo do “tornar-se autônomo”. McCullough e Rutemberg (1995), em capítulo intitulado “Lançando os filhos e seguindo em frente”, enfatizam a importância do comportamento dos pais na interação com filhos em transição para a vida adulta. Segundo as autoras, para que um indivíduo se torne independente e autônomo em relação ao seu núcleo familiar de origem, é igualmente importante que os pais se revelem capazes de deixá-lo simbolicamente “partir”. Para tanto, é necessário que os progenitores hajam construído sobre bases seguras a própria capacidade de desligar-se, mantendo internalizadas suas respectivas figuras de apego, sem a necessidade da convivência física. Esta não precisa cessar de existir, mas deixa de ser vital para a sobrevivência psíquica desses indivíduos. A fim de executar com sucesso o “lançamento” dos filhos, é necessário, portanto, que pais e mães se tornem capazes de reconhecê-los como pessoas inteiras e potencialmente autônomas e que estabeleçam com eles relações maduras. Cabe afirmar que o termo “lançamento” é, neste trabalho, emprestado da literatura corrente, assumindo a conotação de um distanciamento simbólico e não necessariamente físico. Em outras palavras, em coerência com a crítica direcionada à ideia da saída da casa dos pais como evento que inaugura a vida adulta, o “lançamento” é aqui pensado em termos de uma capacidade de fazer e bancar emocionalmente as próprias escolhas, bem como de assumir opiniões próprias.

Referindo-se a casos em que o lançamento dos filhos não obtém sucesso, McCullough e Rutemberg (ibidem) identificam possíveis posturas reveladas pelos pais. A primeira delas é a negação: por considerar a família altamente funcional, não concebem como possível que um filho revele dificuldade em tornar-se autônomo. Em outros casos, localizam o problema no filho, como se não participassem ativamente da construção de sua autonomia. Em famílias aglutinadas, nas quais a interdependência

psíquica é bastante forte e se materializa em outras formas de dependência, sobretudo a financeira, os pais podem, segundo as autoras, não enxergar problemas na condição dependente do filho em relação a eles; a tal condição subjaz, nesses casos, a igual dependência das figuras parentais em relação ao filho. Diante de situações de lançamento, alguns progenitores desenvolvem sintomas físicos e emocionais, casos em que, para as autoras, o desenlace é percebido como perda. Finalmente, raros são os pais capazes de compreender as dificuldades no lançamento dos filhos como parte de dinâmicas familiares disfuncionais.

Também com referência ao comportamento dos pais em relação aos filhos que crescem, Cervený e Berthoud (1997) identificam, com base em estudo realizado com 1105 famílias paulistas, a ambivalência de alguns progenitores na interação com seus descendentes ao longo da *fase madura* do ciclo vital familiar, fase esta em que costuma se dar a transição dos filhos para a vida adulta. Segundo as autoras, esses pais, apesar de tratar os filhos adultos ou potencialmente adultos como indivíduos autônomos, exercem “vigilância contínua no que diz respeito ao modo como essa autonomia se realiza” (p.106). Comportam-se, assim, de forma a promover um possível distanciamento físico desacompanhado da autonomia psicológica que deveria sustentá-lo. Isto é identificado também por McCullough e Rutemberg (op. cit.), quando afirmam:

A independência física sem a concomitante autonomia emocional poderia ser definida como um pseudolancamento. (...) A dependência subjacente vem à luz quando o jovem adulto se mete em encrencas e precisa ser socorrido pelos pais (p.256).

Após observar a importância conferida por essas autoras às relações intergeracionais ao longo do processo de transição para a vida adulta, podemos recorrer a Bowen (1991) para mais satisfatoriamente compreender o funcionamento humano

implicado no maior ou menor êxito obtido nesse processo. A teoria familiar boweniana inscreve-se no paradigma sistêmico, sendo a própria família compreendida como um sistema emocional caracterizado pelo que o autor denomina *massa indiferenciada do ego familiar*: “una unidad emocional, aglutinada, que existe em cada nivel de intensidad, tanto en las familias en las que es más evidente como en aquellas em las que es prácticamente imperceptible” (p.35). Partindo da unidade emocional constituída pela família de origem, o processo de construção do indivíduo, do qual é parte integrante a transição para a vida adulta, dar-se-ia segundo um movimento de *diferenciação*, ou seja, de aquisição progressiva de autonomia emocional com relação a essa família. Nesse processo estariam envolvidas as duas forças vitais que, segundo Bowen e Kerr (1988), governam o funcionamento dos indivíduos em suas inter-relações, embrionariamente nas relações familiares: a individualidade e a vinculação, que se articulam de modo a viabilizar o desempenho mais ou menos autônomo de cada membro dentro e fora da família.

A capacidade de cada indivíduo de bem administrar as forças vitais opostas que o impulsionam, ora para um funcionamento mais autodeterminado (individualidade), ora para uma organização psicológica mais dependente das expectativas de outros significativos (vinculação), dimensionará sua diferenciação. Diferenciar-se não significa, contudo, romper absoluta e definitivamente com o núcleo familiar; consiste, antes, em uma oportunidade, para os jovens em transição para a adultez, “de escolherem emocionalmente aquilo que levarão da família de origem, aquilo que deixarão para trás e aquilo que irão criar sozinhos” (Carter & McGoldrick, 1995, p.16).

A diferenciação diz respeito, portanto, primordialmente à aquisição de autonomia, ou seja, de uma capacidade individual de realizar as próprias escolhas, o que, segundo Bowen e Kerr (ibidem), não significa agir de forma egoísta, mas sim

autodeterminada. Papero (1998) lembra a centralidade do controle do nível de ansiedade para o sucesso na construção de uma unidade emocional individual autônoma, afirmando que o grau de diferenciação atingido por um indivíduo será tanto mais alto quanto maior se revelar sua capacidade de separação entre os sistemas emocional e intelectual, ou seja, de controle dos medos comumente associados ao tornar-se adulto e ao responsabilizar-se pela própria vida. A intergeracionalidade emergiria, nesse contexto, como aspecto central, na medida em que os medos se mostram presentes nas relações intrafamiliares e, transmitidos entre as gerações, podem exercer considerável influência no processo de diferenciação do si mesmo.

CAPÍTULO 4

MÉTODO

Em consonância com as dimensões de *complexidade*, *instabilidade* e *intersubjetividade* que sustentam o paradigma sistêmico, uma possível compreensão da forma como figuras parentais atualmente percebem e experienciam a transição de seus filhos para a vida adulta foi construída por meio de uma pesquisa qualitativa, realizada com base em entrevistas semiestruturadas. Alinhado ao princípio hologramático da complexidade, de acordo com o qual as partes constitutivas de um fenômeno são capazes de revelar características de seu todo (Morin, 2007), o método qualitativo privilegia a construção de compreensões compartilhadas da realidade, em detrimento de números extensivos de opiniões concordantes ou discordantes reveladoras de categorias de análise estanques. Isto põe em evidência o caráter interpretativo da pesquisa, o qual, por sua vez, não pode ser concebido de forma dissociada da relação entre pesquisado e pesquisador.

Com efeito, Denzin e Lincoln (2006) definem a interpretação e a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos de pesquisa aos fenômenos como características centrais de uma pesquisa qualitativa. Lembram, ainda, a importância de não se isolar um fenômeno em pesquisa de seu espaço natural de expressão (*natural setting*), nem tampouco do pesquisador, dado o caráter processual e interativo dessa forma de estudo. A pesquisa qualitativa como processo desenvolvido no espaço da interação entre pesquisado e pesquisador, este com foco estabelecido em determinados tema e recorte temático, justifica, por sua vez, a opção pela entrevista semiestruturada. Segundo Kvale e Brinkmann (2009), o uso de entrevistas permite co-construções de possíveis realidades, o que dimensiona a importância da competência do pesquisador na condução das conversações com os sujeitos de pesquisa. Partindo de questões abertas preestabelecidas (as relativas a este trabalho se encontram no Anexo II), o pesquisador conduz a interação com o(s) entrevistado(s) de forma a, simultaneamente, oferecer

liberdade a este(s) para que se expresse(m) com a maior liberdade possível e procurar garantir que o tema em foco seja correntemente contemplado. Daí o caráter semiestruturado da entrevista, de liberdade de expressão conjugada à fidelidade ao objetivo proposto para o estudo.

Este projeto, em conformidade com as exigências institucionais relativas à pesquisa com seres humanos, foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e aprovado sob o Protocolo nº 373/2010 em 08/11/2010.

Participantes

No intuito de compreender os significados atribuídos por pais e mães à experiência de transição para a vida adulta de seus filhos a partir de uma autorreferência, foram convidados, por telefone ou via e-mail, 11 pais (número correspondente a quatro casais e três mães solteiras) que atendiam aos seguintes critérios de inclusão:

- 1) têm diploma de graduação, mesmo que, no momento, não se encontrassem no exercício da profissão;
- 2) são pais biológicos ou adotivos de indivíduos que tenham concluído curso de graduação há pelo menos dois anos, tempo estimado como suficiente para o efetivo ingresso no mercado de trabalho;
- 3) são pais biológicos ou adotivos de indivíduos que têm atualmente entre 25 e 30 anos, sendo o limite inferior desse intervalo etário correspondente ao definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como idade de ingresso no mercado de trabalho e o limite superior, correspondente à idade média em que o indivíduo atinge a maturidade biológica (Bee, 1997).

Como perfil geral, as mães entrevistadas têm entre 54 e 65 anos e os pais, entre 57 e 58. Seguindo o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) apresentado abaixo, as famílias pertencem aos estratos A2 (três famílias) e B1 (quatro famílias).

Procedimentos

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada participante ou casal de participantes, com duração média de 1 hora e 30 minutos cada. No momento inicial dos encontros, foi apresentado aos participantes o TCLE (Anexo I). Após a assinatura do mesmo, antes da apresentação das perguntas, foi solicitado aos entrevistados que preenchessem uma ficha de informações familiares (Anexo III), uma vez que aspectos como a idade dos membros da família seriam necessários para a contextualização das experiências vividas por pais e filhos. As entrevistas foram devidamente transcritas e encontram-se disponíveis no Anexo III deste trabalho, juntamente com as respectivas fichas de informações familiares. Os nomes dos entrevistados e de seus filhos, assim como os nomes de todas as outras pessoas citadas pelos participantes nas entrevistas, foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos envolvidos.

Em um segundo momento, foi enviado e-mail solicitando aos participantes que respondessem ao questionário de classificação econômica elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Esse pequeno questionário aplica o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), que divide a população brasileira urbana em classes econômicas segundo o grau de instrução do chefe da família e o poder de compra de seus membros. Após obtenção das respostas ao questionário, a classe econômica relativa a cada família foi anotada nas respectivas fichas de

informações familiares. O conteúdo do questionário e o sistema de pontos encontram-se no Anexo IV deste escrito.

Análise e Interpretação

Considerando, de um lado, que, na entrevista, a narrativa dos participantes de uma pesquisa se apresenta ao longo das conversações com o pesquisador e, de outro, que as falas deste, na medida em que derivam de percepções subjetivas, revelam, por si sós, interpretações, não se pode dissociar por completo o momento da entrevista de sua própria interpretação. Como afirmado anteriormente, a pesquisa qualitativa sob o paradigma sistêmico consiste em uma co-construção de significados passíveis de aceitação em uma realidade compartilhada. À própria descrição da experiência vivida pelos sujeitos subjazem interpretações, uma vez que a transformação das vivências em linguagem pressupõe elaborações subjetivas do conteúdo experienciado (Kublikowski, 2001). Assim, podemos afirmar que o processo de análise e interpretação das narrativas construídas ao longo das entrevistas com os participantes consistiu de três momentos distintos, porém estreitamente relacionados:

1º) a interpretação acima descrita, que emerge espontaneamente do diálogo entre pesquisado e pesquisador;

2º) a tematização e a categorização, viabilizadas a partir dos movimentos de desmembramento e articulação dos dados (idem, 2001);

3º) a interpretação propriamente dita, que tomou em perspectiva as interpretações construídas no âmbito de cada entrevista, bem como a categorização oriunda da articulação dos dados obtidos em todas as entrevistas, a fim de que pudéssemos apresentar uma compreensão do fenômeno dotada de sentido.

CAPÍTULO 5

PARTICIPANTES

Este breve capítulo tem como objetivo oferecer ao leitor uma visão geral das famílias participantes da pesquisa. As informações contempladas restringem-se ao avaliado como necessário para se compreender o processo de análise e interpretação cujos resultados se apresentam no capítulo seguinte.

FAMÍLIA 1: JOSÉ CARLOS E LÚCIA

Naturais, respectivamente, de Piracicaba e Jaboticabal, o engenheiro José Carlos, 57, e a psicóloga Lúcia, 54, conheceram-se ainda crianças. A convivência próxima, contudo, veio apenas durante o namoro, na cidade de Jaboticabal, onde ambos viviam. Casaram-se em 1977. Ainda na universidade, Lúcia engravidou de seu primeiro filho, após o qual teve mais três, todos ao longo da graduação; esta, por sua vez, estendeu-se por 11 anos. O filho mais novo, Sandro, o único que participa da pesquisa, nasceu em 1984. Em 1989, a família mudou-se para Piracicaba, onde o casal vive até hoje.

A transição para a maturidade foi, afirma Lúcia, um processo gradual em sua vida. Segundo a psicóloga, esse processo teve início com a primeira gravidez, que lhe exigiu responsabilidade sobre o filho. Em seguida, quando se mudou com o marido para uma chácara, distanciando-se fisicamente dos pais, sentiu-se um pouco mais adulta, sobretudo pela quebra da dependência financeira e emocional que reconhecia ter em relação aos progenitores. Após um novo passo em termos de amadurecimento conseguido com o primeiro salário, Lúcia afirma ter concluído sua transição para a vida adulta com o início da atuação clínica em consultório particular, aos 33 anos.

José Carlos, diferentemente da esposa, localiza a própria transição para a maturidade em um momento específico, aos 24 anos. Nessa idade, o engenheiro afirma ter conquistado o emprego desejado e que lhe trouxe não apenas independência financeira, mas também a necessidade de assumir gastos e de se ajustar a horários e

datas. A isto se adicionou o nascimento do primeiro filho, com a exigência de assumir as despesas de sua criação. Revelando ter recebido de seus pais uma educação voltada para a simplicidade e para o não-consumismo, José Carlos afirma ter transmitido o mesmo aos filhos, os quais, por essa razão, aprenderam a administrar de forma responsável as próprias finanças.

De modo geral, tanto José Carlos quanto Lúcia consideram o filho Sandro uma pessoa adulta, localizando a maturidade sobretudo no aspecto profissional e na forma responsável com que administra a própria vida e o próprio dinheiro. Engenheiro agrônomo formado pela ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP) em 2008, Sandro é coordenador de projetos em uma usina e, em função do trabalho, vive em Goiânia-GO com a esposa, com quem se casou em 2010. O “lado criança” enxergado pela mãe em Sandro refere-se ao modo como ele se entrega à condição de filho quando visita os pais, aproveitando-se de forma carinhosa da companhia e cuidado destes.

Quanto aos aspectos necessários à transição para a maturidade em uma perspectiva geral, José Carlos considera a somatória dos fatores estabelecimento profissional, casamento e filhos. Lúcia, por sua vez, ressalta sua concepção de transição para a vida adulta como um processo, este composto por eventos como sair da casa dos pais e construir uma vida junto com um(a) companheiro(a).

FAMÍLIA 2: RICARDO E NILVA

Casados desde 1978, Ricardo e Nilva conheceram-se ainda na infância. Ele, nascido em Pederneiras, filho de um carcereiro, formou-se em Letras e fez carreira como professor de Língua Portuguesa, do que diz gostar muito, além de afirmar exercer muito bem a profissão. Atualmente, embora aposentado, permanece na ativa, dividindo-

se entre Ribeirão Preto, Campinas e Franca, cidades entre as quais se reveza nos dias de semana. Desde 1976, reside em Piracicaba, interior de São Paulo, para onde se mudou ao conseguir aulas em uma tradicional escola particular. Nilva, natural de Dois Córregos, também no interior paulista, graduou-se em Artes na UNESP de Bauru, outro município do estado de São Paulo, transferindo-se para Piracicaba em 1971, quando passou a dar aulas na rede pública. Filha de um comerciante, Nilva afirma não lhe haver faltado nada na adolescência, período lembrado por ela de forma bastante positiva.

Ricardo saiu de casa aos 22 anos, quando adquiriu independência financeira. Para ele, as condições materiais das quais gozava eram em muito diferentes daquelas oferecidas aos seus dois filhos hoje; por isso, segundo Ricardo, sair de casa era um desejo maior do que o percebido em seus filhos atualmente. O pai acrescenta que os jovens em geral têm deixado a casa dos pais cada vez mais tarde, o que observa entre os próprios alunos que, segundo ele, têm permanecido mais tempo na graduação. Ricardo ressalva, contudo, que apoiaria os filhos se estes manifestassem a intenção de deixar o lar parental. Acredita, ainda, que uma namorada, no intuito de obter mais privacidade, seria capaz de tirar os filhos de sua casa. Quanto ao modo como percebe Nilton e João, afirma enxergá-los como adultos, adotando como parâmetro de maturidade a capacidade de viver sem os pais. Ricardo não especifica o momento da vida em que se considerou adulto; isto é referido pela esposa, que associa a maturidade do marido à independência financeira por ele adquirida aos 22 anos.

Nilva, que, hoje aposentada, dedica-se a ministrar aulas particulares de pintura em seu ateliê, além exercer as próprias atividades artísticas, também deixou o lar parental aos 22 anos. Considera haver se tornado adulta nesse período, quando passou a viver longe da família e a sustentar a própria irmã. Em termos de idade, afirma ter atingido a adultez muito antes de Nilton e João, atualmente com 30 e 25 anos. Nilva diz

que, como mãe, jamais irá enxergar os filhos como absolutamente adultos, porém observa em seus descendentes atitudes maduras, sobretudo no que diz respeito ao “virar-se sozinhos”. A mãe não considera que os filhos desejem hoje sair de casa, onde gozam de bastante conforto. Afirma que os apoiaria se isto desejassem, reconhecendo, contudo, beneficiar-se da companhia dos filhos, sobretudo durante a noite, já que Ricardo trabalha em outras cidades, permanecendo ausente durante boa parte da semana. Nilva afirma, ainda, que jamais exigiria dos filhos que deixassem o lar parental.

O casal enxerga os filhos como bastante diferentes um do outro. Nilton, o mais velho, teve problemas fonoaudiólogos e motores ao longo de toda a infância, tendo sido submetido a diversas cirurgias e tornando-se um jovem tímido e que nada ostenta. Graduado em Rádio e TV em uma universidade particular de Piracicaba (UNIMEP), encontrou dificuldades em desenvolver-se profissionalmente na carreira escolhida. A escolha profissional foi respeitada pelos pais, que, no entanto, lamentam tais dificuldades encontradas pelo filho. Amante de música e arte, atualmente Nilton faz *free-lancer* como DJ à noite, além de, durante o dia, acompanhar a mãe nas atividades artísticas em seu ateliê. Segundo Ricardo, Nilton é um rapaz diferente da maioria de seus alunos, especialmente no que diz respeito à postura mais tímida e humilde com que se apresenta no dia-a-dia.

João, o mais novo, é descrito pela mãe como um garoto muito estudioso e de êxito na escola e nas atividades em geral. Sempre bastante exigente consigo, mostrava-se, na infância, intolerante ao fracasso, diante do qual revelava atitudes autolesivas, como bater a cabeça na parede. Na adolescência, desejava ser jogador de futebol, o que não foi incentivado pelos pais, segundo Nilva bastante voltados para os problemas de saúde de Nilton. Aos 15 anos, João desenvolveu anorexia nervosa, diagnosticada tardiamente, chegando a pesar 36 kg. A mãe refere-se a esse período como de profundo

sofrimento e busca incessante pela cura do filho, atingida 1 ano depois do diagnóstico. Atualmente *personal trainer* e professor em uma academia de ginástica, João graduou-se em Educação Física na UNESP de Rio Claro, cidade localizada a 20 km de Piracicaba. Após a faculdade, fez um curso na UNIFESP, em São Paulo. Referido por Nilva como reservado e cauteloso, João é, segundo a mãe, bastante diferente do irmão.

FAMÍLIA 3: ELZA

Elza, psicóloga de 63 anos, nasceu em Campinas-SP, onde estudou em escola pública durante os Ensinos Fundamental e Médio, ora chamados Primeiro e Segundo Graus. Graduiu-se em Psicologia na PUC de Campinas aos 22 anos e, convidada para dar aulas na instituição, imediatamente firmou-se como professora titular do curso, lá permanecendo por 19 anos. Embora tenha realizado matérias no Mestrado, Elza não o concluiu; afirma à época não ter julgado interessante, pois já se encontrava na posição de titular. Em 1989, envolvida no atendimento clínico em consultório particular e em aulas de formação em Psicodrama, optou por deixar o emprego na universidade, alegando-se cansada e desestimulada em função do mau preparo dos estudantes que então ingressavam na graduação.

Elza afirma jamais ter procurado empregos. Credita os convites de trabalho recebidos à seriedade com que sempre levou a profissão e os estudos. Além dos empregos citados, entre 1998 e 2003 trabalhou como psicóloga clínica no serviço de atendimento de uma empresa de Piracicaba, função para a qual também foi convidada. Elza identifica aí uma diferença fundamental entre o mercado de trabalho dos anos 70 e a situação atual de busca por emprego, segundo ela hoje mais difícil inclusive para pessoas mais velhas.

Nos tempos de professora universitária, surgiram também para Elza outras oportunidades de trabalho, dentre as quais a de psicóloga em uma instituição para menores infratores em São Paulo. Dividindo-se entre Campinas e a capital, Elza optou por alugar um apartamento em São Paulo, segundo ela para ter a própria casa, já que no interior morava com a mãe. Ao estabelecer-se novamente em Campinas, fez questão de levar a mãe para morar consigo e com seu filho, André, segundo Elza no intuito de horizontalizar a relação com a mãe.

Foi em São Paulo que Elza conheceu Cássio, pai de seu único filho, André. Embora não tenham se casado, moraram juntos durante toda a infância do filho, nascido em 1982. A separação definitiva, de acordo com Elza, ocorreu quando André tinha em torno de 11 anos. Pouco tempo depois, em 1993, a psicóloga conheceu Mauro, desde então seu namorado, que vive em São Paulo e a encontra aos fins de semana. Quanto a Cássio, que acabou por constituir outra família, ele não vê o filho há pelo menos dois anos.

Com relação à própria transição para a vida adulta, Elza a concebe como algo que evolui em graus. Em sua história, esses diferentes graus foram sucessivamente marcados pela independência financeira conquistada com o trabalho na PUCCAMP, pela administração da própria casa possibilitada pelo aluguel do apartamento em São Paulo e pelo tornar-se mãe. Quanto ao filho, engenheiro químico formado pela UNICAMP, que atualmente reside com ela e é funcionário da Petrobrás, Elza afirma não enxergá-lo como um adulto: embora financeiramente independente, André é, segundo a mãe, emocionalmente dependente dela e vê sentido em deixar o lar parental apenas para viver com uma namorada.

Elza afirma que, de modo geral, a transição para a vida adulta depende de o indivíduo responsabilizar-se pelas próprias coisas, ter planos, ter uma profissão e

encontrar um(a) companheiro(a). Vê, ainda, a importância de se deixar o lar parental, embora afirme ser a permanência na casa dos pais uma situação comum hoje em dia. E, pessoalmente, reconhece que, para ela, a companhia do filho é positiva.

FAMÍLIA 4: ELTON E REGINA

Os advogados Elton, 57, e Regina, 56, conheceram-se na Faculdade de Direito da USP, a São Francisco, onde estudaram juntos. O namoro, contudo, teve início somente 6 meses após a formatura, ocorrida em 1977. Casaram-se em 1980 e tiveram 2 filhos: Camila, 29 anos, advogada pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), recém casada com um fisioterapeuta, e Antônio, 26, publicitário formado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e há 3 anos funcionário da Editora Abril, onde ingressou por meio de um processo de *trainee*. Camila vive com o marido em Piracicaba e Antônio mora com a avó materna em São Paulo.

Elton, filho de professores primários, nasceu em São José do Rio Pardo, onde se restabeleceu com a família aos 7 anos de idade, após viver entre lugarejos menores em função do trabalho dos pais. No grupo escolar, identificou a habilidade com a fala e com a escrita, além do interesse por disciplinas na área de Humanas, o que viria a ser decisivo para sua formação profissional. O interesse em conhecer características de outros países rendeu-lhe a oportunidade de, na adolescência, comunicar-se com Embaixadas e cidadãos estrangeiros. Aos 17 anos, realizou um intercâmbio nos Estados Unidos, onde permaneceu durante 1 ano e finalizou os estudos. Elton afirma ter estudado apenas em escolas públicas, à época consideradas de maior qualidade. A graduação, também em uma universidade pública, foi, segundo ele, a única opção, em virtude do prestígio da instituição e em razão de a família não dispor de recursos para bancar uma faculdade particular.

Após dar aulas de inglês durante os três primeiros anos de graduação, Elton foi convidado a trabalhar em um dos maiores escritórios de advocacia de São Paulo, onde permaneceu até 1981. Acreditava ser necessário diversificar as vivências profissionais, no intuito de adquirir maior experiência. Ao longo dos 11 anos seguintes, trabalhou em outras três empresas, duas delas multinacionais, e foi professor na Universidade Metodista de São Bernardo. Em 1992, diante de duas boas oportunidades de trabalho, uma em Salvador, outra em Piracicaba-SP, optou pelo interior de seu estado, então ingressando na empresa de tratores Caterpillar, onde permanece até hoje. Ao longo de sua trajetória profissional, Elton afirma ter sempre se preocupado com a aquisição de competências, motivo pelo qual fez cursos de extensão, pós-graduação e MBA.

Regina, nascida em São Paulo, viveu boa parte de sua infância e adolescência na casa da avó, para onde se mudou com a mãe e a irmã aos 5 anos de idade, após perder o pai, falecido aos 31 anos. Aos 5 anos e meio ingressou na escola São Judas Tadeu, onde suas tias lecionavam, e rapidamente aprendeu a ler e a escrever. Aos 14 anos, Regina já trabalhava, também como professora, e afirma que, apesar de nada lhe faltar (a mãe era contadora e funcionária do Tribunal de Contas do Estado), evitava pedir dinheiro à mãe. Graduada em Direito juntamente com o marido, durante a faculdade trabalhou como professora no Colégio Santa Catarina e, de lá, passou a estagiar em um escritório de advocacia. Uma vez formada, empregou-se em uma grande imobiliária de São Paulo, onde permaneceu até o nascimento da filha, em 1981.

Segundo Regina, a decisão de não mais trabalhar após o nascimento de Camila foi conversada com o marido. Elton afirma não haver concordado, mas sim respeitado, a escolha da esposa, cuja competência profissional era, para ele, grande demais para ser desperdiçada. Ainda assim, Regina passou a confeccionar artesanato, alguns produtos comercializados, e desenvolveu trabalhos sociais. Elton lembra que, embora longe do

trabalho formal, a competência de Regina foi bem aplicada por ela na função de “gerente” da família: para o marido, uma contribuição essencial para tornar possível seu desenvolvimento profissional.

A transição para a vida adulta é localizada por Elton na experiência do intercâmbio nos Estados Unidos, onde, segundo ele, teve que aprender a tomar decisões sem o amparo da família. Essa transição concluiu-se com a universidade, dada a ampliação das responsabilidades assumidas ao longo da graduação. Regina, por sua vez, afirma jamais ter podido ser de fato criança: desde muito cedo estudando, desde muito cedo trabalhando e, segundo ela, sem o direito de errar. Quanto aos filhos, ambos concordam em considerar apenas Antônio como totalmente adulto, dada sua capacidade de lidar com situações diversas e de assumir responsabilidades de forma menos ansiosa e mais flexível, habilidade não percebida na filha, a qual, apesar de estar se revelando habilidosa na nova condição de dona de casa, parece, segundo os pais, necessitar de uma permanente retaguarda para sentir-se segura.

Como característica geral necessária à transição para a vida adulta o casal considera a capacidade de desenvolver competências para assumir responsabilidades. Percebem a ausência dessa característica nos jovens em geral, segundo Elton e Regina superficiais na condução de suas vidas, em parte devido a um cenário menos politizado e pouco reacionário, que desfavorece a construção de comportamentos exigentes e responsáveis.

FAMÍLIA 5: MARTA

Natural de Tietê, interior de São Paulo, Marta mudou-se para Piracicaba, outro município paulista, aos seis anos de idade. Estudou em uma escola pública ao longo dos Ensinos Fundamental e Médio, então tripartidos em Curso Primário, Ginásial e Colegial. Neste último, optou pelo curso técnico em contabilidade. Em uma extinta

instituição de ensino de Piracicaba, iniciou a graduação em Administração de Empresas, a qual foi concluída, contudo, na cidade de Limeira.

Sexta dentre 16 filhos, Marta começou a trabalhar aos 15 anos. Estudar e trabalhar eram uma exigência dos pais, que haviam interrompido os estudos no 4º ano primário e, segundo ela, desejavam um futuro melhor para seus descendentes. Com seu salário, Marta ajudava a família e sustentava a si própria, bancando inclusive a própria graduação.

Em 1980, aos 34, associou-se a um dos irmãos e abriu um escritório de contabilidade, o qual mantém até hoje. Nesse mesmo ano, após 14 anos de namoro, casou-se, vindo a tornar-se viúva em 1988. Seu marido, então funcionário de um banco estatal, sofrera um infarto fulminante, deixando Marta e a única filha, Laura, então com quatro anos de idade.

Marta afirma que, com relação à formação educacional e profissional da única filha, assumiu uma postura distinta daquela revelada pelos pais em sua própria história. Isso porque, por gozar de uma condição financeira mais favorável se comparada a de seus progenitores, Marta não exigiu que a filha trabalhasse durante os anos de estudo. Segundo ela, a escolha de Laura pelo curso de Nutrição foi livre e apoiada, e a graduação deu-se em Piracicaba, em uma tradicional universidade particular, a UNIMEP. Graduada em 2007, Laura iniciou a procura por emprego em sua área de formação. Em um mercado de trabalho considerado por Marta como mais difícil se comparado ao de sua época, Laura encontrou dificuldades. Atualmente, trabalha duas vezes por semana como nutricionista em uma academia de ginástica, onde não tem registro profissional. No restante do tempo, auxilia a mãe nas atividades do escritório, onde assume cada vez mais responsabilidades, atualmente cuidando da administração de condomínios.

Embora afirme perceber certa frustração em Laura no campo profissional, Marta considera positivo que a filha a ajude no escritório, uma vez que, ali estando, pode dar continuidade ao seu trabalho. Marta, contudo, diz não desejar nem poder aposentar-se no momento.

Com relação ao modo como percebe a filha em termos de maturidade, Marta afirma considerar Laura uma pessoa adulta e responsável. Atribui a maturidade em geral à capacidade de responsabilizar-se, seja no trabalho, nos estudos ou financeiramente e, quanto à filha, considera-a parecida consigo no que diz respeito ao desejo de não depender financeiramente de ninguém. Isso porque Laura, que namora há 5 anos e reside com a mãe, afirma que não se casará enquanto não puder sustentar-se.

FAMÍLIA 6: CLAUDIA

Claudia, 56 anos, é bancária aposentada, há 13 anos divorciada de Celso, pai de seus três filhos: Fausto, Dário e Gisele, esta última única participante da pesquisa. Gisele, 26 anos, graduou-se em Biologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e hoje vive em João Pessoa, onde faz Mestrado em Biologia Marinha e mora com o namorado. Descrita pela mãe como responsável, séria e concentrada, Gisele pode ser considerada, segundo Claudia, uma pessoa adulta, embora releve certo apego com relação à mãe. Tanto Gisele quanto o namorado sustentam-se financeiramente por meio de bolsas de estudo e das contribuições da família do jovem, a qual, afirma Claudia, tem boas condições financeiras.

Sobre os fatores que, de forma geral, caracterizam a transição para a vida adulta, Claudia identifica o “fazer por si mesmo”, o que diz haver conseguido apenas após o casamento, quando passou a ter de administrar o lar. Afirma que, embora trabalhasse desde os tempos de faculdade, contava com todo o respaldo da mãe, que a esperava para

o almoço com a comida servida à mesa e esquentava o leite todas as noites para que a filha tomasse ao chegar da faculdade.

Nascida em Piracicaba, família humilde, pai temido e mãe submissa, Claudia tem outros seis irmãos, alguns bem mais velhos que ela. Se, de um lado, considerava o pai uma pessoa grosseira, de quem sentia muito medo, por outro o reconhecia em virtudes como gostar de música clássica e fazer questão de que os filhos estudassem. Após frequentar escolas públicas ao longo da formação escolar, graduou-se em Comunicação Social na UNIMEP. Contudo, afirma jamais ter atuado na área, uma vez que trabalhou por dez anos em um escritório de contabilidade e por outros tantos na secretaria de um cursinho pré-vestibular. Aos 30 anos, já com os três filhos nascidos, passou em um concurso no Banespa e lá permaneceu até a aposentadoria.

Aos 43 anos divorciou-se de Celso, com quem o casamento já vinha enfrentando crises. A separação foi bem aceita pelos três filhos, que jamais deixaram de ter contato com o pai. Este, após grave acidente sofrido há nove anos, desenvolveu problemas cognitivos e motores, além de insuficiência renal, passando a receber cuidados especiais, inclusive de Claudia. Ela, algum tempo após o divórcio, conheceu Pedro, professor universitário e desde então seu namorado. O casal vive em casas separadas, o que é visto de forma positiva por Claudia.

FAMÍLIA 7: JONAS E ALICE

Os fisioterapeutas Jonas, 58, e Alice, 56, casaram-se em 1979, mesmo ano em que se mudaram para Piracicaba – SP. Jonas, que até então trabalhava no Rio de Janeiro, havia recebido uma proposta, segundo ele financeiramente irrecusável, para montar o setor de Geriatria do Lar dos Velhinhos de Piracicaba por meio da Universidade Metodista da cidade (UNIMEP). À época, recebeu uma carta de

recomendação de seu então chefe, que lhe garantiria o emprego de volta caso a nova experiência não vingasse. Alice, que então trabalhava como fisioterapeuta também na capital fluminense, migrou para junto do marido após o casamento, deixando aos poucos as atividades profissionais e assumindo as tarefas domésticas, às quais, algum tempo depois, veio acrescentar o artesanato.

Jonas, atualmente professor universitário e coordenador do Serviço de Fisioterapia do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, relata a infância e a adolescência como períodos de dificuldade financeira. Considera que sua transição para a vida adulta deu-se com o primeiro emprego, no 2º ano de faculdade, quando começou a dar aulas. Relaciona a transição para a adultez ao fato de, com o dinheiro proveniente do trabalho, ter passado a assumir responsabilidades, vendo-se obrigado a administrar os poucos ganhos financeiros. Foi também na universidade que conheceu Alice, sua companheira de curso e com quem o namoro começou somente após concluída a graduação.

Natural de Petrópolis – RJ, Jonas considera que o tornar-se adulto é um processo que envolve a inserção em uma estrutura familiar adequada e a tomada de responsabilidades. Afirmar estar certo de que seus dois filhos, Thomás, 26, e Fábio, 22, são adultos. Esta visão é apoiada por Alice, que também considera ambos como adultos, embora ressalte a diferença de personalidade entre os dois. Fábio, descrito pela mãe como mais independente, é funcionário de uma empresa fabricante de peças automotivas e hidráulicas, onde trabalha com controle de qualidade; fora do horário de trabalho, exerce a profissão na qual é graduado (UNIMEP), arquiteto, trabalhando com projetos em igrejas. Vive com os pais em Piracicaba e, embora as despesas da casa sejam assumidas por Jonas, no mais se sustenta com o salário e os adicionais que recebe. Thomás, o mais velho, é descrito pela mãe como mais preocupado e mais ligado à família, visão que é corroborada pelo pai. Mora com a avó no Rio de Janeiro, cidade

em que, também formado arquiteto pela UNIMEP, trabalha em um escritório de Arquitetura. Sustenta-se financeiramente e ajuda a avó, embora as despesas da casa sejam, em sua maior parte, assumidas por ela.

Alice, nascida em Friburgo – RJ, considera que sua transição para a maturidade foi forçada pelo nascimento do irmão temporão, Fernando, 14 anos mais novo e do qual ela se viu obrigada a cuidar em virtude da ausência da mãe motivada pelo trabalho. Chamada pelo irmão de “mãe Alice”, responsabilizava-se pelos cuidados com ele, além das atividades domésticas que assumia. O lazer somente era permitido após o cumprimento dessas tarefas. Vivendo com a família no Rio de Janeiro, ingressou no curso de Fisioterapia na cidade de Petrópolis, onde viria a conhecer Jonas. Durante a faculdade, embora houvesse conseguido transferência para o Rio de Janeiro, foi orientada pelo pai a permanecer no interior, o que Alice considera positivo, havendo seu pai percebido que seria melhor para a filha ficar longe da família. Quando de sua mudança para Piracicaba, Alice, assim como o marido, recebeu garantias de que poderia retornar ao trabalho caso a experiência de Jonas não obtivesse sucesso. Embora tenha trabalhado, dois abortos, que lhe exigiram repouso absoluto, acabaram afastando-a das atividades como fisioterapeuta. Atualmente, Alice equilibra as tarefas domésticas com o artesanato, que inclusive comercializa.

CAPÍTULO 6

RESULTADOS

As percepções iniciais obtidas com base em um primeiro olhar sobre as entrevistas - ou seja, aquilo que saltou aos olhos – referem-se às mudanças contextuais que hoje conferem novos matizes aos processos de transição para a vida adulta. Notáveis diferenças entre os percursos de pais e filhos confirmaram a ideia, defendida entre sociólogos (Groppo, 2000) e antropólogos (Debert, 2010), de que as reflexões sobre a construção da adultez pedem novas referências, haja vista a inadequação das expectativas de linearidade e constância que, presentes nos processos de transição dos pais, não mais se ajustam à realidade dos jovens em tempos atuais. À medida que o exercício analítico aprofundava-se, alguns assuntos ganhavam contorno, criando condições para uma organização inicial do conteúdo das entrevistas. Os principais assuntos abordados pelos participantes encontram-se representados por falas dos entrevistados organizadas em tabelas no Anexo V e compreendem: 1) idade de transição dos pais para a vida adulta; 2) contexto externo na transição dos pais para a vida adulta; 3) contexto externo na transição dos filhos para a vida adulta; 4) marcos de transição dos pais para a vida adulta; 5) marcos gerais de transição para a vida adulta; 6) modo como os pais percebem os filhos; 7) atitudes dos pais em relação aos filhos.

A idade de transição dos pais, por unanimidade inferior à idade atual dos filhos, localizou-se primordialmente entre os 22 e os 25 anos, havendo o processo se desenrolado em um contexto apresentado como favorável à construção da maturidade. Tal contexto foi desenhado como representando uma conjuntura socioeconômica relativamente segura, dada a facilidade na obtenção de empregos, a despeito das dificuldades financeiras intrafamiliares reveladas por alguns entrevistados. Em contraposição ao caráter positivo conferido ao contexto externo de transição dos pais, o cenário em que hoje se desenvolve o percurso dos filhos é apresentado como mais complexo e difícil, especialmente no que tange à possibilidade de se reproduzir o *status*

social herdado da família de origem em um novo contexto de autossustento. Os marcos relativos à passagem para a vida adulta dos pais chamaram atenção por terem sido todos eles relacionados a eventos específicos; mesmo nos casos em que a pergunta era “*quando você considerou que se tornou uma pessoa adulta?*”, as respostas atribuíam a eventos, antes do que a competências pessoais desenvolvidas, a transição para a adultez. Os marcos gerais de ingresso na vida adulta, por sua vez, diferentemente daqueles relacionados especificamente às figuras parentais, alternaram-se entre a ocorrência de eventos específicos e a aquisição de características individuais, sobretudo a responsabilidade. As afirmações dos pais quanto ao modo como enxergam seus filhos nos respectivos processos de transição revelaram percepções positivas, porém em alguns casos ambivalentes, inseguras quanto à efetividade da condição adulta de alguns dos descendentes. As atitudes descritas pelos pais na relação com seus filhos refletiram posicionamentos ora mais diretivos, com uma participação maior nas escolhas e nos trajetos pessoais dos jovens, ora mais reservados, respeitando os limites da individualidade destes.

Ideias e significações

Conhecidos os assuntos emergentes de um primeiro olhar atento sobre as entrevistas, pudemos avançar no processo de análise e interpretação, buscando então identificar pontualmente ideias subjacentes às compreensões sobre a transição para a vida adulta, tanto na história dos pais quanto no percurso de seus filhos, além de em uma perspectiva geral. Essas ideias descortinam, com base na perspectiva das figuras parentais, as significações envolvidas no processo de “tornar-se adulto”, significações essas aqui nomeadas pelos termos *separação física*, *dependência afetiva* e *responsabilidade*.

Referindo-se aos próprios marcos de transição para a vida adulta, José Carlos e Lúcia localizaram em eventos específicos os fatos desencadeadores de uma postura individual mais madura. Trabalho, respeito a horários e necessidade de sustentar o primeiro filho, do lado do pai, e maternidade, distanciamento em relação à família de origem e trabalho, do lado da mãe, foram os eventos citados pelo casal. Subjacentes a tais eventos, pudemos identificar as noções de responsabilidade e separação física em relação à família de origem, a primeira compreendida como um traço de personalidade necessário à boa condução dos compromissos da vida e a segunda, como uma dificuldade a ser superada. Observando as opiniões do casal quanto aos marcos gerais de transição para a vida adulta e quanto ao modo como enxergam o filho Sandro nesse processo, é possível perceber certa coerência, uma vez que essas mesmas significações se mantêm. Afinal, José Carlos identifica como marcos gerais o casamento, a conquista do trabalho desejado e a criação de filhos, eventos que demandam responsabilidade. Lúcia, por sua vez, considera a saída da casa dos pais como indicador de adulez, invocando a ideia de separação física. Quanto a Sandro, os pais o consideram adulto por haver cumprido praticamente todos os eventos por eles considerados necessários à construção de maturidade; ressaltam, porém, que a ausência de filhos e as demandas explícitas de afeto na relação com os pais abalam a certeza quanto à integralidade de sua adulez:

“O Sandro já com 26 tá... semelhante. Menos um pouco porque ele não tem filho”.
(José Carlos)

“Eu vejo o Sandro bastante responsável, assim, profissionalmente bastante sério. Mas têm umas coisas, assim, alguns momentos, que eu falo ‘ai, que criança, que meninão ainda’ (...) quando ele chega aqui, que ele se põe no sofá... aí ele quer deitar em cima do pai, quer deitar em cima de mim, quer ficar de mãos dadas (...) Parece que ele quer sentir, assim, aquela coisa que ele perdeu, né? Aquela coisa de ‘ai, que bom, agora eu não tenho que decidir nada, posso ficar encostadinho aqui assim’”.
(Lúcia)

Embora não afirmem explicitamente que a saída da casa dos pais constituiu um dos marcos de transição para a maturidade na vida do casal, Ricardo e Nilva oferecem uma compreensão de adultez fortemente vinculada à ideia de separação física. O tema da saída da casa dos pais é levantado por ambos, tanto para narrar o percurso de suas vidas pessoais quanto para referir-se à atual condição dos filhos. Ricardo identifica nas transformações contextuais externas elementos que, refletindo-se sobre as condições intrafamiliares, explicam o atual prolongamento da permanência dos jovens em geral, e de seus filhos em particular, no lar parental. Gozando de mais conforto na casa dos pais, Nilton e João não teriam, segundo o pai, motivos aparentes para desejar partir. Ricardo revela, ainda, uma concepção de adultez fundamentada na capacidade de viver sem pai nem mãe, potencialidade que reconhece nos filhos, considerados, portanto, adultos. Apesar de Nilva não concordar com a opinião do marido, localiza em si própria, e não nos descendentes, o porquê de não considerá-los adultos, mesmo reconhecendo nos filhos alguns comportamentos maduros. A responsabilidade é exaltada por Ricardo quando afirma que Nilton e João são bons filhos, o que é exemplificado pela mãe, ao lembrar que são estes, que não bebem, que voltam dirigindo o carro quando a família vai a festas:

“Nossos filhos são muito bons. Não bebem, não fumam. Pelo contrário, às vezes até sou eu que ofereço pra eles (risos). Às vezes eu acho até eles meio ‘caretas’”.
(Ricardo)

“A gente vai em festas e eles voltam guiando!”
(Nilva)

“E aí trabalhei, fiquei aqui, sofri um pouco. Porque, você imagina, minha casa era... era uma família bem constituída. E eu cheguei aqui e não tinha ninguém”.
(Nilva)

“O que significa ser adulto? Ser adulto significa você conseguir viver sem o pai e a mãe, é isso?”. (...)“Acho que se a gente desaparecesse pra sempre da vida deles,

acho que eles conseguiriam pelas próprias pernas, se virar. Então, se o conceito de adulto for esse, eu posso dizer que eles são adultos”.

(Ricardo)

“Então, assim, acho que, comparando, eu saí de casa com 22 anos. E hoje os meus filhos ‘tão’ na minha casa, tanto o João quanto o Nilton. Então, acho que os dois fatores são esses: primeiro, o conforto que existe e que não existia antes; segundo, o que eu vejo nos meus alunos, ou por depoimento de outros colegas, os jovens estão demorando mais mesmo pra sair de casa”.

(Ricardo)

“Porque, que nem, eu, como mãe, eu vou achar sempre que eles não são adultos. Agora, eles têm atitudes de adultos? Eles têm!”.

(Nilva)

A responsabilidade e a dependência afetiva constituem as significações imbricadas no discurso de Elza quando se refere aos processos de transição para a vida adulta. Recorrendo a acontecimentos específicos, ela aponta a responsabilidade no trabalho e a administração da própria moradia, além da maternidade, como legitimadoras de seu percurso em direção à maturidade; sair da casa dos pais não implicou, contudo, separação, uma vez que, invertendo a hierarquia, Elza levou a própria mãe para morar consigo. André, que vive com Elza, não é por ela considerado adulto. Embora potencialmente autossuficiente em termos financeiros, não considera deixar o lar parental, o que é interpretado pela mãe como garantia de certa comodidade, já que não precisa se responsabilizar por uma moradia, e como forma de manter a vinculação afetiva à figura materna por meio da proximidade física. Quanto aos marcos gerais de transição, Elza mantém-se coerente com sua própria história, apresentando a responsabilidade pelos próprios ganhos financeiros e pela administração de uma moradia como importante característica indicativa de maturidade. Acrescenta, contudo, que ter um companheiro é muito relevante para a vivência da adultez, embora reconheça que, em tempos atuais, muitas pessoas optam por não se casar:

“Acho que têm graus de ser adulto. Ganhar o próprio dinheiro acho que é um dos graus. Administrar uma moradia pessoal eu acho que é outro (...) Ter também um companheiro, uma companheira, depende de encontrar também a companheira e o companheiro. Acho que essa é uma das exigências da vida, embora hoje já se considere... muita gente tá optando por ficar só”.

“Acho que ele ainda não é uma pessoa adulta (...) Na parte financeira ele... ele ganha bem, né, ele prestou concurso da Petrobrás, passou, tá empregado, muito bem empregado. Não gosta, e isso é um conflito pra ele. Não é que ele gostasse de outra coisa. Ele gostaria é de não ter que trabalhar”.

“É engraçado porque... é e não é (emocionalmente dependente da mãe). Eu acho que... ele depende bastante sim”.

“Difícil delimitar. Mas acho que eu já me achava grande coisa logo que eu me formei! (risadas) Já ganhava também meu dinheiro, dava aula, né?”(...) Acho que quando eu aluguei o apartamento em São Paulo também acrescentou; depois, quando eu voltei pra cá pro André nascer e aluguei um apartamento aqui e administrei tudo isso, acho que eu me tornei mais adulta, né? Quando eu me tornei mãe...”.

Separação física em relação à família de origem, dependência afetiva e responsabilidade são as significações produzidas no discurso de Elton e Regina, tanto quando abordam a própria transição para a vida adulta quanto ao avaliarem os filhos, Camila e Antônio. A distância física em relação aos pais e a responsabilidade pelas próprias escolhas constituíram os eixos de construção da maturidade em Elton, que associa sua transição ao intercâmbio para os Estados Unidos, onde permaneceu por um ano, longe dos pais biológicos. Regina, por sua vez, ao afirmar nunca ter sido criança, invoca a responsabilidade como competência relativa à maturidade e desde a infância presente em seu percurso. A dependência afetiva em relação aos pais, figuras de apoio e segurança, é o que os impede de considerar Camila como uma pessoa adulta, ao contrário de Antônio, mais seguro e destemido. Embora não citada quando da referência aos filhos, a responsabilidade, exaltada pelo casal como legitimadora da adulez de um modo geral, pode ser depreendida das opiniões sobre eles, uma vez que, por exemplo, a conquista de independência afetiva significaria, para Camila, tornar-se capaz de

responsabilizar-se integralmente pela própria vida, sem necessitar recorrer aos progenitores:

“Ah, eu já senti minha transição. (...) Foi exatamente quando eu fui pros Estados Unidos. Por que? Porque eu sempre fui ensinado a tomar decisões próprias, mas eu sempre tinha alguém com quem trocar ideia. E quando eu fui pros Estados Unidos, apesar dessa família ser muito próxima, algumas decisões eu tinha que tomar”.
(Elton)

“Eu nunca fui criança. (...) A gente não tinha muito espaço pra errar. E eu comecei a trabalhar muito cedo, com 14 anos já dava aula, já tinha meus alunos. Não que precisasse ajudar, mas também nunca pedi dinheiro pra minha mãe. Mas sempre um senso de responsabilidade”.
(Regina)

“A Camila eu tenho a impressão que ela precisa de um respaldo. ‘Eu vou, eu faço, eu aconteço, mas eu preciso de uma retaguarda. Eu quero saber que, se eu gritar, alguém vai me escutar’”.
(Regina)

“Assumir responsabilidades. (...) Essa geração tem dificuldade em assumir responsabilidades”.
(Regina)

Ao abordar tanto a própria transição para a adultez quanto o momento atual da filha, Marta refere-se à responsabilidade como competência relacionada à maturidade. Mesmo trabalhando desde os 15 anos, ou após casada com o pai de Laura, Marta não assumiu integralmente o sustento da família. Contudo, ter o próprio dinheiro significava ter liberdade para fazer com ele o que quisesse, mesmo objetivo a ser alcançado pela filha antes de casar-se. Ao falar do modo como percebe Laura, assim como ao expor sua opinião quanto às prerrogativas gerais de transição para a vida adulta, a mãe, coerentemente, reafirma a importância da responsabilidade:

“Eu acho que, assim, a pessoa precisa ter responsabilidade de algum jeito, de alguma coisa. Ou estudando, ou trabalhando. Eu acho que é esse ponto aí, porque ela tem que caminhar com as próprias pernas”.

“Daí ela (Laura) fala que não quer depender de ninguém. Mas ela é igualzinha a mim. Porque eu nunca dependi, mesmo casada eu nunca dependi do meu marido. Eu já trabalhava e ganhava meu dinheiro... e fazia o que eu queria com o meu dinheiro. Ele trabalhava, mantinha a casa, e eu fazia o que eu queria com o meu dinheiro”.

Responsabilidade e dependência afetiva foram as significações identificadas no discurso de Claudia, que afirma haver se tornado adulta por força dos compromissos domésticos assumidos com o casamento, este pontuado como marco de sua transição. Uma vez casada, deixou de receber da mãe o auxílio de que até então dispunha, vendo-se obrigada a responsabilizar-se pelo próprio lar. Quanto aos marcos legitimadores da adultez de modo geral, novamente traz implícita em seu discurso a ideia de responsabilidade, já que a condição para tornar-se adulto é, segundo a participante, que os pais deixem de fazer *pelos* filhos, limitando-se a orientá-los. Com relação à filha, Claudia a considera adulta também em função de sua postura responsável. No entanto, revela certa ambiguidade ao identificar em Gisele certa dependência emocional:

“Ela é (adulta), mas ao mesmo tempo... ela tem... é assim, super séria, super concentrada no que ela quer, assim. Mas ao mesmo tempo ela tem esse apego, assim, comigo, meio forte. Ela é muito apegada. (...) Só que tudo o que ela quis verdadeiramente na vida ela enfrentou. A faculdade, o estágio... ela é muito batalhadora”.

“Então, eu acho assim, né, não sei em que ponto... mas deixar a pessoa fazer por ela mesma. Que é como eu falei pra você, minha mãe sempre se adiantou, e aí a gente ficava esperando, ficava meio numa redoma, eu acho. Então a gente tem que deixar mais. É lógico que você tem que dar os limites, né? Educar, mas não prender”.

Das afirmações do casal Jonas e Alice emerge a ideia de responsabilidade como indicativa da condição adulta. A maturidade de Jonas viu-se conquistada com o primeiro emprego, quando, tornando-se professor, passou a assumir novos compromissos. Responsabilidade maior também foi incorporada ao cotidiano de Alice com o nascimento de seu irmão temporão, de quem cuidou durante três anos em razão

das constantes ausências da mãe. Embora considere ambos os filhos adultos, o casal afirma ser o caçula, Fábio, mais independente que o irmão, Thomás, por solicitar menos a ajuda dos pais. A responsabilidade é novamente invocada como atributo legitimador da adultez quando Jonas se refere aos marcos gerais de transição para a vida adulta:

“Eu não sei, mas acho que uma estrutura familiar adequada. Você orientando de forma adequada, a responsabilidade vai surgindo gradualmente”.
(Jonas)

“Assim, eu sempre achei o Fábio mais independente que o Thomás. O Thomás a gente ajudou mais na época que ele morava aqui. Não sei se é porque a gente era menos experiente... sei lá, não sei explicar, só sei que foi assim”.
(Alice)

Grandes temas e categorias de significado

Em exercícios analíticos, de construção de possibilidades interpretativas, é usual e esperado que o pesquisador se mantenha atento a repetições e contradições emergentes do discurso dos participantes da pesquisa. São essas repetições e contradições que oferecem pistas quanto aos princípios e valores que subsidiam o pensamento de uma coletividade em um dado contexto sociocultural. Em trabalhos qualitativos, tal pensamento se permite conhecer por meio dos significados atribuídos pelos indivíduos ao fenômeno em estudo. Assim, refletir sobre o modo como pais e mães percebem e vivenciam a transição de seus filhos para a maturidade exige tomar em perspectiva o próprio modo como essas figuras parentais significam a adultez.

Consideradas as significações apreendidas, admitidas como elementos positiva ou negativamente inscritos na ideia do “tornar-se adulto”, foi possível reunir três *grandes temas* presentes na perspectiva das figuras parentais: *acontecimento x processo, família e contexto e visão ambivalente sobre o tornar-se adulto*. Com base em cada um desses grandes temas, construímos *categorias de significado* que refletem o pensamento de

pais e mães sobre os processos de transição para a adultez na contemporaneidade, sempre tendo em vista que esses indivíduos, como participantes de uma pesquisa, tendem a representar o pensamento de um grupo social maior.

Acontecimento x processo e a responsabilidade como um valor

A observação atenta dos assuntos abordados, especificamente das falas dos participantes associadas aos marcos individuais de construção da maturidade, permitiu-nos identificar nas figuras parentais a percepção da transição para a vida adulta como um *processo claramente representado por acontecimentos específicos*, sobretudo a independência financeira, o casamento e a saída da casa dos pais. A responsabilidade, extraída do discurso dos progenitores como competência *sine qua non* para a legitimação do “ser adulto”, aparecia vinculada a tais acontecimentos:

“Foi durante a faculdade, 2º ano de faculdade..., que eu acho que eu comecei a dar aula (...) A responsabilidade era maior. Ter meu dinheiro, saber controlar, poder comprar uma coisinha, sair...”.
(Jonas)

“Pra mim eu acho que é o estudo e o trabalho, a responsabilidade financeira mesmo. Porque eu tinha que controlar o que eu recebia do meu pagamento, me virar com o que eu tinha”.
(Márcia)

À medida que as falas dos pais entrevistados evoluíam cronologicamente, passando a referir-se aos marcos gerais de transição para a adultez e ao modo como as figuras parentais enxergam os filhos hoje nesse processo, notamos um redimensionamento na relação *processo x acontecimento*, tornando-se este último consideravelmente desinvestido da importância de que gozava na transição dos pais. Se retornarmos aos aspectos contextuais expostos no segundo capítulo deste escrito, nos recordaremos das transformações nas relações de gênero impulsionadas pelo

movimento feminista e que, associadas ao expressivo desenvolvimento tecnológico dos últimos 20 anos, abalaram o caráter estável e previsível dos percursos de construção da maturidade. A saída do lar parental, admitida (inclusive pela Psicologia) como grande evento que inaugurava a adultez e fazia transitar entre fases o ciclo vital familiar, deixou de contar com suas grandes fontes impulsionadoras. O casamento é hoje uma opção. A independência financeira demanda, mais do que nunca, o preenchimento de um sem-número de realizações profissionais. A vida viu-se privatizada, obrigando os indivíduos a direcionar grande parte do orçamento para o pagamento de serviços anteriormente gratuitos, como saúde e educação, e de outros, como a *internet*, que vieram a reboque do desenvolvimento tecnológico. A esse respeito, Elza afirma com lúcida clareza:

“Acho que tá bem mais difícil. Também porque... o que se necessita para se sustentar é muito mais, hoje você tem que pagar pros filhos escola, né, que meus pais não tiveram que pagar. Saúde, plano de saúde, se tornou um negócio imprescindível, assim. Seguro de automóvel é imprescindível. Seguro extra, além do INSS, se tornou quase que uma... se eu começasse agora, acho que eu ia me preocupar em fazer. Internet, né, toda essa eletrônica que a gente tem disponível, tudo isso custa. Então, além de ter mais estabilidade no emprego, não tinha tanta despesa”.

A atribuição de uma menor importância aos acontecimentos como marcos de transição para a adultez mostra-se coerente com o movimento de revisão das certezas modernas característico da pós-modernidade. Referindo-se a Bauman (1999), Kublikowski (2001) reconhece tal movimento, assumindo a transição pós-moderna como “a mente moderna avaliando seu próprio desempenho, julgando as suas construções, e nesse balanço percebendo a sua impossibilidade” (p.16). Neste período de revisão e transição, faz-se justa e necessária a busca de novas referências de pensamento e ação, e isto é identificado no discurso daquelas figuras parentais que, na ausência das mesmas referências concretas que ora lhes confirmaram a própria condição adulta, buscam reconstruir em seus filhos o significado da adultez, encontrando na *responsabilidade* o valor que eles carregam. Recorrem, portanto, ao mesmo valor

tradicional que, de forma quase secundária, haviam associado aos eventos legitimadores da própria maturidade, eventos esses que não mais demarcam rigidamente a transição para a vida adulta, na atual realidade compartilhada regida pela complexidade.

Família e contexto e a construção da identidade adulta

A mudança de foco manifestada pela maioria dos entrevistados, dos acontecimentos como marcos de transição para a maturidade em direção à responsabilidade como um valor, acompanha as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas assistidas desde a década de 1970, período de construção da vida adulta entre os pais, até o primeiro decênio deste século XXI, momento de transição dos filhos. Importante lembrar, aqui, que os participantes desta pesquisa representam classes econômicas cuja formação universitária tornou-se condição relevante para a conquista do *status* financeiro que lhes permitiu bancar os custos de formação dos filhos. Se, por um lado, a quase totalidade dos entrevistados afirmou originar-se de famílias humildes, por outro a oportunidade da graduação, concluída por todos eles, ocorreu em um momento bastante singular da história brasileira: o milagre econômico. Esse período, conhecido pela ascensão social de uma expressiva parcela da sociedade em virtude da ampla oferta de empregos bem remunerados^{‡‡}, viabilizou aos pais a construção de patrimônios que, por sua vez, tornaram a eles possível proporcionar aos filhos condições materiais de responder às crescentes demandas de qualificação profissional, a qual, hoje em grande medida oferecida por instituições privadas, tende a exigir altos investimentos. Sobre o cenário econômico quando da inserção dos pais entrevistados no mercado de trabalho, Elton lembra:

^{‡‡} http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_economico_brasileiro. Acesso em 10/08/2011.

“Quando a gente saiu da faculdade tinha muito emprego. (...) Naquela época nós vivíamos o pós-milagre econômico. Então você saía de uma faculdade e tinha emprego quase imediato, tava empregado”.

A esposa, Regina, acrescenta:

“Nas boas faculdades, você saía empregado, porque fazer faculdade tinha um peso absurdo, não era todo mundo que fazia faculdade não!”.

Contudo, a importância de se considerar o contexto no qual se desenrolaram os processos de transição para a adultez dos pais entrevistados vai além de seus desdobramentos socioeconômicos, de ascensão das famílias a um *status* financeiro mais elevado e gerador de novas possibilidades. A própria oportunidade da graduação em nível universitário consolidou um maior distanciamento entre os universos adolescente e adulto, contribuindo com o empreendimento moderno de institucionalização do curso da vida, no âmbito da qual foi construída a própria fase da juventude. Esta, apresentada por Groppo (2000) como categoria social, constituiu-se, com base nas atuações da escola e da família, como a “fase de preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase da definição de uma identidade e de uma individualidade” (p.60). No intercurso entre adolescência e adultez, o “ser jovem” configurou-se como o estágio de desenvolvimento de responsabilidade e autonomia, o que, nos anos 1970, teve como marco legitimador a saída da casa dos pais, fosse em virtude do casamento ou da conquista de independência financeira. Transpostos esses marcos, ingressava-se na vivência de uma fase de suposta estabilidade, tanto financeira quanto psicológica, caracterizando o indivíduo maduro.

Tal concepção de adultez, herança moderna que vinculou a maturidade biológica à consolidação de uma identidade individual estável legitimada pela separação física do indivíduo em relação à família de origem, é compreendida por Gilligan (1982) como reflexo do direcionamento dos estudos sobre o desenvolvimento humano unicamente

para o percurso de vida realizado pelo homem. Reproduzindo a desigualdade de gênero que, fundamentada nas diferenças biológicas e amparada pela sobrevalorização da capacidade de produzir para o consumo, relegou a planos inferiores o valor da maternidade, por sua vez privilégio feminino, a caracterização da condição adulta tornou-se marcadamente masculina, atribuída da conquista do “eu me basto”, esta viabilizada pela tríade independência financeira, saída da casa dos pais e provimento de um novo núcleo familiar. Para a autora, como decorrência dessa distinção de gênero, a identidade feminina acabou por representar-se pela noção de vinculação (*attachment*), fosse ao marido ou aos filhos, e a caracterização masculina da adultez generalizou-se, passando a definir a condição adulta de modo geral. Esse problema é sinalizado por Shapiro (1995) quando afirma que “a crença de que a autonomia e o controle sobre a própria vida requerem a perda das relações próximas é difundida tanto nas famílias quanto, frequentemente, nas disciplinas que as estudam” §§(p.168).

Com efeito, no que concerne aos processos de transição para a vida adulta dos pais, as entrevistas revelaram, como já afirmado, apreensões da noção de maturidade fortemente vinculadas à ideia de separação física. No entanto, um outro desdobramento da tradicional disjunção entre os universos masculino e feminino na construção da maturidade se permite apreender do discurso das mães entrevistadas: trata-se da preocupação da mulher com a dependência afetiva dos filhos, manifestada por aquelas figuras maternas que colocaram sob dúvida a integralidade da condição adulta de seus respectivos descendentes. Elza, que não considera seu filho, André, como uma pessoa adulta, aponta a dependência emocional do jovem como algo que o afasta da maturidade. Regina lança a necessidade de um contínuo respaldo emocional como elemento que torna Camila “não totalmente adulta”. Claudia convoca o “apego” de

§§ Tradução livre da autora para a frase: “The belief that autonomy and mastery require the loss of close relationships holds power both in families and, too often, in the disciplines that study families”.

Gisele quando faz ressalva à adultez da filha. Opiniões, portanto, que confirmam o atravessamento, identificado por Gilligan (ibidem), do imaginário feminino pela incompatibilidade entre a manutenção de um vínculo emocional com a família de origem e a efetividade da condição adulta.

Indícios do progressivo abandono de uma noção de maturidade subsidiada pela separação física e pela desvinculação emocional emanam, contudo, do discurso parental que, tratando dos marcos gerais de transição para a adultez e do modo como percebem os filhos, elege a responsabilidade como valor que legitima a condição adulta de forma não necessariamente atrelada a acontecimentos específicos. Esta é, de forma geral, a visão apresentada pelos entrevistados e que nos permitiu construir a categoria de significado que contempla, na contemporaneidade, a *constituição da identidade adulta como um processo validado não mais por referências externas fixas, mas pelo desenvolvimento de competências individuais postas à prova no enfrentamento da complexidade da vida*. Na ausência dos marcos tradicionais de transição, os processos de passagem para a vida adulta tornam-se mais satisfatoriamente compreendidos em sua dimensão psíquico-emocional, nos termos da diferenciação do indivíduo em relação à família de origem como um movimento de conquista de autonomia (Bowen, 1991), agora legitimada pelo exercício hábil da responsabilidade. Entre os filhos dos entrevistados, há tanto aqueles que, já havendo deixado o lar parental, não são considerados pelos pais como plenamente maduros (Sandro, Camila, Gisele), quanto outros que, ainda residindo com os progenitores, se acham reconhecidos pelos mesmos em sua adultez (Laura e Fábio).

Visões ambivalentes e a maturidade da interdependência

Os grandes temas abordados até o momento, bem como as categorias de significado construídas com base nos mesmos, referem-se ao modo como as famílias entrevistadas refletem, nas relações entre os membros, as transformações contextuais que hoje desenham um novo cenário no qual se inscrevem os processos de transição para a vida adulta, tendo a instabilidade e a complexidade, pilares do paradigma sistêmico, como aspectos de grande influência nos percursos agora pouco previsíveis e menos lineares. O reconhecimento da construção da maturidade como um processo alinhavado pelo valor moral da responsabilidade diminui a importância dos marcos tradicionais de transição. Ao mesmo tempo, avança na dissociação entre a efetividade do “ser adulto” e a desvinculação emocional do jovem em relação à sua família de origem. A concepção da transição para a adultez como um processo fundamentado na diferenciação do indivíduo em relação à família ganha espaço, possibilitando aos pais reconhecer os filhos como adultos, mesmo a despeito de não haverem estes transposto os tradicionais marcos de transição.

Contudo, apesar desse movimento geral capaz de acompanhar a evolução pós-moderna, alguns modelos de dinâmica familiar permanecem inalterados. Entre os entrevistados, *visões ambivalentes* acerca da condição adulta dos filhos lançam luz sobre o fato de a construção da adultez preconizar, em última instância, uma transição entre fases distintas do ciclo vital familiar. Para Falicov (1988), mesmo as mudanças mais previsíveis do ciclo de vida familiar, caso da transição dos filhos para a vida adulta, requerem a capacidade de ajustamento de todos os membros a uma nova dinâmica de funcionamento, o que, por sua vez, necessita contar com bom repertório adaptativo da família. Shapiro (1988), que analisa a individuação como um processo relacional, lembra, com base em uma visão sistêmica dos fenômenos humanos, que os

membros do sistema familiar podem tanto adaptar-se funcionalmente quanto reagir negativamente a esforços de diferenciação. Isso irá depender de como se organiza a estrutura da família em termos de suas fronteiras internas e externas, da capacidade dos pais de ressignificar a parentalidade ao longo do ciclo vital familiar e do grau de dependência emocional entre os membros.

Neste ponto, faz-se útil, mesmo que em linhas gerais, recorrer a Minuchin (1990), cujo modelo de terapia de família, denominado *estrutural*, sustenta-se na premissa de que os sistemas familiares organizam-se estruturalmente em termos de fronteiras e subsistemas, as primeiras com a função de delimitar estes últimos, definindo o modo como cada membro participa da dinâmica familiar assim constituída. Uma *fronteira nítida*, mais funcional, articula com sucesso o estabelecimento de limites e a permeabilidade nas relações entre os membros, promovendo interações capazes de, simultaneamente, garantir o intercâmbio de afeto e cuidado e preservar a individualidade dos indivíduos que compõem o sistema. *Fronteiras rígidas*, por sua vez, costumam tornar esse intercâmbio difícil, favorecendo o distanciamento entre os membros da família, que tendem a comportar-se na base do “cada um por si”. Uma *fronteira difusa*, ao contrário, estimula o emaranhamento do sistema familiar: as funções e papéis dos membros se complementam ou confundem, a interferência em questões individuais acentua-se e, em decorrência, a diferenciação dos indivíduos pode ver-se comprometida.

É em organizações familiares com fronteiras difusas que as visões ambivalentes tendem a emergir. Tal modelo de estrutura pode encontrar raízes tanto em heranças intergeracionais quanto em fatores externos que, de alguma forma, provoquem alterações no funcionamento desse sistema. Ao referir-se ao filho Sandro, Lúcia aponta a busca de afeto nos pais como um comportamento que suscita dúvida quanto à real

condição adulta de seu descendente. Contudo, em momento anterior da entrevista, apresenta como um dos fatores impulsionadores de sua própria transição a distância obtida em relação aos pais, com quem nutria uma ligação afetiva muito forte:

“Foi quando eu vim pra cá, quando eu me distanciei da minha mãe... acho que mais do meu pai”. “Vocês tinham uma ligação forte?” “Muito. Afetiva...”.

Com efeito, ao definir a individuação como um processo relacional, Shapiro (op.cit.) ressalta o caráter dual do movimento de tornar-se indivíduo. A isto equivale dizer que o empreendimento de diferenciar-se da família, constituindo uma identidade própria, depende não apenas dos esforços individuais, mas igualmente da capacidade dos membros do sistema de permitir, ou não obstaculizar, a diferenciação. Para tanto, afirma a autora:

O estágio desenvolvimental dos pais em relação às respectivas famílias de origem, a própria formação de suas identidades individuais e seu casamento irão interagir com o estágio desenvolvimental do filho por meio da preparação da família para lidar com a natureza estressante e desorientadora das transições familiares (p.167).^{***}

Lúcia, a mesma mãe que compreende a demanda de afeto proveniente do filho como um aspecto que oblitera a consistência de sua maturidade, esforça-se em participar ativamente dos acontecimentos da vida dos filhos em assuntos que envolvem as emoções:

“Eu participo bastante! Porque eu tenho um outro jeito, eu pergunto, numa oportunidade eu fico junto. “Ah, eu vou buscar não sei quem não sei aonde”. Eu: “ah, eu vou junto!”. E daí eu fico conversando o tempo todo. Mas tem coisa que eu não sei também. (...) Mas da vida pessoal, do relacionamento com a namorada, com a esposa, isso aí eu converso bastante. Inclusive com as meninas”.

^{***} Tradução livre da autora para: “The developmental stage of the parents in relation to their families of origin, their personal formation of identity, and their marriage will interact with the child’s developmental stage in determining the family’s readiness to experience the stressful, disorientating nature of family transitions”.

A despeito das investidas de Lúcia, que parece reproduzir na relação com o filho a forte vinculação afetiva ora mantida com os próprios pais, não se pode afirmar que Sandro não concluiu seu processo de transição para a maturidade. A percepção da mãe, que ainda recorre aos marcos tradicionais como legitimadores da condição adulta, parece não encontrar em tais marcos indícios de não-transição para a adultez, já que Sandro casou-se, é financeiramente independente e não habita com os pais. Sob o argumento da ligação afetiva, Lúcia *parece confundir a busca pelo afeto dos pais com a ausência de maturidade*. Como visto anteriormente, esse pensamento reflete a visão tradicional da institucionalização do curso da vida, que condicionou a adultez à separação física e à desvinculação emocional. Reflete, ainda, uma característica interna do sistema familiar do qual Sandro, José Carlos e Lúcia participam e que aponta para certo grau de emaranhamento.

Processo semelhante, porém assentado sobre outras bases, parece ocorrer também na família de Ricardo e Nilva. Enquanto o pai assegura-se da adultez dos filhos Nilton e João recorrendo ao argumento da separação física, reproduzindo, assim, o elemento central que legitimara seu próprio percurso de construção da maturidade, a mãe reluta em reconhecer os filhos como efetivamente adultos, ressaltando, contudo, que ambos apresentam “comportamentos maduros”. Poderíamos concentrar esta análise no emaranhamento decorrente de uma herança intergeracional, mas, se assim procedêssemos, estaríamos negligenciando um aspecto central e, entre todos os entrevistados, restrito a essa família: a doença crônica.

Com efeito, ao referir-se ao maior ou menor desenvolvimento de repertório adaptativo nas famílias para lidar com processos de transição, Shapiro (op.cit.) lembra que, para além das heranças intergeracionais, fatores externos podem tornar-se agentes estressores que, promovendo o emaranhamento do sistema familiar, resultam em

engessar um dado padrão de funcionamento. Rolland (1995), em capítulo intitulado “Doença crônica e o ciclo de vida familiar”, afirma que esse tipo de doença, por implicar a introdução, no núcleo da família, de um novo foco de atenção em torno do qual se coordenam esforços que visam garantir a sobrevivência do membro doente, tende a exercer uma força centrípeta sobre o sistema familiar. A intensidade e a frequência dos cuidados, conjugadas ao prolongamento da doença ao longo do tempo e ao medo da morte, organizam os membros para um trabalho em equipe no qual cada um exerce funções específicas e que, como em uma engrenagem, movimentam a família nos esforços de controle da doença crônica. Como peça essencial dessa engrenagem, cada membro vê-se vinculado aos demais, podendo favorecer um grau significativo de dependência afetiva, inibindo ou dificultando esforços individuais de diferenciação. A anorexia desenvolvida por João, que aos 15 anos chegou a pesar 35 quilos, parece guardar relação com a resistência de Nilva em considerar os filhos adultos. Reconhecendo sentir-se bem com a presença de ambos no lar parental, a mãe arrisca “falar por eles”, revelando, na relação com os descendentes, atitudes fundadas na força centrípeta, que busca trazer os filhos para o ninho familiar:

“Você acha que meus filhos têm vontade de morar sozinhos em um apartamento pequenininho? Não! Eles podiam até querer mudar para um apartamento, a gente até ajudar eles a comprar, ou eles comprarem sozinhos. Mas eu não vou acelerar”.

O que se percebe, portanto, é que o modo como os pais entrevistados vivenciam a transição de seus filhos para a adultez revela, em tempos atuais, a conjugação entre esforços de uma geração de pais no sentido de adaptar-se aos novos contornos assumidos por esse processo e tentativas de acompanhar as mudanças inerentes à passagem para uma nova fase do ciclo de vida das famílias. Neste ponto, a democratização nas relações de gênero, que repercutiu também sobre as interações

parento-filiais, sinaliza relacionamentos pautados não mais na hierarquia entre os membros, mas na atitude respeitosa de reconhecer os filhos como pessoas inteiras e potencialmente autônomas. Em tese que busca explicar a vivência da parentalidade ao longo do ciclo vital familiar, Berthoud (2000) torna clara a importância, e mesmo a necessidade, de movimentos de ressignificação do “ser pai” e “do ser mãe” no percurso de crescimento dos filhos. Enquanto o exercício da paternidade/maternidade com crianças envolve habilidades de cuidado e educação, a parentalidade com jovens e adultos invoca as noções de amizade e parceria. Nesse sentido, a compreensão da condição adulta como resultado de um processo psíquico e emocional, de construção de uma identidade individual com base no diferenciar-se em relação à família de origem, mostra-se central.

Assim, quanto à noção de adulez que indica melhor ajustar-se à realidade compartilhada na pós-modernidade, a Psicologia pode oferecer valiosa contribuição. Eis um dos objetivos deste trabalho, na perspectiva da relevância social que se espera de pesquisas acadêmicas. McGoldrick (1995) compreende o indivíduo adulto como aquele que, longe de realizar um afastamento emocional em relação à família de origem, pois que isto seria destrutivo, alcança, junto a ela, um estágio de *maturidade da interdependência*. Portanto, conforme o termo anuncia, o “tornar-se adulto” não implica essencialmente um movimento individualmente empreendido com vistas ao distanciamento, tanto físico quanto emocional, em relação ao núcleo familiar. Constitui, antes, um processo do qual participam, de forma articulada, todos os membros desse sistema, no sentido de permitir o funcionamento autodeterminado, ainda que conectado, de cada um deles. Atingido esse estágio, o indivíduo passa a funcionar de modo a responsabilizar-se por suas escolhas e atitudes, sem “culpar” o outro por seus fracassos e insatisfações. E, embora continue a vincular-se emocionalmente, deixa de depender da

aprovação alheia para funcionar no mundo, podendo com ele lidar de forma mais flexível, assumindo os riscos inerentes às escolhas da vida.

*Um rei me disse que quem deixa ir tem pra sempre
E me contou que só foi rei porque pensava assim
Tão diferente
(Apanhador só)*

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das grandes riquezas da atuação do psicólogo está em lidar, continuamente, com temas que atravessam nosso cotidiano e sobre os quais, imersos em rotinas corridas e desgastantes, usualmente pouco refletimos. Seja por meio da clínica ou de pesquisas acadêmicas, além das outras tantas áreas de inserção da Psicologia, cabe ao psicólogo contribuir para que os indivíduos se tornem capazes de transformar vivências em experiências de forma construtiva. No percurso da vida, as crises são entendidas como oportunidades de reconstrução e ressignificação, de mudança de olhar sobre temas que, embora recorrentes ou previsíveis, podem assumir novos contornos.

Como crise que caracteriza, a transição para a vida adulta, hoje ambientada em um novo cenário de maiores possibilidades e menos garantias, coloca desafios para os pais cujos filhos efetuam esse percurso. A passagem para a adultez parece exigir de pais e mães o difícil empreendimento de, buscando lidar com as descontinuidades e incertezas da vida, manter-se como figuras de referência e apoio para seus descendentes. Mas, e quanto a estes? Como enfrentam as dificuldades inerentes à construção da identidade adulta em um contexto no qual o desafio se coloca também para suas principais figuras de apoio? Deixamos aqui uma sugestão para pesquisas futuras.

À luz do objetivo proposto, que foi o de compreender o modo como pais cujos filhos se encontram hoje em transição para a adultez percebem e lidam com estes em seus respectivos percursos, pudemos identificar posicionamentos que direcionaram a construção de três grandes temas, dos quais derivaram categorias de significado: 1) a transição para a maturidade como *acontecimento x processo*, daí se extraíndo a *responsabilidade como um valor*; 2) as *mudanças no contexto de constituição da identidade adulta* entre as gerações, com o surgimento da *juventude como categoria social*; 3) as *visões ambivalentes quanto à condição adulta dos próprios filhos*, tornando imprescindível a compreensão da construção da adultez como um processo que não

implica o rompimento emocional do indivíduo com a família de origem: a vinculação afetiva é funcional e saudável, mas precisa atingir certo nível de *maturidade da interdependência*, não comprometendo a autonomia.

A democratização nas relações de intimidade, à medida que atingiu também as interações parento-filiais, favoreceu aos pais enxergarem os filhos em suas potencialidades, indicando para estes um progressivo afastamento da obrigatoriedade de ritualizar a transição para a vida adulta por meio dos acontecimentos ora socialmente legitimados como inauguradores da vivência da adultez: o casamento, a independência financeira e a saída do lar parental. Paralelamente, a evolução tecnológica aportada ou desenvolvida no Brasil contribuiu para que novas exigências de qualificação ampliassem o tempo de estudos, criando espaço para que a juventude se lançasse como categoria social e dissolvendo certezas quanto aos limites etários de inauguração da adultez. Assim, embora a construção do “ser adulto” continue buscando na família seu *locus* referencial, encontra-se cada vez menos sob a expectativa de configurar-se como um percurso linear e pré-definido, assumindo progressivamente o caráter de um processo orientado pelo valor moral da responsabilidade e legitimado pela aquisição de autonomia. As figuras parentais parecem evoluir na compreensão desse novo sentido, na medida em que, mesmo com base em autorreferências ritualizadas, reconhecem a prevalência da responsabilidade como condição *sine qua non* para a caracterização do indivíduo adulto.

Em algumas famílias, notamos visões ambivalentes quanto à adultez, mas percebemos aí a interveniência de questões intrafamiliares, como uma organização estrutural emaranhada e a ocorrência de doença crônica. Nesses casos, as dificuldades localizaram-se nas próprias figuras parentais que, confundindo autonomia com desvinculação emocional, puseram ressalvas quanto à efetiva condição adulta de seus

filhos. Por meio dos participantes, ficou patente a valorização social da autonomia como habilidade necessária à construção da identidade adulta. Tornar-se autônomo, contudo, não implica um rompimento emocional com os pais ou a desvinculação do indivíduo em relação à sua família de origem. Alimentado pelos vínculos familiares, cada indivíduo pode tornar-se capaz de realizar as próprias escolhas e de por elas responsabilizar-se, utilizando-se de um conjunto de habilidades aprendidas dentro e fora da família e “eleitas” para constituir sua identidade adulta.

Sabemos que o imaginário social não reflete com imediata presteza as mudanças contextuais que se estruturam nas sociedades e que contribuem para redefinir sua dinâmica. Além disso, não ignoramos que, em contextos intrafamiliares, o conteúdo emocional envolvido na reordenação de funções e papéis individuais, ao longo das transformações que movimentam o ciclo vital das famílias, pode obstaculizar as transições mais previsíveis. No entanto, acreditamos tratar-se de movimentos adaptativos possíveis, não no sentido de adequar-se passivamente a situações cambiantes, mas no objetivo de construir modos funcionais de significação e ressignificação das vivências cotidianas. Esperamos, com este trabalho, haver contribuído para a ampliação do conhecimento acerca dos processos de transição para a vida adulta neste novo cenário multifacetado, que tende a confrontar o psicólogo com a necessidade de compreender a angústia de pais cujos filhos se encontram nessa fase do ciclo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYLMER, Robert C. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p.169-183
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- BEE, Helen. *O ciclo vital*. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- BERQUÓ, Elza; OLIVEIRA, Marla C. F. A. de. Casamento em tempos de crise. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 9(2), p.155-167, 1992
- BOWEN, Murray. *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós, 1991
- _____; KERR, Michael E. *Family Evaluation*. New York: WW Norton, 1988
- CAMARANO, Ana A. et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última Década*, Valparaíso, 21, p.11-50, 2004-dezembro
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995
- CERVENY, Ceneide M. O.; BERTHOUD, Cristiana M. E. (orgs.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009
- CRITÉRIO de Classificação Econômica Brasil. *Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa*. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>>. Acesso em: 13 jul. 2011
- DEBERT, Guita G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n.34, p.49-70, 2010 – julho/dezembro

DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. *O planejamento em pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41

FALICOV, Celia J. Family Sociology and Family Therapy Contributions to the Family Development Framework: a Comparative Analysis and Thoughts on Future Trends. In: *Family transitions: continuity and change over the life cycle*. New York: Guilford Press, 1991, p.3-51

FERNANDES, Reynaldo; PICCHETTI, Paulo. Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, v.29, n.1, p.87-112, 1999-abril

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1993

GILLIGAN, Carol. *In a different voice*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993

GROPPO, Jose M. *Ganchos, tachos e biscates – jovem, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2005

HENRIQUES, Célia Regina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A Geração Canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*. Rio de Janeiro, v.35, n.2, p.195-205, 2004

HIME, Flávia A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o voo da fênix*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KUBLIKOWSKI, Ida. *A meia idade feminina em seus significados: a visão da complexidade*. São Paulo, 2001, 254p. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

KVALE, Steinar; BRINKMANN, Svend. *InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing*. 2.ed. Thousand Oaks, New Delhi, London, Singapore: Sage Publications, 2009

MCCULLOUGH, Paulina; RUTENBERG, Sandra. Lançando os Filhos e Seguindo em Frente. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p.248-268

MCGOLDRICK, Monica. As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 30-64

MEDEIROS, João B. *Redação Científica*. A prática de fichamentos, resumos e resenhas. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2007

MILAGRE Econômico Brasileiro. *Enciclopédia Virtual Wikipedia*. Disponível em: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_economico_brasileiro. Acesso em: 10 ago.2011

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento & tratamento*. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007
- PAIS, José M. *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. 2.ed. Lisboa: Âmbar, 2005
- PAPERO, Daniel V. A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In: ELKAIM, Mony (org). *Terapia familiar em transformação*. v.1. Tradução de Heleny Corina Heller. São Paulo: Summus, 1998, pp.71-100
- ROLLAND, John S. Doença crônica e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p.373-392
- SANDOVAL, Gabriela; MEIER, Bruno; GASPARG, Malu. Casamento: por que ele continua a valer a pena. *Veja*, edição 2179, ano 43, nº34, p.98-105, 9 jan. 2010.
- SHAPIRO, Ester R. Individual change and family development: individuation as a family process. In: FALICOV, Celia J. *Family transitions: continuity and change over the life cycle*. New York: Guilford Press, 1991, p.159-180
- SZAPIRO, Ana M.; RESENDE, Camila M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*. Florianópolis, 22(1), pp.43-49, 2010
- VASCONCELLOS, Maria J. E. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009

ANEXOS

ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Clarissa Magalhães Rodrigues, aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), venho convidá-lo(a) a participar de minha pesquisa de mestrado, intitulada **“Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais a uma compreensão intergeracional”**. A pesquisa tem por objetivo compreender como os pais cujos filhos se encontram em transição para a vida adulta percebem as mudanças reveladas por seus descendentes em seus respectivos processos de transição, tendo como parâmetro a própria experiência vivida.

A investigação se dará por meio de entrevistas semi-estruturadas, no intuito de oferecer maior liberdade de expressão ao(à) participante, considerando tratar-se de informações subjetivas. Dado o caráter privado e possivelmente íntimo dessas informações, este termo assegura o sigilo quanto à identidade do(a) participante. As entrevistas serão gravadas e transcritas a fim de possibilitar a apreciação fiel de seu conteúdo, mas as gravações serão inutilizadas após a transcrição.

O(a) participante não receberá qualquer compensação financeira ou benefício direto pela participação na pesquisa, podendo abandoná-la se assim o desejar, sem por isso sofrer qualquer prejuízo. As despesas da coleta de dados serão por mim custeadas, não havendo qualquer forma de oneração ao(à) participante. Todo procedimento de pesquisa oferece baixo risco, mas este termo garante meu comprometimento em manter-me atenta a possíveis desconfortos, bem como em intervir pela minimização de eventuais prejuízos, caso necessário.

Mantenho-me à disposição para quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e me comprometo a informar seus resultados após a defesa pública da dissertação. O

relatório da pesquisa ficará disponível, após a defesa pública, na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury, PUC-SP, Campus Monte Alegre. Os resultados do estudo poderão ser divulgados para fins científicos ou acadêmicos.

Dúvidas e denúncias relativas às questões éticas desta pesquisa poderão ser esclarecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) por meio dos seguintes contatos:

CEP – Sede Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP. 05015-001. Edifício Reitor Bandeira de Mello/sala63C/térreo. Tel./FAX (11)3670-8466.e-mail: cometica@pucsp.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador(a) do RG _____-____, declaro:

- Haver compreendido o objetivo da pesquisa **“Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais a uma compreensão intergeracional”**;
- Haver compreendido as informações acerca de riscos e eventual necessidade de intervenção da pesquisadora;
- Concordar com a gravação em áudio dos procedimentos de pesquisa, assegurado o compromisso da pesquisadora em inutilizar as gravações após concluído o trabalho;
- Autorizar a publicação do conteúdo do trabalho para fins de ensino e pesquisa, garantido o sigilo da minha identidade;
- Que o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi a mim apresentado em 2 (duas) vias, uma delas permanecendo em meu poder.

Nome do(a) participante

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura do(a) participante

Clarissa Magalhães Rodrigues

Nome da pesquisadora

RG: 28.675.431-9 CRP: 06/92508

Assinatura da pesquisadora

Tel. (11)3081-6553

Piracicaba, ____ de _____ de 2010

ANEXO II: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Caro(s) participante(s),

Aqui se encontram 3 (três) questões sobre o tema da transição para a vida adulta. Eu as lançarei uma a uma, conforme identifique havermos chegado a respostas satisfatórias para elas. Sinta-se à vontade para respondê-las, procurando oferecer o maior detalhamento possível, para que juntos possamos construir uma boa compreensão do assunto.

- 1) Conte(m) um pouco como foi a sua experiência de transição para a vida adulta. Em que momento da vida você(s) considera(m) haver se tornado uma pessoa adulta?
- 2) Como percebe(m) a transição do(a) seu(sua) filho(a)? Você(s) o(a) enxerga(m) como um(a) adulto(a)?
- 3) De um modo geral, independente da experiência individual ou de seu(sua) filho(a), o que você(s) acredita(m) que precisa acontecer na vida de uma pessoa para que ela possa ser considerada uma pessoa adulta?

Piracicaba, ____ de _____ de _____

ANEXO III: FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas encontram-se dispostas na ordem cronológica em que foram realizadas.

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 1

Filho(a): **S.P.E.** _____ Sexo: **M** _____ Idade: **26** _____
Curso de graduação: **Engenharia Agrônômica** _____ Concluído em: **12/2008**
Instituição: **USP** _____
Sustenta-se financeiramente? (**X**) sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? () sim (**X**) não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **J.L.P.E.** _____ Idade: **57** _____
Profissão: **Engenheiro** _____
Mãe: **L.C.P.E.** _____ Idade: **54** _____
Profissão: **Psicóloga** _____
Classe econômica (segundo o CCEB): **A2** _____

Piracicaba, **23 de dezembro de 2010.**

A idéia é compreender primeiro como é que foi a transição de vocês, que foi num momento diferente desse de hoje, pra depois compreender como foi ou está sendo a transição dos filhos de vocês. Mas é o ponto de vista de vocês mesmo... "eu percebo tal coisa, eu sinto tal coisa...". É focado nos pais mesmo.

Quando é que vocês consideraram que tinham se tornado adultos? (rrsrrs...)

(dificuldade de responder/silêncio)

Lúcia: Eu não sei, é... eu lembro assim, pensando nas coisas que aconteceram... é... quando eu engravidei eu tinha 20 anos. Já tava no 2º ou 3º ano de faculdade. Aí parece que quando eu engravidei, quando eu falei assim "vamos ter um filho", aí parece que eu cresci um pouco. Mas ainda eu fiquei... era muito ligada com meus pais, tinha, assim, uma dependência muito grande, emocional, financeira. A minha mãe me ajudou bastante no comecinho, ficava com o Pedro (filho mais velho, não participa da pesquisa) pra eu ir pra faculdade.

Depois... e foi um período... quando minha mãe saiu de SP e nós... eu, José Carlos e Pedro, já tinha o Thiago (segundo filho, também não participa da pesquisa), fomos morar numa chácara, né, e daí já não tinha mãe e pai perto, daí parece que eu cresci maaaiiss um pouquinho (risos), mais um pedacinho, né? Daí eu tive os outros filhos, continuei estudando, nós nos mudamos pra cá, e no ano seguinte eu me formei e daí comecei a fazer uma pesquisa aí na ESALQ. Daí eu acho que eu senti mais um pouquinho gente grande, mais... trabalhando, foi a primeira vez que eu ganhei um dinheiro assim mais certo, mais regular, daí eu lembro que eu senti mais. E quando eu abri o consultório então, daí acho que foi... daí eu acho que eu me senti adulta (risos). Eu tinha uns 33... Voltei pra cá com 30, daí fiquei mais 1 ano na PUC fazendo uma matéria, que eu ia toda semana... 1 ano não, 1 semestre, né? Daí eu comecei a trabalhar na ESALQ, daí fui fazer o curso de Tietê. Quando eu tava terminando, o curso demorou 2 anos...é, eu tinha uns 33.

Foi quando eu vim pra cá, quando eu me distanciei da minha mãe... acho que mais do meu pai...

Vocês tinham uma ligação forte?

Lúcia: muito. Afetiva...

José Carlos: eu senti uma diferença grande quando eu tinha um trabalho já firme que eu queria, que eu gostava, e que daí eu já não tinha mais horário pra fazer o que eu quisesse, então daí não tinha mais férias quando quisesse... Aí eu senti a 1ª diferença de... maturidade profissional. Daí quando foi, quando nasceu o Pedro, daí até eu lembro que eu tinha que pagar o médico... (dirigindo-se a Lúcia) eu tinha que pagar lá o Claudio... daí eu senti também que a partir de agora (risos)... que a coisa (risos)...

Então pelo que eu entendi essa 1ª sensação você teve antes dos filhos, quando você já não podia mais tirar férias...

José Carlos: É.

Que idade mais ou menos você tinha?

José Carlos: 24. Eu senti isso... foi uma sensação forte, "puxa, agora eu não posso mais fazer o que eu quiser, agora é um compromisso... já não sou eu que mando totalmente no meu horário". Depois, quando veio filho, que daí veio aquela obrigação de sustentar, isso eu também eu lembro que foi... Agora também acho que até alguns anos atrás ainda tem coisa que 'cê' vai "puxa, como eu era criança, moleque..."

Você tá falando de coisas, de comportamentos que você lembra que não era tão maduro...

José Carlos: É.

Tem algum exemplo?

José Carlos: Ah, quando nós viemos pra cá, que já fazia 10 anos de formado, eu não tinha, eu não tinha muito... muita consciência das limitações minhas enquanto empresário, enquanto profissional independente. Que eu ach... eu era muito bom profissional... empregado.

E quando eu saí e fui tomar conta do meu negócio, daí... eu levei um monte de pancada, porque eu achava que eu era o bonzão, como eu era como profissional... mas como empresário, empreendedor não. Não bastava ser só um bom engenheiro. E isso eu fui aprendendo, já senti logo que viemos pra cá. Depois de 11 anos de casados nós viemos pra cá.

Quando você fala "nós viemos pra cá", vocês vieram de SP...

José Carlos: de SP.

E vieram por causa do trabalho?

José Carlos: Por várias decisões, por várias circunstâncias. Trabalho e... a gente não aguentava muito mais SP. E os meninos tinham problema de bronquite, asma. E eu queria começar a fazer o meu... a trabalhar por conta própria. Então tinha uma certa condição, e mais... Lúcia em SP era difícil engrenar algum trabalho. Os meninos passavam mal. A gente já não suportava aquela poluição, aquele clima...

Lúcia: A gente já 'tava' fugindo, né? O pediatra falava, a gente fugia mais um pouquinho. Quando coincidiu com a questão do trabalho, aí a gente falou "vamos".

José Carlos: em 89 nós viemos pra cá.

Vocês acham que ser homem ou mulher faz diferença nessa coisa de se tornar adulto?

Lúcia: Sim. Eu não me formei depois constitui família. José Carlos sim, ele já era formado, trabalhava, daí é que vieram os filhos. Eu ainda tava estudando, então eu era "filhinha", né, estudante, né, então o que acaba me marcando mais é a maternidade num primeiro momento, porque a experiência profissional veio bem depois.

E a decisão de ter filhos foi uma decisão...?

Lúcia: da vida! (risos)

E interrompeu a faculdade por conta disso.

Lúcia: eu nunca tranquei. Eu fiz em 11 anos, mas nunca tranquei. Quando meus pais saíram de SP, daí José Carlos tinha já o trabalho dele, certo que um dia lá na semana ele vinha embora mais cedo pra eu poder ir pra faculdade. E... e assim foi, né... eu fui fazendo... quando tinha babá, ajudante, que pudesse ficar com as crianças, eu ia, quando tinha algum período não muito certo José Carlos ficava, e nunca tranquei. Um pouco levava os meninos junto (risos)...

Qual é a situação dos filhos hoje?

José Carlos: O Sandro é o mais novo com 26.

Lúcia: Sandro fez Engenharia Agrônômica, aqui na ESALQ, é formado...

José Carlos: 3 anos

Lúcia: 3 anos?

José Carlos: ou 2?

Lúcia: acho que 3.

José Carlos: 2 anos

Lúcia: 2 anos? Nossa! Tá formado SÓ há 2 anos e é um "executivo" (com ar espantado) que de vez em quando ... é assim um meninão brincalhão! E é assim, o mais novo, e virou um profissional, assim, muito depressa, acho, comparando com os irmãos. Então é engraçado! Eu acho engraçado!

José Carlos: ã-hã...

E o que ele tá fazendo hoje?

Lúcia: Ele trabalha numa usina...

José Carlos: numa usina... como coordenador de planejamento, um cargo bom, ele é bem quisto, trabalha bem, é um profissional aplicado. Mas... não é "assim"! É um cargo... de iniciante ainda. Não tem nenhuma responsabilidade maior...

Lúcia: (interrompendo) Não, eu digo assim, quando a gente olha pra ele, pro Pedro (filho mais velho, 32) e pro Thiago (2º filho, 31), né, ele hoje é o que mais veste essa coisa de... sério, de trabalhador... é o que eu acho. (Dirigindo-se a José Carlos, que reagia em tom de discordância) O que você acha?

José Carlos: Não, não é "o que mais"... Ele é responsável, é persistente...

Onde é que ele mora? Mora aqui com vocês?

José Carlos: acabou de mudar-se pra Goiânia.

Lúcia: Ele morou em Campinas, esse ano aqui, e agora acabou de ir pra Goiânia. Porque o escritório da usina era em Campinas e agora o escritório foi mudado pra Goiânia porque a indústria é lá em Goiás, e daí... lá foi o Sandro.

José Carlos: e ele casou-se este ano.

Lúcia: É, este ano.

José Carlos: É, quer dizer, então ele já está num emprego que ele gosta, já mudou, 'tá' longe, então não tem dúvida, ele é o que já tá mais maduro.

Lúcia: Eu acho que... não vejo tanta diferença nele com outros meninos que também se formaram, que tão trabalhando, é que em casa foi mais devagar, então, comparando com os irmãos...

Como é que foi? O que é que os irmãos...?

Lúcia: a Lígia (3ª filha)... acabou de se formar...

José Carlos e Lúcia: agora, no meio do ano.

José Carlos: Ela demorou na escola, não sabia o que queria... e acabou fazendo Arquitetura. Começou na Arquitetura, aí no 2º ano foi ver se gostava de Engenharia Civil, aí não gostou, aí voltou pra Arquitetura, mas fazendo a contragosto, então fofoooooiii levando, depois nos últimos 2 anos é que ela assumiu a Arquitetura, daí foi e... terminou. E agora ela tá começando a trabalhar. Tá assim, fazendo um projeto aqui, outro ali, através deeee... arquitetos. Já tá começando também a fazer alguma coisa por conta, mas bem começo mesmo. Ela tá se virando, tá indo atrás.

Ela também casou?

José Carlos: ela não.

Lúcia: ela não.

A Lígia mora aqui com vocês...

Lúcia: é.

José Carlos: ah, o Sandro também ficou um tempo fora do país.

É? Como foi isso?

José Carlos: Era um convênio da ESALQ, tem... com uma universidade na França, daí ele fez lá um ano de algumas matérias.

Ah, tá, então pra estudar...

José Carlos: É, era um convênio que tinha uma parte de estágio e uma parte acadêmica e... fez os 2, daí essas matérias tão no currículo da ESALQ, um convênio. Daí foi, ficou 1 ano, foi bom pra ele...

Como é que vocês estavam com a idade que o Sandro tem hoje, 26 anos?

José Carlos: eu com 26, eu já estava numa empresa que no... último ano de faculdade eu fiz estágio nessa empresa, daí eu continuei nela. Então eu já estava empregado nessa empresa, eu 'tava' desde os 24 nela... e eu já era gerente industrial também, então também foi assim... empurrando a responsabilidade.

Aí com 28 eu 'tava' passando... eu 'tava' em outra empresa, como diretor de Engenharia. Tava bem, aí... já... o S já com 26 'tááá'... semelhante. Menos um pouco porque ele não tem filho. Nessa época a gente já tinha casa, já tinha carro... e eles não compram nada dessas coisas. Eles são contra comprar carro, comprar casa... eles ficam guardando e aplicando. Mas daí não tem muito vínculo, muito compromisso... são poucos os compromissos. A gente já tinha compromisso de pagar casa, pagar carro, pagar...

Lúcia:... família, né? Com 28, nós já tínhamos os 4. Eu com 28, você...

José Carlos: você com 28 já tinha os 4 e tava tentando se formar.

Lúcia: com 28 eu tinha os 4, mas tava fazendo a faculdade ainda.

José Carlos: e a Lígia... agora é que ela se encaixou no rumo, agora ela aceitou que ela gosta de ser arquiteta. Faz 1 ano, 2. Acho que faz 1 ano e meio, 2, que ela pegou gosto...

Lúcia: Assumi...

José Carlos: E aí viu que era capaz, ela tinha muita dúvida de ser capaz, de saber projetar... Mas daí, nessa época, eu já sabia que eu era engenheiro, gostava do que eu fazia. Engenheiro eu sabia que eu tinha que ser porque eu sempre gostei muito de montar, de construir, de... formar engenheiros. Então foi muito... natural.

Lúcia: José Carlos fez Economia também.

José Carlos: Eu sempre fui muito ligado nas questões sociais. Já participava de grêmio, lia bastante a respeito... questão social. E daí eu vi que na Engenharia não tinha nada. Então foi uma busca... pra ir atrás de humanas. Mas nunca fui um profissional de Economia.

E a Lúcia?

Lúcia: Então, eu, quando fui escolher, eu não sabia muito o que eu queria. Fui fazer teste vocacional... e daí deu que eu encaixava num monte de coisas e daí... daí eu fui fazer Administração. Comecei cursinho pra Administração, daí no meio do ano converso com o meu pai, converso com o José Carlos, mudei pra Psicologia. Mudei de cursinho... e... aí eu sempre gostei muito. Acho que...

Mas não tem nenhum psicólogo na família.

Lúcia: Não. Meu pai sempre gostou muito, sempre comprou livros...

E com é que vocês, como pais, se sentem com relação à transição deles? Vocês consideram que eles são adultos, que eles não são... em que lugar eles estão nessa trajetória?

(risos)

Lúcia: Eu acho que da mesma forma como aconteceu com a gente, que a gente foi ganhando aos poucos, eles também vão ganhando aos poucos. Assim, cada um no seu aspecto, assim, que a vida proporciona no momento. Eu vejo o Sandro bastante responsável, assim, profissionalmente, bastante sério. Maaasss tem umas coisas assim, alguns momentos, que eu falo "ai, que criança, ai, que meninão ainda". Sandro a gente vê ele assim, todo responsável, e isso, aquilo, mas... quando ele chega aqui, que ele se põe no sofá... aí ele quer deitar em cima do pai, quer deitar em cima de mim, quer ficar de mãos dadas... né, amor? (José Carlos assente) Parece que ele quer sentir, assim (rindo), aquela coisa que ele... perdeu, né (rindo). Aquela coisa de "ai, que bom, agora eu não tenho que decidir nada, posso ficar encostadinho aqui assim" (sorrindo).

José Carlos: Mas eles nem pensaram em ter filho agora, por enquanto. O Sandro logo que casou tava querendo, mas acho que... mudou de idéia. Eu acho que é porque eles querem se preparar melhor... (Dirigindo-se a Lúcia) Você acha que é isso?

Lúcia: então, a Letícia é casada com o Sandro. Então o Sandro disse que a Letícia quer pro ano que vem, nas férias dela, porque ela começou a trabalhar agora, no final do ano, então ela só vai ter férias no fim do ano que vem. E é uma empresa bastante rígida, regradada.

O que ela faz?

Lúcia: Ela é farmacêutica.

Hum-hum...

Lúcia: E daí então qual é o plano deles? Quando ela tiver férias, daqui 1 ano, eles vão fazer uma viagem bem legal, bem bacanona, e daí vão pensar, vão liberar!

E isso então é conversado com vocês...

Lúcia: é, eles contam.

Mas contam esperando opinião?

(Risos...)

Lúcia: Sóooooo comunicam....!!!!

José Carlos: E eu reclamo pra caramba! Não pelo fato de só ser comunicado, mas por não ter netos! (risos)

Lúcia: Ele tem uma irmã e um irmão, e os 2 têm netos! Só ele que não tem, então... (risadas)

Pra vocês, como é que é sentir que os filhos estão crescendo? Vocês lidam bem com isso?

José Carlos: Esses dias que eu me peguei pensando que eu gostaria de saber mais da vida privada deles. Eu não sei onde que eles têm conta no banco, eu não sei quanto que eles ganham...

Eles não falam sobre isso...

José Carlos: não. Eu falava pro meu pai! Meu pai sabia muitas coisas. Nem sei o que eles fazem com o dinheiro deles...

É uma preocupação?

José Carlos: É mais de não 'tá' participando mesmo. Ficou um sentimento de ser meio... de ficar por fora.

Lúcia: Eu participo bastante! Porque eu tenho um outro jeito, eu pergunto, numa oportunidade eu fico junto. "Ah, eu vou buscar não sei quem não sei aonde". Eu "ah, eu vou junto". E daí eu fico conversando o tempo todo.

Mas tem coisa que eu não sei também. Que nem, essas coisas que o José Carlos falou eu não sei quase nada. Eu sei que Sandro comprou umas ações na Bolsa... sempre chega envelope do Banco do Brasil aqui em casa e eu fico guardando pra quando ele vem...

Mas da vida pessoal, do relacionamento com namorada, com esposa, isso aí eu converso bastante. Inclusive com as meninas...

José Carlos: Mas eu acho que essa independência deles é uma questão de amadurecimento. Eles cuidam das finanças deles com muita segurança, com muita independência. Não perguntam nada pra ninguém, não é que não pergunta só pra mim. E mesmo a Lígia sabe o que fazer com o dinheirinho dela, guarda dinheiro...

Não são dependentes, não. São maduros nisso. Dá pra ver que eles são independentes nessa questão... de saber que tem que economizar, que tem que cuidar, são bem preocupados.

Lúcia: É...

José Carlos: Acho até que mais do que eu era na época. Eu era mais solto... acho que era mais fácil ganhar, também.

Lúcia: a gente tinha outra idéia da vida, na nossa geração.

José Carlos: parecia que era tudo mais fácil... pra viver, pra cuidar de filho. A impressão que a gente tinha é que não era problemático, ou que se a gente saísse do emprego tinha outro. Era bem melhor pra viver. Então dava pra arriscar mais, pra ser mais inconsequente um pouco, não tão planejado. Eu sempre fui mais arriscador, mais

tranquilo... fazer conta de... pé de meia, ficar garantido. Então isso não tem dúvida que hoje tem uma diferença grande.

Lúcia: É engraçado, né, porque conversando, parece que... ãã... nós vivemos coisas da vida antes deles, né? De trabalho, de ter filhos, desse tipo de responsabilidade... bem antes deles. Mas parece que eles são mais cuidadosos, mais conscientes, ãã... administram melhor a vida deles, com mais clareza... Acho que com mais consciência... do que nós.

José Carlos: (discordando) Administram mais, mas não melhor. Planejam mais...

Lúcia: É, planejam... têm uma preocupação nesse sentido que a gente não tinha.

Por que vocês acham que isso acontece?

José Carlos: Eu acho que o mundo todo tá assim. Mas acho que também a gente sempre foi muito mais econômico, de não gastar à toa, de ensinar que tem que economizar... e os avós também, dos 2 lados, então tem um background aí de... ensinamento. Mas também eu acho que tem a dificuldade do mundo de hoje. A vida é mais difícil, os requerimentos são maiores... Eu estudei em escola pública, eles não. Eles sabem que os filhos deles vão ter que ter... vão ter que prevenir mais.

Vocês acham que a vida hoje tá mais difícil?

Lúcia: Ah, eu acho.

José Carlos: Acho.

Mais difícil pra eles ou mais difícil pra vocês também?

José Carlos: Pra todo mundo.

Em que sentido?

Lúcia: (Risos) Nossa, tudo! Eu nunca tinha assim, muitos presentes... tinha hora certa de ganhar, dia certo, não tinha essa de comprar fora de hora. Tudo! Comer um chocolate, uma sobremesa, era tudo regrado, era sempre aquele pedacinho... alimentação, horário, tudo regrado. Tinha liberdade sim, porque a maior parte da infância a gente passava em chácara, então essa liberdade de brincar sozinho, de se enfiar no mato... essa liberdade eles tiveram.

Mas em casa era sempre tudo muito regrado, o que pode e o que não pode... Eles (filhos) sempre foram diferentes, até da geração deles.

José Carlos: Que nem "vai comprar um tênis, não vai comprar o de marca!". Sempre foi assim, a gente não gastava mais do que preciso. E eles mantêm isso.

É?

Lúcia: Vai comprar calça, não compra porque é da loja, "magina!"... Pelo contrário, vence aqui quem conseguiu comprar a calça mais legal na loja mais barata (risadas!). A gente sempre se preocupou muito com essa questão de educação. Ganhava o presente querido do Natal, aquele da loja, mas era no Natal! A bicicleta...

E vocês acham que com os filhos deles eles vão reproduzir isso?

José Carlos: Eu acho que sim. Eu acho que sim. Já fazem com as esposas... A Lúcia fica num policiamento porque o namorado foi comprar uma máquina fotográfica... ficava querendo controlar a compra dele! O que ela faz com o namorado acho que ela vai fazer com filho. Sandro também. Ele já faz com Letícia (esposa)...

Lúcia: Mas eles são iguais nisso. Ela também veio de uma família que dinheiro era bem regrado... e acho que eles escolheram pessoas que são assim... de não ligar pra marca, de não ligar pra "eu tenho isso, tenho aquilo".

É, tem uma coisa que eu me sinto muito satisfeita; eu não sei você (dirigindo-se a José Carlos): quando eles se referem à forma como foram educados, eles se referem com muita satisfação. Eu gosto de perceber isso.

Se vocês tivessem que, assim, dá uma opinião genérica, independente, é, na medida do possível, da experiência de vocês, dos filhos de vocês, olhando assim, pra vida, o que vocês considerariam que são marcos de transição pra vida adulta?

José Carlos: Pra mim é o emprego que você queira, que você esteja motivado. Não aquele emprego pra viver... Filhos, casamento, assumir responsabilidades de bens grandes, casa... Então pra mim esses são marcos. Que mais, Lúcia?

Lúcia: Sair... ir morar em outro lugar, sair da casa dos pais.

José Carlos: Pra mim a maturidade é...

Lúcia: Um processo, né? Durante a vida

José Carlos: Mas acho que pra dizer assim "eu 'to' razoavelmente maduro" é... profissional, casamento, filho. Acho que é compromisso que tem que assumir.

Lúcia: Acho que é construir uma vida, né? Junto.

... (silêncio)

Então, pelo que eu estou entendendo, esses marcos de transição têm que vir juntos, pra vocês considerarem que realmente essa transição aconteceu.

Lúcia: Eu acho que uma coisa já é um passo. Quando o Sandro saiu, foi morar em Campinas, já foi um passo.

José Carlos: É, é uma somatória. No meu caso foi primeiro a profissão. Aí antes de casar eu assumi o compromisso de comprar terreno, coisa assim, aí foi o 2º aspecto de... de maturidade. Eu estava trabalhando e tinha assumido um compromisso grande, por 5 anos, né, pra pagar, comprar uma casa. Daí, logo depois a gente casou... então... cada

um tem uma ordem nessas coisas. O Sandro só saiu de casa quando ‘tava’ empregado. Pra ele o mais relevante foi o emprego, a empresa boa, que ele valorizou. Aí ele deu um salto, eu acho. Saiu de casa... depois é que ele foi pra casar.

(Silêncio)

(Longo silêncio)

Tem alguma outra coisa que vocês gostariam dizer?

Lúcia: Nós não falamos do Sandro, que ele não sabia muito o que queria, achava que queria Medicina, aí ele viu que não tinha nada a ver com ele, aí chegou a hora de prestar, no 3º colegial, aí ele não sabia o que, né amor? José Carlos falou... porque meu sogro... a gente morou 9 anos na chácara do meu sogro. E tinha um pomar... Sandro sabia é... cada pé... de laranja, sabe? Curtia... Então José Carlos falou "filho, então põe Agronomia".

Aí ele pôs, aí ele passou. E José Carlos falou "faz o 1º ano. Se você não gostar, aí você presta de novo, e... né? Pelo menos você tem aí 1 ano pra você amadurecer, né... enquanto você não tiver idéia de profissão, aí você vai fazendo, só pra amadurecer".

E ele começou e... gostou... e foi que foi!

A Lígia a gente também... nesse período que ela não sabia o que queria... também fofoooooiii um ano assim, nossa, que eu chorei muito. Eu chorava... Até a gente... ter que ser assim com ela..."ou você faz uma faculdade, ou você vai trabalhar por conta própria e.. aí... 'cabou'".

Daí foi indo até... A Lígia é muito turrona, sabe?

José Carlos: Quando ela tava na dúvida se queria Arquitetura, daí ela queria fazer Gastronomia. "Tudo bem, faça. Só queeee... por sua conta. Você vai, tem que pagar o curso". O que nós temos condição de oferecer pra você é lá em São Carlos.

Lúcia: E eu falei "você vai fazer uma fac... porque não era um curso de nível superior. Porque (Gastronomia) não era, depois tiveram algumas mudanças. "Você vai fazer uma faculdade. Se você não vai fazer, então ‘cê’ vai se virar, ‘cê’ vai trabalhar".

E por que isso de fazer uma faculdade?

Lúcia: Ah, isso é meu! Não sei se o José Carlos concorda. Porque eu acho que uma faculdade traz uma abertura cultural muito grande, né? Diferente de um curso técnico.

Ok? Mais alguma coisa? Mais alguma coisa que vocês queiram contar?

José Carlos: Não... (sorriso)

Lúcia: É muito bom contar da vida, viu? (risadas)

Que bom! Fico feliz de ouvir isso! Obrigada!

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 2

Filho(a): **J.B.B.C.** Sexo: **M** Idade: **25**

Curso de graduação: **Educação Física** Concluído em: **12/2006**

Instituição: **UNESP**

Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não

Reside com os pais? (**X**) sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **R.B.C.** Idade: **58**

Profissão: **Professor**

Mãe: **N.B.C.** Idade: **59**

Profissão: **Artista plástica**

Classe econômica (segundo o CCEB): **A2**

Piracicaba, 12 de janeiro de 2011.

Então, a primeira idéia é que vocês se apresentem, falar da vida de vocês, da história... onde nasceram, onde estudaram, quando se conheceram, se casaram...

Nilva: É individual?

É individual, mas vocês vão acabar falando um do outro.

Ricardo: Mas as falas podem ser entrecortadas?

Podem, sem problema nenhum.

Ricardo: Quem começa?

Nilva: Você!

Ricardo: Eu? (risos) Ok, vamo lá. Falar do passado... falar do passado negro (em tom de brincadeira). Bom, meu nome é Ricardo, tenho 58 anos, sou professor há 30... 35 anos. Estou na ativa, embora aposentado. Trabalho com pré-vestibular.

Adoro Língua Portuguesa, minha área. Fiz faculdade, fiz Letras. Eu sempre achei que iria viver de Língua Portuguesa. Dar aula foi uma consequência. To contente com o que faço e, modéstia a parte, acho que faço bem. Profissionalmente, acho que é muito tranquilo... a Nilva também!

Foi professora muito tempo, se aposentou, montou o ateliê dela... profissionalmente ela está mais contente do que quando dava aula, inclusive.

Nilva: Deixe que eu conto! (em tom de brincadeira) (risadas) Senão ele vai contar tudo da minha vida, aí não vai sobrar nada!

Ricardo: Tá bom, tá bom...Dedique-se ao ponto que a gente foi namorado na mesma cidade, que a gente se conheceu em Pederneiras, uma cidade pequena... aí eu fui pra SP e ela veio pra Piracicaba.

Nilva: A gente se conheceu desde a 5ª série.

Ricardo: Deeeeeesssde... E aí ela veio pra Piracicaba e eu fui pra SP. Depois de 3 anos eu vim pra Piracicaba, deixei SP pra trás.

Foi pra SP pra trabalhar?

Ricardo: Fui, pra dar aula em SP. Na rede particular e na rede estadual. Mas aí eu deixei SP pra trás e vim...

Por causa dela?

Ricardo: O que é que não se faz por amor, né? (risos) Ela tinha me arrumado algo na rede particular...

Nilva: No Dom Bosco! (tradicionalmente, uma boa escola em Piracicaba)

Que ano foi isso?

Ricardo: 78...

Nilva: Não, bem, em 78 nós casamos. Foi em 76...

Ricardo: 76, 75. Então... somos desde então piracicabanos, nossos filhos nasceram aqui. Eu... trabalhei aqui por muito tempo. Hoje, por razões profissionais, eu to fora da minha cidade. Mas eu moro aqui. Trabalho em Ribeirão Preto, Campinas...

Nilva: Franca.

Ricardo: Em Franca eu tenho uma aventura lá com uma escola, sou sócio de uma escola. E a Nilva, profissionalmente, tem mais raízes aqui em Piracicaba. E a gente não se mudou de Piracicaba por causa da profissão dela. Daí nossos filhos nasceram. São os 2 piracicabanos da gema e...

Vocês se casaram em 78, foi isso?

Nilva: Foi.

Ricardo: Foi, em 78. 24 de junho de 78, a noite mais longa do ano. (risos)

Nilva: E a mais fria!

A mais fria também?

Ricardo: Foi... São João...

Nilva: Nós tivemos... com as crianças... assim, a dedicação era total...

Ricardo: Ah, sim, exigiram muito da gente. O Nilton teve problemas com alergia, problemas motores...

Nilva: Em função disso ele (marido) cresceu muito mais profissionalmente que eu. Eu tinha que ficar muito dentro de casa. Embora tivesse empregada, tudo, e eu trabalhasse, eu tive, sabe, que recuar por causa das crianças. Aí... o Nilton nasceu em 80 e o João em 85. Os 2 desejados e planejados!

A-hã... E eles estudaram em que escola aqui em Piracicaba?

Ricardo: Como a mãe trabalhava na rede estadual, uma escola muito boa chamada Honorato Faustino...

Conheço...

Ricardo: Então nós pusemos os 2 lá. Houve uma época em que a escola era boa se o diretor fosse bom. Era o diretor quem fazia a escola. O diretor lá tinha um compromisso com a comunidade, com a escola, e a Nilva trabalhava lá, no Honorato Faustino. Então o Nilton durante muito tempo estudou lá.

Nilva: Eu escolhia a professora que eu sabia que dava uma boa aula. E eu também tava ali, né? Era bom, porque assim a gente podia acompanhar melhor.

Ricardo: Daí no Ensino Médio ele saiu e foi pra rede particular.

Pra que escola?

Ricardo: Pro Anglo, onde eu trabalhava. Teve azar na vida, foi aluno da mãe e do pai.

Nilva: Os 2 foram alunos meus; dele, só o Nilton...

E aí então o Nilton fez o colegial no Anglo, foi pra faculdade...

Ricardo: Foi pra UNIMEP, foi fazer Rádio-jornalismo... Rádio e TV.

Nilva: E nós respeitamos... Imagina um pai, o filho indo fazer Medicina, e ele chega pra gente e diz “vou fazer Rádio e TV”. “Vou ser...”, né, “vou partir pra Arte...”. E (em tom de desapontamento) nós aceitamos muito bem.

Com alguma frustração?

Nilva: Depois, né? O emprego é difícil.

Ricardo: É, mas nós fizemos um pacto: eles vão fazer o que eles gostarem. Nós respeitamos isto. O Nilton entende tudo de música, o que você perguntar pra ele sobre música ele vai saber te responder. Agora... onde vai trabalhar um cara desse, né? Não sei. Ele é muito bom, mas as oportunidades é que não são muito boas. Mas o Nilton... decidiu trabalhar depois de um certo tempo com a Nilva.

Nilva: Ele trabalha com Arte e com Música. À noite ele toca...

Ricardo: Ele é um grande DJ! (risos)

Nilva: É culto, fala de tudo. Quietinho, na dele, né? E não ostenta nada.

Ricardo: Ele é muito diferente, né?

Diferente de...

Ricardo: No sentido assim... ele é modesto, é... às vezes eu acho que ele poderia se dar um pouco mais.

Nilva: Sabe por quê? A gente sabe disso... porque nós trabalhamos com adolescente, nós demos aula né? Então a gente tem parâmetro, a gente sabe avaliar. A gente vê o filho de uma forma, mas sabe avaliar de outra forma.

Ricardo: Diferente se comparado aos outros alunos que eu tenho. Não liga pra marca, pra carro... Às vezes eu falo coisas do tipo “filho, vamos trocar de carro?”. “Ah não, não precisa, eu coloco meus instrumentos aqui, fico batendo tudo”.

Nilva: Não ligam pra marca, pra roupa de marca. Eu tenho amigos que os filhos querem ter tudo de marca. Eles não, os valores são outros. É ter, né. Pra gente não precisa muito.

Ricardo: Nossos filhos são muito bons. Não bebem, não fumam... Pelo contrário, às vezes até sou eu que ofereço pra eles (risos). Às vezes eu acho até eles meio "caretas" (risadas).

Nilva: A gente vai em festa e eles voltam guiando! (risadas)

E o João estudou no Honorato e depois também no Anglo?

Nilva: É...

Ricardo: E depois foi também pro CLQ (Colégio Luís de Queiróz, rede Objetivo), fazer o 3º ano.

Nilva: Porque nessa época o Ricardo já não trabalhava mais no Anglo. E o João gosta muito de estudar, então ele foi fazer o 3º lá no CLQ.

Ricardo: O João é muito inteligente. Muito bom na área de Biologia, Nutrição. Depois da UNESP ele fez um curso na UNIFESP, em SP. Ele é pessoal, hoje, além de professor de uma academia.

Ele fez Educação Física então...

Ricardo: Sim, Educação Física.

Nilva: O João é muito estudioso.

Ricardo: É... bom menino.

Nilva: Só que eles são muito diferentes, né? Nem parecem irmãos. Não é, bem? O João já é mais reservado, mais difícil de lidar. Gosta de tudo branco no preto! Né, bem?

Ricardo: É.

Mas ele é sério? Uma pessoa mais séria?

Nilva: (titubeando) Nã.... hummm.... não sei se ele é sério. Ele brinca com os amigos, é um cara gozador. Mas ele gosta de saber onde tá pisando.

U-hum... Mas... eu não ouvi a Nilva falar da...

Nilva: da minha vida, né? Então, a minha história não é muito diferente da dele. Eu sou da região também. Sou de Dois Córregos, que é uma cidadezinha pertinho de Pederneiras. Minha mãe... casaram, foram pro sítio que era do meu avô, não deu certo, meu pai foi pra SP, largou tudo, herança, ããã...foi pra SP começar a vida sozinho. Isso meu pai com uns 24, 25 anos, minha mãe com 18.

Eu nasci, meu pai não queria me criar no sítio. Aí foi pra SP. Mas depois ele acabou voltando pra Pederneiras porque em SP ele fazia o que?

Ricardo: na Pirelli.

Nilva: Era funcionário... tadinho, ganhava muito pouco, né? E daí um tio meu abriu uma fábrica de calçados e convidou ele pra ser sócio. Ele nunca nem... nunca tinha visto sapato na vida! E foi ser dono de uma fábrica de calçados! Não tinha nem dinheiro! Eu sei que ele arregaçou... e ficaram 25 anos com a fábrica de calçados. E aí... eu tive uma infância muito boa. Não digo rica, mas não me faltava nada. Ia pra praia, passeava, né bem? Tudo o que se faz hoje meu pai proporcionava.

E daí eu estudava em colégio... estudava no Estado e depois eu estudei um pouquinho em colégio particular. Minha adolescência foi muito boa. Já me encantei pela área de desenho, essa parte aí. Daí acabei estudando em Bauru, na UNESP.

Daí... saí da faculdade. Quando eu tava na faculdade eu já trabalhava. Eu era telefonista. Porque nessa época meu pai tava muito mal das pernas. A gente tinha que se manter. Eu, meus irmãos.

Depois eu vim pra cá, peguei aula. Trouxe a minha irmã, que meu pai não podia pagar faculdade e minha irmã não estudou em faculdade pública. Então eu trouxe, paguei a faculdade pra minha irmã na UNIMEP, de Fisioterapia. Porque naquela época, quando eu vim pra cá, professor ganhava bem. Então dava pra eu me manter e manter minha irmã.

Isso aí foi em setenta e... um. E aí trabalhei, fiquei aqui, sofri um pouco. Porque, você imagina, minha casa era... era uma família bem constituída. E eu cheguei aqui e não tinha ninguém. Vim morar com um parente, depois fui morar em república.

Daí nasceram os meus filhos, eu continuei dando aula. Mas optei por trabalhar só um período, que daí eu podia ficar em casa. Eu nunca deixei meus filhos o dia todo sozinhos, sempre no período da manhã eu tava em casa, trabalhava só à tarde. E, quando a minha mãe mudou pra cá, aí ela me ajudava à noite, então eu peguei algumas aulas à noite. Eu tive o João e o Nilton e entre os 2 eu perdi um, de toxoplasmose. Daí nasce o João, muito esperado, um menino forte, ia bem na escola, era o primeiro em tudo, sabe aquele negócio, na escola? Ele se cobrava muito. O primeiro da classe, o que ia melhor, o que corria melhor, o que nadava melhor, sabe... Ia bem em tudo.

E quando as coisas não davam certo pra ele ele ficava furioso, e aí abria a perninha, batia a cabeça no chão, batia a cabeça na parede. Isso é uma coisa que preocupava a gente. Ele não aceitava o fracasso, não aceitava.

Às vezes a gente questionava: por que será que um é tão calmo e o outro é... é assim, né? Talvez porque, por causa de todos os problemas do Nilton, a gente acabava dando mais atenção pra ele. O João era sempre tudo lindo, tudo 10... E ele acabou ficando muito exigente com ele mesmo.

E por causa dessa exigência toda aconteceu uma coisa muito triste. O João queria ser jogador de futebol. Jogava muito, ele era excelente, era excelente em tudo... Só que não teve oportunidade. E nós não corremos muito atrás porque... nós não demos muita importância. Sabe quando você não dá muita importância? Ah, todo mundo quer ser jogador de futebol, sabe aquela coisa?

Quando nós caímos em si, né, bem, ele estava perdendo muito peso. Só que, na mesma época, ele tava pondo aparelho na boca, então ele tava comendo menos. E a gente não sabia se era isso que tava provocando o emagrecimento. E, de repente, se deu... uma anorexia. Que é a coisa mais difícil em menino.

Mas, pra descobrir isso... eu acho que nós demoramos 2 anos pra descobrir.

E aí ele já tava bem magrinho...

Nilva: Com 15 anos, ele já tava com 36kg. O João é um vitorioso, você não tem noção! Nós pegamos todas as fotos, rasgamos todas, só tem lá uma ou duas, porque a gente não gosta nem de lembrar.

E foi um sofrimento. Era uma equipe muito grande, lá em SP. E uma aqui, também. Pra você ter uma idéia do sofrimento, foi questionada a sexualidade na época.

Mas daí acertou, ele demorou 1 ano pra ganhar peso. Então foi um período muito difícil. Como ele é muito exigente com ele mesmo, então ele falou "eu vou sair dessa". E aí acabou fazendo Educação Física.

(silêncio)

Bom, indo agora um pouquinho para o lado da vida adulta. Olhando pros seus filhos hoje, né, vocês consideram que eles são pessoas adultas?

(Longo silêncio)

Nilva: Difícil, né? Depende do lado que você tá enxergando. Porque, que nem, eu, como mãe, eu vou achar sempre que eles não são adultos. Não é? Agora, eles têm atitudes de adultos? Eles têm!

Ricardo: (interrompendo) O que significa ser adulto, né? Ser adulto significa você conseguir viver sem o pai e a mãe, é isso?

É uma pergunta que eu preciso que vocês me respondam (risos)... Não tem resposta certa ou errada, é a visão de vocês.

Ricardo: Acho que se a gente desaparecesse pra sempre da vida deles, acho que eles conseguiriam com as próprias pernas, se virar... Então, se o conceito de adulto for esse, eu posso dizer que eles são adultos.

Nilva: Essa parte de se virar. O João é uma mulher na cozinha! Sabe cozinhar, sabe fazer tudo. Às vezes tem alguma atitude que a gente considera criança.

Na vida de vocês, como é que foi essa transição? Quando é que vocês consideram que atingiram a maturidade?

Nilva: (prontamente) Ah, muito antes!

Muito antes?

Nilva: Ah, sim! Isso não tem nem o que discutir. (Dirigindo-se ao marido) Quando você começou a trabalhar, você logo já era independente...

Ricardo: Tem uma piadinha famosa. O pai fala assim pro filho: "Rapaz, com a sua idade eu já tomava conta da casa, já tinha família". Daí o filho fala assim: "Pois é, e com a sua idade o Clinton já era presidente dos Estados Unidos!" (risadas). Então, toda vez que eu penso em falar isso pro meu filho, eu lembro da piada. Mas, eu vejo assim:

mudou muito de uma geração para a outra. Os filhos protelam mais a saída de casa, né, já saem com menos riscos. E a gente...

Nilva: (interrompendo) 'Ce' quer ver com a gente, o que acontece, pra nós? Por exemplo, a vida inteira nós moramos em apartamento, no começo porque a gente não tinha condição, depois porque morar numa casa a gente tinha medo. Aí nós compramos um apartamento maior, depois um terreno... e construímos uma casa. Aí a casa tava pronta, a gente: "E agora? Nós vamos morar, nós vamos vender, que é que a gente vai fazer?" Bom, resolvemos mudar pra essa casa onde a gente mora. Então, você veja, o que acontece hoje? Você acha que meus filhos têm vontade de morar sozinhos em um apartamento pequenininho? Não!

Então, um dos fatores é esse aí. Eles trabalham em Piracicaba, moram em Piracicaba. Eles podiam até querer mudar pra um apartamento, a gente até ajudar eles a comprar, ou eles comprarem sozinhos. Mas eu não vou acelerar, não vou falar "ô filho, vai morar sozinho, vai pra um apartamento"...

Ricardo: "Vai pra uma kitnet".

Nilva: Porque faz só 2 anos que nós estamos na casa, então eles tão curtindo a casa... 'ce' entendeu? A gente sempre quis dar, mas nunca nós conseguimos. Então, se eles vivessem fora... Mas, morando aqui, vai pra uma kitnet? Se for do agrado deles, se for da vontade deles, a gente não vai se opor.

Mas a gente não vê por que ficar tocando "olha, você precisa ter vida própria, precisa ir pra um apartamento". Por enquanto, pra gente, também é confortável eles ficarem lá.

É? Por quê?

Nilva: Ué, eu vou dormir, eles tão lá, o pai viaja, eu não fico sozinha, eu tenho 2 homens do meu lado. Então é muito confortável. Mas, se ele arrumar, se ele quiser, eu sou totalmente a favor. Se quiser arrumar uma namorada, arrumou uma namorada, se ele quiser... a gente não é contra. "Você tem que ficar aqui porque aqui você tem uma vida melhor". Isso não!

Ricardo: tem uma coisa interessante. Quando eu namorava, normalmente é o cara que frequenta mais a casa da namorada. E no nosso caso não. O João arrumou agora uma namoradinha, uma graça ela, e é ela que vai mais pra nossa casa do que ele vai pra casa dela.

Nilva: Em casa, minha casa tá sempre alegre, sempre cheia de amigos. Então eles se sentem à vontade.

Quando vocês falam que as coisas mudaram, que hoje tudo é diferente, vocês tão falando de quê exatamente?

Ricardo: Das condições externas. Primeiro, os tempos são outros. A condição econômica que o meu pai proporcionou pra gente foi muito diferente das condições que eles (filhos) vivem hoje. Eu, na minha casa, eu não tinha tanto conforto, então eu queria ter a minha casa.

A casa dela talvez tivesse mais conforto, porque o pai dela era comerciante. Mas o meu pai não, o meu pai era carcereiro. Então, assim, acho que, comparando, eu saí de casa com 22 anos. E hoje os meus filhos tão na minha casa, tanto o João quanto o Nilton.

Então, acho que os 2 fatores são esses: primeiro, o conforto que existe e que não existia antes; segundo, o que eu vejo nos meus alunos, ou por depoimento de outros colegas, os jovens estão demorando mais mesmo pra sair de casa. Eu vejo alunos que prolongam a faculdade, a faculdade é um período tão bom!

Daí é pra durar 4, 5 anos, e eles ficam 6, 7 anos, até quase jubilar. E o ninho é bom, né? (risos) Então, eu acho o seguinte: o dia em que eles quiserem alçar vãos próprios, vão ter o meu apoio. Na verdade, eu acho que quando eles encontrarem uma namorada exigente, que queira uma vida a 2, eu acho que o empurrão tem que ser a mulher.

Na idade do João, 25 anos, o que é que vocês estavam fazendo?

Nilva: Nós estávamos pra casar. Mas com a profissão mais ou menos definida já. Já morávamos sozinhos... com 22 anos já tinha minha casa.

O João ainda tá buscando. Não que ele queira mudar de profissão, não. Mas quer uma coisa melhor. Ele tá indo atrás e, se tá indo atrás, é porque não tá acomodado.

O João não tem marketing. Ele acha que as pessoas têm que saber e reconhecer o que ele é, mas ao mesmo tempo ele fala "você acha que quando uma pessoa olha pra mim ela sabe da minha formação, de tudo o que eu já estudei?"

(Silêncio)

Tem mais alguma coisa que vocês queiram dizer?

(Entreolhando-se) Acho que não.

Obrigada, então! Muito obrigada!

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 3

Filho(a): **C.A.E.T.M.** _____ Sexo: **M** _____ Idade: **28** _____

Curso de graduação: **Engenharia Química** _____ Concluído em: **12/2006** _____

Instituição: **UNICAMP** _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente

Ajuda no sustento de outros? (**X**) sim () não

Reside com os pais? () sim () não (**X**) apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____

Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/____

Instituição: _____

Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente

Ajuda no sustento de outros? () sim () não

Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **A.C.T.M.** _____ Idade: **55** _____

Profissão: **Engenheiro químico** _____

Mãe: **M.E.R.E.** _____ Idade: **63** _____

Profissão: **Psicóloga** _____

Classe econômica (segundo o CCEB): **B1** _____

Piracicaba, 13 de janeiro de 2011.

Eu pensei na entrevista da seguinte maneira: primeiro você fazer uma apresentação da sua vida, onde você nasceu, onde estudou, quando foi pra faculdade, esse tipo de coisa. Depois, de acordo com a evolução, do que você for dizendo, eu vou perguntando outras coisas. Vamo lá?

Elza: Eu acho que eu vou ser um pouco atípica aí, porque a própria expectativa é bem certinha... fez faculdade, casou, aí nasceu o filho... o meu não foi nada disso! (risos)

Ã-hã (risos)...

Elza: Então, eu estudei em escola pública, num colégio chamado Culto à Ciência, é um colégio famoso por ter sido um grande colégio. Fiz todo o Ensino Médio lá, né, 1º e 2º grau antigos. Naquele tempo o colegial podia ser clássico, científico ou normal; eu fiz o científico. Depois fiz Psicologia, logo em seguida, e me formei em 70, com 22 anos. E... Comecei a trabalhar imediatamente. Inclusive na própria faculdade.

Aonde foi?

Elza: na PUC, de Campinas.

Ã-hã...

Elza: Me tornei professora, na ocasião não tinha essa exigência "tem que ter Mestrado", não sei o que. Eu não tinha nada. Era formada, tinha sido monitora de uma matéria... Fui convidada pra ser professora e... fiquei... e quem entrava assim já era titular, eu era do quadro titular da PUC.

Legal.

Elza: É. E fiquei lá 19 anos, de 70 a 89. Saí porque quis. Porque me desinteressou.

É?

Elza: É. Hoje eu até gostaria de voltar, mas aí tem tanta complicação, que eu não me atrevo... (risos). Eu cheguei a fazer as matérias do Mestrado, no decorrer disso, na própria PUC. Na PUC de SP comecei, depois concluí aqui. Mas não fiz tese... nem tentei começar, pra falar a verdade. "Eu já sou titular!", né, e... Não tinha um projeto de pesquisa meu, então seria mais pra cumprir... uma obrigação, então... E enquanto trabalhava na PUC eu também trabalhei num cursinho, com psicólogas, dando orientação lá. Na ocasião a minha área de escolha era Psicologia Escolar. Trabalhei em vários colégios. Fui... os empregos surgiam...

As amigas me indicavam, o professor indicava... eu nunca procurei emprego (ânimo) (risos). Era bom, viu? Porque pra mim seria uma grande dificuldade ir atrás. Ainda é hoje. Então...é... surgiram oportunidades, eu... eu fui, né? Então... eu morava com meus pais e continuei morando. Na verdade eu comecei a trabalhar em SP umas 3 vezes por semana, então eu ficava parcialmente aqui e lá... viajando um tempo. Depois... eu aluguei um apartamento lá, mas não pra ficar o tempo todo também porque eu trabalhava na PUC de Campinas.

Até terça, segunda e terça, eu trabalhava na PUC. Na terça eu ia pra SP, lá eu trabalhava numa... ligada à Febém, menores egressos da Febém, meninas egressas da Febém. Não era nada barra não. Era bem organizadinho, né, não era o que é hoje.

Sei.

Elza: Por exemplo, crack, nada disso...

Mas era uma ONG ou uma instituição do governo?

Elza: Chamava Fundação Dona Paulina de Souza Queiroz. Que foi fechada daí, quando eu estava lá. Eu fiquei, devo ter dado um ano e meio, ou menos de um ano. E ela fechou porque... por motivos da instituição mesmo. O patrimônio foi cedido à APAE por 50 anos. E aí nós todos fomos demitidos, tal, então saí de lá, assim. Nesse ínterim eu me interessei por clínica, comecei a... no meu Mestrado, as matérias eu já tinha mudado. Eu comecei em Educação na PUC-SP e depois... é... mudei pra Campinas, que abriu o Mestrado em Psicologia Clínica, fiz a minha área de concentração em Rorschach. Porque daí já tava me interessando trabalhar com clínica. E...nesse mesmo espaço aí, nesse mesmo tempo, eu comecei o curso de Psicodrama, em 86, e...

Em Campinas?

E: Isso, onde eu sou sócia-fundadora, sou da 1ª turma, né, nós somos fundadores e... me tornei professora lá, tudo. Quando eu deixei a PUC, em 89, foi quando eu comecei a dar aula no IPPGC. Eu tava achando que o nível que os alunos chegavam era muito baixo e... desestimulante, os alunos da PUC. Quer dizer, não eram os da PUC. Eram os universitários de modo geral, uma diferença muito grande a partir de alguns anos. Não sei se foram eles que vinham mais mal preparados; a turma... da ditadura, do tempo de uma formação bem mais... deficiente... ou se eu que fui ficando um pouco mais velha, conhecendo mais coisas e...

Eu não era nada velha, né, em 89. (risos). E aí eu... eu deixei. Na ocasião dava pra deixar. Era um emprego, né, estável, eu era titular do quadro. Foi uma decisão um pouco arriscada, mas parecia, assim, muito bom; sofri um pouco pra tomar a decisão, mas dava pra fazer. Eu tinha consultório todos os dias, tinha 2 grupos em andamento, era... o consultório me pagava muito mais do que a PUC. E... então... deixei, né, fiquei com as aulas de Psicodrama.

Foi bem assim. Acho que eu pude ir atrás do que eu gostava, por exemplo as aulas que eu dei. Durante 5 anos eu dei Psicologia da Personalidade, aí eu falei "ah, já cansei de estudar esse assunto, ficar dando aula...". Aí eu deixei essa matéria, fiquei só com a Psicologia Escolar, uma optativa que era Psicodrama e Educação, junto com uma colega, começamos a dar, foi... foi bem possível escolher.

O que eu não quis eu não fiz. Não fiz Mestrado, por exemplo. Pago um preço por isso, paguei um preço mais tarde, de não ter um emprego estável. Porque aí, quando o consultório deixou de ser uma fonte segura, faz alguns anos que não é, né... daí... eu pastei um pouco.

Mas... é... são coisas da vida, né? ... Mas o que eu quero salientar é que quando eu me formei, existiam empregos. E quando às vezes minha mãe dizia pro meu pai assim "nós não temos que nos preocupar em deixar nada pros nossos filhos; deixando a carreira é o quanto basta". Ela pensava assim, então é o que parecia que seria, né, então... Tem a carreira, tá garantido. Uma pessoa formada.

Isso fazia sentido...

Elza: Isso fazia muito sentido naquela época. E foi, por um tempo fez sentido, depois começou a não fazer mais.

Então se seu disser que tá tudo muito mais difícil não só pra quem tá entrando, mas pra todo mundo...

Elza: Concordo. Por que, que nem, hoje era pra eu estar muito mais tranqüila financeiramente. Embora eu também não tenha feito uma coisa certinha, de permanecer... ganhando um salário, né? Foi uma oportunidade muito grande quando eu pude ir pra Caterpillar, que eu também fui convidada. Fiquei 5 anos, pude me aposentar em cima de um salário fixo, né? Então...é... isso foi muito bom. Mas eu não segurei isso a vida inteira, não fiquei segurando.

Mas as oportunidades apareceram, acho que também consequência de eu ter sido uma pessoa que sempre estudou, sempre fui séria no meu trabalho. Mas acho que hoje, mesmo que você seja tudo isso, pode não aparecer uma oportunidade. Né?... acho que tá bem mais difícil.

Também porque... o que se necessita pra se sustentar é muito mais, hoje você tem que pagar pros filhos escola, né, que meus pais não tiveram que pagar. Saúde, plano de saúde, se tornou um negócio imprescindível, assim. Seguro de automóvel é imprescindível. Seguro extra, além do INSS, se tornou quase que uma... se eu começasse agora, acho que eu ia me preocupar em fazer. Internet, né, toda essa eletrônica que a gente tem disponível, tudo isso custa. No tempo dos meus pais não tinha nada desses gastos. Então, além de ter mais estabilidade de emprego, não tinha tanta despesa.

Quando você fala isso, tá pensando também no seu filho?

Elza: Sim, to pensando em mim, mas no que meu filho precisou de mim e no que ele vai precisar agora pra ele. Na verdade, eu não banquei sozinha o meu filho. Eu não banquei sozinha, mas grande parte.

Ele nasceu quando?

Elza: Em 82. Eu conheci o Cássio, nessa época eu morava em SP, a gente acabou morando juntos e... eu engravidei e nós não casamos. Ele... os pais dele moravam em Campinas, ele trabalhava em SP. E daí por muitos anos ele ia todo fim de semana pra Campinas, dormia na casa dos pais dele. Aí... ficávamos juntos, pai, mãe e filho, além da minha mãe, que morava comigo.

Aí era sua mãe que morava com você e não mais você que morava com a sua mãe?

Elza: É. Minha mãe é que morava comigo. Isso eu fiz questão de que acontecesse porque eu senti necessidade de... de mudar a posição, né? Então quando eu aluguei o apartamento em SP já foi com essa necessidade. Eu não tinha meios de comprar e eles não tinham meios de comprar um apartamento pra mim. É... nós somos 3 filhos, né, eu e mais 2 irmãos, e... a herança era dos 3. Agora, meus pais eram pessoas simples também, pessoas sem ambição, assim como eu sou. Então, eu queria sair de casa, mas... se eu fosse alugar um apartamento em Campinas seria difícil de eles aceitarem... "mas por que você vai sair de casa? Tem lugar pra morar...!". (risos) "Vai pagar aluguel???"

Então, essa busca desse emprego em SP foi meio pra eu sair de casa. Aí saí, e dali a pouco acabei me envolvendo com o Cássio, e aí nós meio que moramos juntos lá em SP, e vínhamos no fim de semana pra Campinas, cada um na casa dos seus pais.

Ele é bem mais novo que eu, mais enrolado, sem terapia (risadas)... E acabamos ficando nessa situação meio estranha porque ele sempre trabalhou em São Paulo e no fim de semana tava por aqui e almoçava na minha casa, com a gente. Nessa época eu aluguei essa casa e aluguei um apartamento pra mim, pra daí a minha mãe ir morar comigo e com o André, porque essa casa era dela e, ficando aqui, a gente não ia conseguir mudar a posição. E aí ela ficou comigo até morrer. Meu pai morreu antes, antes disso tudo, antes do André, nascer, em 81.

E sua mãe?

Elza: Minha mãe morreu em 2000. Aos 97 anos, ficou 7 anos acamada.

E aí você ficou com o Cássio quanto tempo?

Elza: Não tem muita data. Tem data de começo, mas não de fim. Ele é meio enrolado, levava uma vida dupla, não sabia se me amava, mesmo depois que eu engravidei. Ele sempre foi um pai carinhoso, mas aqui é como se ele vivesse uma vida à parte. Mas, quando terminou? Quando o André tinha uns 10, 11 anos, é que ficou bem clara a existência de uma outra pessoa. Aí terminou, aí eu falei que... eu não queria mais essa situação.

Aí em 93 eu conheci o Mauro, meu atual namorado, e desde então estamos juntos. Ele lá, eu cá. Cada um é senhor da sua casa e gostamos desse esquema.

E o pai do André se envolveu com uma outra pessoa, Sarah, tá com ela até hoje. Teve um filhinho e, desde então o André fala: "Você não percebeu que ele não quer mais saber? Que agora ele tem outro filho e não quer mais saber?". Então o Cássio tomou uma distância muito grande.

Ele também teve uma espécie de AVC, por causa de uma má formação, e isso também dificultou. E isso refletiu aqui, ele acabou não vindo mais ver o André. Conversando com a Cassandra, que é irmã do Cássio, nós concluimos que a última vez que o Cássio veio foi na formatura do André, então em 2006. O André não viu ele o ano passado, nem no retrasado...

Eu pergunto pro André: "você não falou mais com seu pai? Você não vai ligar pro seu pai?". Ele "não", tá tá tá... No fim ele acabou me pondo um limite, ele falou "é, você é que ainda não se desligou dele, você é que ainda gosta dele". Eu ainda tive que ouvir isso! Então eu não falo mais nada, eu fico muito aflita de eles não se falarem, mas eu não posso fazer muita coisa.

(Silêncio)

Bom, nessa trajetória toda que você me contou, você consegue me dizer quando passou a se considerar uma pessoa adulta?

Elza: (Silêncio) Difícil delimitar... Mas acho que eu me achava já grande coisa logo que eu me formei! (risadas) Já ganhava também meu dinheiro, dava aula, né? Professor é uma profissão que tem um status, né, e eu era bem sucedida como professora. Embora eu... terminei em 70 e tava dando aula pros meus colegas, pro 3º ano, né, de Psicologia

da Personalidade. Então eu tinha uma idade muito próxima da turma. E eu era muito dedicada, exigente, então eu me sentia muito grande coisa (risos), mais do que eu me sinto hoje! Acho que eu me achava adulta, né? (Silêncio) Acho que têm graus de ser adulto. Ganhar o próprio dinheiro acho que é um dos graus. Administrar uma moradia pessoal eu acho que é outro. Acho que quando eu aluguei o apartamento em SP também acrescentou, depois quando eu voltei pra cá pro André nascer e aluguei um apartamento aqui e administrei tudo isso acho que eu me tornei mais adulta, né? Quando eu me tornei mãe...

E olhando pro seu filho, nos... 28 anos dele, na vida que ele tem hoje, nas coisas que ele tá fazendo. Você considera ele uma pessoa adulta? Como é que você vê ele?

Elza: Eu acho que ele ainda não é uma pessoa adulta.

Não?

Elza: Não. Então, na parte financeira ele... ele ganha bem, né, ele prestou concurso da Petrobrás, passou, tá empregado, muito bem empregado. Não gosta, e isso é um conflito pra ele. Não é que ele gostasse de outra coisa. Ele gostaria é de não ter que trabalhar.

É?

Elza: Ah, é! Mas ele gosta de ganhar o dinheiro. (Silêncio) Então... eu... não conheço fora, no trabalho. Gostaria de ser uma mosquinha pra poder espiar, saber como é que ele se relaciona, até onde ele se responsabiliza pelas coisas, até onde ele tá voando. Afetivamente eu acho que quando ele namora ele fica muito ligado nas meninas, assim, de um jeito muito dependente também.

E de você? Você sente ele dependente de você?

Elza: É engraçado porque... é e não é. Eu acho que... ele depende bastante sim. Ele teve que passar 1 ano no Rio quando ele entrou no concurso, né, teve que ficar 1 ano lá, morando... pela primeira vez na vida morando fora de casa, com 2 outros rapazes lá, numa cidade que ele detestou. E tendo que de certa forma cuidar da vida, mas o que eu via é que ele não... não cuida muito. Tem coisas que simplesmente ficam sem fazer, não sei... é...

Mas ele sofreu?

Elza: Ah, sofreu.

E ele te dizia isso?

Elza: Sim. Ele me ligava chorando. No primeiro mês que ele teve que ir pra lá, a Petrobrás colocou ele num hotel no centro da cidade, naquele centro horrível, na Getúlio Vargas. E ele ligava e falava "cheguei agora da rua, saí pra comer uma esfiha, na porta tinha um cara, assim, um mendigo, fazendo cocô no meio da rua, no jornal. De noite ele ligava chorando... muitas vezes. A gente ficava conversando muito tempo... eu assim fazendo a maior força pra dar força pra ele continuar, né. Daí passou 1 ano e aí eu senti ele... assim... um pouco adulto.

Aí no final ele batalhou bastante pra vir pra Replan, ele batalhou bastante, aí no final ele conseguiu.

Que é aqui (em Campinas)?

Elza: É em Paulínia, aqui. E ele tá morando comigo, ele tá onde ele queria, onde ele conhece tudo. E eu acho que eu sou bem importante pra ele.

Ele não pensa em morar sozinho, por exemplo?

Elza: Ele nunca me falou, e eu acho que não. Por exemplo, ele não tá comprando um apartamento, ele chegou a mencionar que faria sentido comprar um apartamento se ele tivesse namorando, se tivesse alguém com quem ele fosse viver. Mas, assim... não. Ele não tem nenhuma vontade de ficar só.

Que foi um pouco diferente do que aconteceu com você, né?

Elza: É. Tinha uma coisa mais de cuidar de uma casa, acho que isso é mais de mulher, homem não. De maneira geral, acho que não curte isso.

O que você considera que... que torna uma pessoa adulta? Se você tivesse que responder isso sem pensar necessariamente no André, ou em você. Uma questão genérica, por exemplo. O que torna uma pessoa adulta?

Elza: Que se responsabilize pela própria vida... Isso quer dizer o que? Ah, que cuide das suas coisas, né, que tenha planos, que tenha uma profissão. Acho que essas são as primeiras coisas, porque... Ter também um companheiro, uma companheira, depende também de encontrar a companheira e o companheiro. Acho que essa é uma das exigências da vida, embora hoje já se considere... muita gente tá optando por ficar só. Não é obrigação casar, ter filho. Alguns tão casando e não tendo filhos.

Mas viver com a mãe... acho que não é... tão bom, né? Pra mim, é! (risos) Pra ele também é até um certo ponto. Mas acho que também é uma coisa da geração atual. Eu tava conversando com um amigo do tempo de colégio, a gente se encontrou num casamento, aí ele tava comentando "meu filho... leva a namorada pra dormir em casa, dorme com ela na minha casa, por que é que vai querer casar?"

No nosso tempo não tinha nada disso. Aí uma outra amiga falou "será que a gente teria casado se na nossa época também fosse assim?" Mas acho que as pessoas casavam muito pra sair de casa, né?

Quando você estava com essa idade que o André tem agora, 28 anos, como é que estava a sua vida?

Elza: Eu tava dando aula na PUC de Campinas, fazendo Mestrado na PUC de SP... Onde mais eu trabalhava? No cursinho.

Você acha que você tava muito diferente do que ele tá hoje?

Elza: Não. É difícil pensar assim, como é que as pessoas de fora me viam, como eu me via, como as pessoas vêem o André, como ele se vê, como eu o vejo. Eu me sentia firme, cuidando da minha vida. Acho que emocionalmente eu não tava bem, tava, assim,

naquele desejo de encontrar uma pessoa, acho que nisso ele tá igual. Acho que ele sente a mesma coisa. Nessa fase eu achei um pouco difícil pra mim, e eu tendo a achar que pra ele é parecido. As pessoas iam se ajeitando, principalmente as mulheres, né, iam se casando, então você vai perdendo as companhias.

(Silêncio)

Tem alguma informação que você acha importante, que você acha legal falar?

Elza: (Silêncio) Acho que o André tá hoje um pouco entre o mundo sério, do trabalho, da responsabilidade, e um certo mundo de fantasia, de prazer, que pra ele vem através da música, que ele gosta muito. E ultimamente ele vem resgatando umas coisas da infância, tá assistindo de novo aquelas coisas de Changemen (risos). Eu sempre incentivei a fantasia, acho que ele teve uma infância muito boa. E acho inclusive que é por isso que foi muito difícil sair dela. E também aos 11 anos, naquela idade que já é difícil, foi quando caiu a ficha que o pai e a mãe dele não estavam mais juntos, que tinha uma nova mulher. Acho que não com 11, mas com 9, 10... com 11 veio o Mauro, e foi bom uma presença masculina, nessa idade em que é tão importante a presença masculina.

(Silêncio)

É isso?

E: É, acho que é isso.

Muito bom! Muito obrigada!

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 4

Filho(a): **C.C.R.R.** _____ Sexo: **F** _____ Idade: **29** _____
Curso de graduação: **Direito** _____ Concluído em: **12/2003** _____
Instituição: **Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)** _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? () sim (**X**) não () apenas com um deles

Filho(a): **A.C.R.** _____ Sexo: **M** _____ Idade: **26** _____
Curso de graduação: **Comunicação Social** _____ Concluído em: **12/2006** _____
Instituição: **Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)** _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? () sim (**X**) não (**c/ avó**) () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **E.R.F.** _____ Idade: **57** _____
Profissão: **Advogado** _____
Mãe: **M.R.C.R.** _____ Idade: **56** _____
Profissão: **Advogada (não atua)** _____
Classe econômica (segundo o CCEB): **A2** _____

Piracicaba, 13 de janeiro de 2011.

Então, a idéia primeira é pedir que vocês se apresentem, assim, uma apresentação mais elaborada, a trajetória de vocês.

Regina: Mas que tipo de informação você quer?

Ah, onde nasceram, onde estudaram, se foi em colégio público ou privado, depois a faculdade, onde fizeram, quando se formaram, quando se conheceram, casaram, trabalho, quando viraram gente grande...

Elton: ã-hã...

Regina: Quem começa?

Elton: Vai lá...

Regina: Bom, então... eu nasci em São Paulo, sou de São Paulo, morei até casar, em 1980, morei na Mooca. ããã... Entrei na escola com 5 anos e meio, meu pai faleceu eu tinha 5 anos... Fui morar com minha mãe e minha irmã na casa da minha avó. Tinha ainda 3 tias solteiras que davam aula no colégio São Judas Tadeu, e... davam aula particular, e eu ficava, não tinha o que fazer, fica ali junto assistindo aula, aí aprendi a ler e escrever. Não gostava de ficar em casa, fui como ouvinte do Colégio São Judas Tadeu.

Fui fazendo as provas, fui passando... Saí do São Judas Tadeu no 3º ano, fui pro Colégio São José, porque 2 tias minhas casaram e a que sobrou foi dar aula no Colégio São José e... me levou junto. Fiz exame de admissão, mas não me deixaram passar. Saí do primário com 9 anos e meio, mas não me deixaram entrar no ginásio por causa da minha idade, embora minhas notas me qualificassem para isso.

Aí lá fiquei, prestei vestibular na São Francisco, porque ou eu fazia São Francisco ou eu não fazia, não tinha dinheiro pra pagar a faculdade. Fui convidada para dar aula no colégio Santa Catarina. Dei aula 3 anos lá... depois saí, comecei a fazer estágio num escritório de advocacia, saí do escritório de advocacia quando me formei, saí da faculdade em 77. ããã... que mais? Nessa época eu fui para uma imobiliária, tomava conta de todos os empreendimentos imobiliários da Lelo, que é uma imobiliária muito grande em SP, na época já era.

Depois casei, fiquei grávida, Camila nasceu numa 5a-feira, eu parei de trabalhar na sexta-feira anterior, e depois disso não voltei mais. Por opção. Porque na época minha mãe trabalhava, minha sogra no interior. Eu não tinha com quem deixar, conversei com o Elton, não precisamos pra comer, então... vou ficar em casa. Então... é isso. Viemos pra cá em...

Elton: 92.

Regina: É, dezembro de 92. A Camila com 10 e o Antônio com 7.

Elton: 11 e 8.

Regina: Ah, é, 11 e 8. Ela faz em dezembro e ele em novembro. Que mais?

Elton: Quando você me conheceu...

Regina: (Risos) Ah, é! Quando eu te conheci! Ele era o meu melhor amigo de faculdade. Fizemos juntos. Só não fizemos juntos o 5º ano porque na época, não sei como tá agora, mas na época o 5º ano era uma espécie de especialização. E eu fiz civil e ele foi fazer empresarial. A gente almoçava junto... Mas (risos) daí ele conta, porque ele falava que eu paquerava ele, que eu colava dele, mas é tudo mentira!

(Risadas)

Regina: E... ele era muito amigo meu, a gente conversava de tudo. Aí uma vez a gente tava almoçando com uma amiga minha, era 3º ano, e ele falou com toda a certeza que ia casar comigo. Aí casou!

(Risadas)

Elton: É, nós começamos a namorar 6 meses depois que nós terminamos a faculdade. Quando eu falei uma 2ª coisa que eu vou contar pra você, aí sim o negócio era sério. Mas você acabou? Não precisa contar de quando chegou aqui?

Regina: Bom, aí... continuou, né? (Risos)

Elton: Continuou o que?

Regina: Depois que eu vim pra cá... eu já estava sem trabalhar, mas fiz algumas coisas. Fiz artesanato, inclusive alguns eu comercializei...

Elton: Deu aula...

Regina: Ah, é, dei aula para adulto, de alfabetização. Um trabalho voluntário. O Anglo disponibilizou um espaço e nós, éramos 3, fizemos isso por 2 anos.

Foi legal a experiência?

Regina: Foi, foi legal, mas ao mesmo tempo muito difícil. Muito difícil porque as pessoas não acreditavam que eram capazes, aí dava na gente aquele misto de indignação, impotência... "Ah, isso eu não vou fazer, isso eu não vou aprender...". "Mas como não? Você já tentou?"

Mas foi legal. Uma experiência cansativa, mas foi legal. E agora faço artesanato. Faço meus santos, às vezes participo de feira, isso aí.

Elton: Ela não falou do papel principal, que é o de gerente... Porque para se chegar onde se chegou... tem que ter um bom *background* por trás.

Regina: (olhar sem graça, sorriso).

Elton: Mas, então, de mim, né? Bom, eu nasci em São José do Rio Pardo, em 53, dezembro, portanto sou "modelo 54" (risadas). Meu pai e minha mãe eles eram professores primários. Então eu não morava em São José, eu morava em Arco Íris, que é

um vilarejo, um distrito de Tupã... Porque meu pai era professor na cidade e minha mãe, na zona rural.

Regina: (Interrompendo) Ah, já que você falou da profissão dos seus pais, não sei se isso é relevante... Minha mãe ela era contadora, cuidava da parte da contabilidade do Tribunal de Contas do Estado, e meu pai era economista, mas não deu muito tempo de fazer muita coisa não, ele morreu com 31 anos, minha mãe ficou viúva aos 29. Só pra complementar.

Elton: E depois de Arco Íris, quando eu tinha uns 3 anos, nós fomos para uma outra cidadezinha, na verdade um distrito de Mococa, que é pertinho de São José, e depois de mais 3 anos é que fomos pra São José. Meu pai dava aula em colégio na cidade e minha mãe em colégio na zona rural. Então o comecinho da minha infância foi em lugar muito pequeno, pequeno mesmo, até os meus 7 anos. Inclusive nesse lugarejo, Igarai, que tinha 3 mil habitantes, eu de vez em quando desaparecia. E quando eu desaparecia minha mãe perguntava se tinha (rindo), se alguém tinha morrido na cidade. Isso deve ter explicação, porque eu gostava de ir em velório.

Não sei se solidário é o termo... mas eu me sentia... eu gostava de ser solidário, de dizer "meus sentimentos". Então, quando eu sumia, ou eu tava pescando, ou eu tava em velório (risos). Então eu fui criado num clima assim muito gostoso, muito natureza, muito bom.

E depois eu entrei no grupo escolar e lá eu identifiquei uma característica inicial e um problema inicial também. A característica era que eu gostava de escrever, ia bem em redação, declamava poesias... eu fui orador de todas as turmas em que eu me formei. Só não fui na faculdade, porque ali a competição era muito grande e eu já não tava a fim... nem entrei para participar.

Mas ali eu também percebi que matemática não era minha praia. E esse era o problema. Eu sempre estudei em colégio público, primário público, ginásio público, colegial público, faculdade pública (com ênfase). Eu nunca paguei para estudar. Por quê? Porque antes era assim, colégio particular a gente chamava "papai pagou, passou". E além do quê não dava ibope do ponto de vista social estudar em escola particular. O que dava ibope era o intelectual, então era estudar na escola pública.

Eu diria que em todo lugar. Até os anos 70 foi assim, até que o Jarbas Passarinho acabou com o sistema público de ensino, sob o pretexto de escola pra todo mundo, então o que ele fez? Ele abriu escola pra todo mundo, mas passou a pagar mal os professores, baixou o nível... Por quê? Porque não era interessante pro regime que as pessoas pensassem. Então você dava lá o básico e pronto.

Regina: E as pessoas foram migrando das escolas públicas para as particulares.

Elton: Eu sempre fui um cara interessado em coisas do mundo afora. Eu acho que eu nasci pra ser um *globe trotter*. Eu gostava de história, de geografia... Uma forma que eu encontrei de me corresponder com o exterior foi com as Embaixadas, tinha lá um modelo de carta que a gente escrevia pedindo mapas, informações de outros países etc. E depois eu acabei tendo correspondentes internacionais, uma época eu cheguei a ter 22 correspondentes internacionais. Então eu queria conhecer o mundo. Eu prestei pro intercâmbio nos EUA, passei, e fui parar nos EUA. Eu me dei muito bem, foi um período muito importante da minha vida. Fui com 17 e voltei com 18 anos. O relacionamento lá foi tão forte, tão bom, que se eu puxar meu e-mail agora vai ter mensagem da minha mãe americana, que eu me correspondo com ela até hoje. E olha

que eu fui em 1971! Fui em 71 e me formei em 72. Eu já voltei lá uma meia dúzia de vezes... Fomos quando meus pais de lá fizeram as Bodas de Ouro...

Regina: Eles vieram pra cá...

Elton: Eles eram fora do padrão. Não do ponto de vista financeiro, eram da tradicional classe média americana, mas do ponto de vista de pensamento mesmo, porque eles tinham uma livraria. Então eles sabiam que tinha cabeça pensante fora dos Estados Unidos.

Mas com isso tudo eu queria fazer diplomacia. Tinha tudo pra fazer diplomacia: gostava de história, de geografia, estudava guerra... e antes, diferente de hoje, pra fazer diplomacia precisava estudar Direito. Então eu fui fazer direito. Também só prestei São Francisco, como a Regina, porque não tinha, não tinha como pagar outra faculdade. E felizmente passei. Eu morei numa pensão 8 meses. Foi uma ótima oportunidade de conhecer gente do Brasil inteiro, de ampliar a rede social. E depois eu desci pra Praça Marechal Deodoro, que tinha um primo meu que os pais tavam indo morar fora, aí eu fui morar com ele. E lá eu fiquei.

Aí durante os 3 primeiros anos de faculdade eu dava aula de inglês, e depois disso eu fui convidado pra trabalhar no Pinheiro Neto, que é um escritório muito famoso de São Paulo. Porque eu falava inglês, na época isso era muito mais valorizado, era raro. Então virei advogado, fiquei satisfeito com isso, me formei em 77. Paralelamente, eu desisti da diplomacia, porque na época nós vivíamos num governo militar, e a carreira diplomática estava meio desprestigiada. E eu me dei bem com o Direito, não me arrependo de nada. E lá também eu conheci a Regina. Nós estávamos numa fila, no primeiro dia de faculdade, ela estava duas pessoas à frente de mim.

Regina: Ele tem uma memória de elefante!

Elton: Tenho, tenho. E meu pai ia muito na São Francisco. Então logo ele conheceu a Regina. Meu pai ia muito lá porque ele gostava muito de faculdade. Ele até acabou fazendo Direito numa outra faculdade mais tarde. Meu pai era uma figura.

Regina: Ele era *over*!

Elton: Ele era, meu pai era *over*. Pra você ter uma idéia, quando eu passei na São Francisco, ele ficou tão orgulhoso, mas tão feliz, que eu me sentia até mal por não estar sentindo a mesma felicidade que ele. Ele contratou uma banda de música e soltou fogos na cidade (risos). Pra comemorar! (risos).

Mas, então, continuando, eu conheci a Regina, mas só depois que terminamos a faculdade é que começamos a namorar. Nós éramos muito amigos, tão amigos que nós tínhamos um acordo, de que quem casasse com a gente ia ter que aturar o outro (risos). E isso no começo até gerou um certo estranhamento porque eu não queria machucar a Regina, a última pessoa que eu machucaria, juro por Deus, era ela. Eu nunca fui de machucar ninguém, sempre fui muito respeitoso com as pessoas, mas ela... Aí eu não sabia se tava confundindo as coisas. Aquele frio na barriga, eu não sabia se era realmente que eu estava apaixonado.

Mas aí casamos, depois a Camila nasceu... A Regina optou por parar de trabalhar, o que eu não concordei, mas respeitei. Não concordei não por nada, mas porque eu julgava que aquilo era um grande desperdício de talento, porque a Regina era uma advogada excepcional. Então eu pensava: “é uma judiação parar”. Mas ela continuou se

especializando, conhecendo... A minha preocupação era que ela se sentisse mal no futuro, se arrependesse, que se sentisse emburrecida. Mas não teve nada disso. Primeiro porque não era, segundo porque não ficou. E depois ela trabalhou muito bem isso, e depois com a Camila, nós discutíamos...

Regina: E também a idéia dele era impossível! Porque a gente não conhecia ninguém em Piracicaba, eu tinha uma menina de 11 e um menino de 8. Quem ia levar na escola? Com quem eles iam ficar? Impossível, não tinha jeito! Então foi um sacrifício pensando em tudo isso. Vai faltar pra comer? Não. Então... Eu via aquelas mulheres falando que queriam poder comprar o que quisessem, aquela blusinha... Ai, que é isso?

Elton: Mas tudo isso eu falei pra contar que seis meses depois de casado eu pedi demissão da onde eu tava. E pagando conta, tudo, eu simplesmente cheguei em casa e falei "pedi demissão".

Regina: Não, mas nessa altura você já tinha saído do Pinheiro Neto e tava na Pralmoveri.

Elton: Ah, é, depois do Pinheiro Neto eu fiquei 2 anos e meio na Pralmoveri e daí pedi demissão. Tava muito chato, o chefe muito ruim... enfim.

Regina: Mas foi muito bacana, porque eu tava grávida (risadas)... e ele me chega em casa e fala "pedi demissão". Primeiro procura outro emprego, depois pede demissão. Mas não... E a gente vivia "dentro da caixinha". O que eu ganhava dava pra pagar o condomínio e a luz. Mas tudo bem...

Elton: Mas a situação tava difícil, não dava mais pra ficar. E é aquela coisa: tem alguns sapinhos na vida que a gente engole, e outros não. Esse não dava pra engolir. Porque aí eu ia ficar um chato em casa, ficar doente... E também eu tinha alguma coisa, tinha fundo de garantia, não tava sem nada! Mas aí foi bom, eu fui pra uma multinacional sueca, depois me associei num outro negócio. E depois pintou a possibilidade de Caterpillar, ou Odebrecht em Salvador, aí eu falei "Regina, pra mim, eu vou ficar o tempo todo dentro da fábrica, então"... falei pra ela "ou a gente vai pro interior, ou a gente vai pra outro país!" Porque a Bahia é outro país! Passear lá é uma coisa, mas morar lá, viver lá, é outro mundo.

E aí viemos pra cá. Ah, teve um período em SP que eu dei aula. Foi uma experiência boa, interessante. Eu praticamente pagava pra dar aula, mas não era esse o espírito, era pela experiência mesmo, o ambiente acadêmico. Aí quando eu vim pra cá, porque eu dava aula na Metodista de São Bernardo. Aí quando eu vim pra cá me convidaram pra dar aula na Metodista daqui. Eu falei "não, primeiro deixa eu chegar, depois...". E acabei não dando mais aula, embora eu gostasse muito.

Você tá dizendo então que, quando veio pra cá, tinha 2 super oportunidades na mão. Os empregos eram mais disponíveis antes, ou você acha que era uma questão de competência?

Elton: Olha, eu acho que são 2 coisas. Quando a gente saiu da faculdade tinha muito emprego.

Regina: Tinha muito emprego! O que a gente tem que ver é que nessa época que a gente tá falando, são 56 anos, as coisas aconteceram muito depressa. A impressão que eu tenho é que, antigamente, você pular de uma geração pra outra... a partir de um certo tempo as coisas foram se acelerando e acontecendo muito rápido.

Então não dá pra você pegar esses 56 anos e pôr dentro de uma coisa só. Quando nós saímos da faculdade era tranquilo ter emprego. Porque não existia - to falando do universo que eu conheço - Ãã... nas boas faculdades, você saía empregado, porque fazer faculdade tinha um peso absurdo, não era todo mundo que fazia faculdade não! Não tinha essas faculdades de fundo de boteco. Então quem fazia faculdade era dado um valor, as pessoas tinham esse valor. E era dado esse valor à pessoa! E hoje em dia todo mundo tá fazendo faculdade!

As faculdades que existiam ou eram renomadas e conceituadas, ou tinham aquelas 2, 3 que todo mundo sabia que era uma droga, que ninguém dava bola. Então eu acho que hoje não é que você não tem emprego. É que até você provar que você se diferencia por algum motivo, você tem que passar por um processo absurdo de classificação, que é o que tá acontecendo com o exame da Ordem, por exemplo, hoje em dia. Por que é que existe o exame da Ordem? Na minha época também tinha exame da Ordem. Mas a maioria das pessoas passava. Hoje em dia 90% não passam. E a gente pode dizer que o exame ficou mais difícil? Ou será que são essas faculdades que são ruins?

Ou então o exame pode ter ficado mais difícil pra barrar essa avalanche de gente. E isso você estende pra processo de trainee, pra processo de seleção... Porque o volume de gente é muito grande! E o pessoal não tá qualificado!

Elton: Mas então, voltando àquela sua pergunta, naquela época nós vivíamos o pós-milagre econômico. Então você saía de uma boa faculdade e tinha emprego quase imediato, tava empregado. Mas sim, no meu caso particularmente eu tinha uma vantagem adicional, que era falar inglês, que não era uma coisa comum. Mas eu também fui buscar competências.

A 1ª competência adquirida depois da faculdade foi ter trabalhado no escritório de advocacia onde eu trabalhei, que era um cartão de visitas. Depois eu fui pra uma multinacional suíça e depois eu fui pra uma multinacional sueca. Depois eu aprendi a falar espanhol, depois eu dei aula em faculdade, continuei estudando, fazendo um punhado de outros cursos, fiz pós-graduação aqui, fiz MBA. Enfim, fui sempre ampliando. Hoje eu sou menos advogado do que eu era 5 anos atrás.

Regina: Quer dizer, tinha menos concorrência, mas a concorrência que tinha era mais qualificada do que é hoje. Mas não tinha esse processo absurdo e longo até você provar que você é você e o resto é o resto.

Elton: É verdade. A gente experimentou isso vendo o Antônio. Foi uma loucura ele participando de processo de seleção, de trainee, disso, daquilo. Ele se formou e ele era estagiário na General Motors. Ele se formou no final de 2006 e tinha a chance de se candidatar pra ser efetivado no ano seguinte. Mas ele quis ir pra fora porque ele queria ter uma experiência internacional, porque o inglês dele era fraco e ele não tinha paciência pra fazer esses cursinhos. Aí ele é muito parecido comigo. Quando eu fui pros EUA eu só falava “yes”, “no”, “Monday”, “Tuesday” e duas frases que eu considerava essenciais, que eram “where’s the bathroom?” e “I’m hungry” (risos).

Depois que ele voltou, chegou em outubro, né, aí eu falei pra ele “ó, já começa a mandar currículo daí, aí quando você chegar já começa a fazer entrevista...”. Ele “não, deixa,

quando eu voltar eu mando". Mas olha, você vai mandar em novembro, ninguém vai conversar com você em dezembro, nem janeiro, nem fevereiro". Então começou a chamar um ou outro lá por março, abril, e aí ele ficou 6 meses por aqui desesperado... porque lá na Irlanda ele trabalhava, ganhava o próprio dinheiro...

Regina: Bom, já que tamo falando do Antônio. Ele foi pra Irlanda, saiu daqui com curso pago e 1 mês de moradia, em casa de família, depois acabou saindo de lá. E uma coisa que a gente sempre falou pra ele: "não quero que você passe fome, não quero que você passe frio; agora, pra cerveja, pra passear, não tem". Então ele se virou lá. Tanto que viajou, viajou pela Europa, trouxe dinheiro... Então não teve muita moleza lá não, não foi fazer turismo não.

Elton: Ele estudava de manhã, trabalhava à tarde e à noite. Às vezes fazia uma hora extra quando queria dar uma esticada no fim de semana. Enfim, aproveitou muito. Mas, então, voltando, ele ficou 6 meses até, ele queria *marketing*. Mas como ele não achava nada nesse tempo ele entrou numa agência de propaganda e foi trabalhar com propaganda. Mas não era isso que ele queria. Só que ele tava se sentindo mal, então ficou. Até que, felizmente, 1 ano depois ele entrou no trainee da Abril, que é muito difícil, bastante concorrido.

Regina: Mas foi um processo massacrante.

Elton: Terrível!

Regina: Eram 17 mil candidatos pra 9 vagas.

Elton: Quer dizer, ele participou de uns 4. Mas ele chegava no final, ficava entre os últimos 50, e... Uns começavam com 12 mil, outros com 5 mil. Muito diferente do que era na minha época. Nem se compara! E na Abril ele foi o único de Comunicação Social que foi contratado. Mas, pelo que ele falou, dali metade caiu de pára-quadras, outra metade tava fazendo por fazer... quer dizer, brigando mesmo ali tinha uns 2 mil.

(Telefone de Regina tocou. Interrompemos por alguns instantes)

É... quando é que vocês consideraram que tinham se tornado adultos?

Regina: Eu nunca fui criança...

Não pôde?

Regina: Não, por força das circunstâncias. Nunca pudemos ser criança. A gente não tinha pai, minha mãe sustentava a gente, trabalhava o dia inteiro, então não tinha também quem levasse a gente na casa dos amiguinhos. E eu estudava longe de casa, morava na Mooca e estudava na Liberdade. Então os colegas de escola moravam longe. A gente não tinha muito espaço pra errar. E eu comecei a trabalhar muito cedo, com 14 anos já dava aula, já tinha meus alunos. Não que precisasse ajudar, mas também nunca pedi dinheiro pra minha mãe. Mas sempre um senso de responsabilidade. E as coisas foram acontecendo. Sabe aquela coisa "não posso parar, se eu paro eu penso, se eu penso eu choro"? (risos)

Elton: Ah, eu já senti minha transição. Foi bem marcante, né. Foi exatamente quando eu fui pros EUA. Por quê? Porque eu sempre fui ensinado a tomar decisões próprias, mas eu sempre tinha alguém com quem trocar idéia. E quando eu fui pros EUA, apesar dessa família muito próxima, algumas decisões eu tinha que tomar.

Acho que foi lá. É bem uma época de amadurecimento mais forte, foi lá. E depois, quando eu fui pra São Paulo. Bem diferente da Regina. Eu ainda acho que pra algumas coisas eu sou bem infantil, eu tenho essa coisa forte, me agrada muito brincar, apesar de eu ser bem sério nas coisas que eu faço.

E como é que vocês vêem os filhos de vocês hoje? Vêem como pessoas adultas?

Elton: Eu vejo o Antônio como totalmente adulto; a Camila, não totalmente adulta. Primeiro, personalidade, características. Não são defeitos. A Camila sempre foi muito mais responsável que o Antônio, muito mais ansiosa, muito mais estudiosa, muito mais dedicada a tudo o que ela fazia.

Regina: Responsabilíssima.

Elton: Responsabilidade exagerada. O Antônio sempre foi mais...

Regina: Largado.

Elton: Mais largado, mais vagabundo. Isso fez da Camila uma pessoa muito mais ansiosa do que o Antônio. Ela não se permitia errar. Não se permite errar. Portanto quando você começa a conversar com ela sobre um negócio que ela não sabe muito bem, não tá bem informada, aquele assunto incomoda ela de uma tal maneira que ela não agüenta. Aí então ou ela cai fora, ou fala que aquele assunto tá chato.

Então ela tem que estar preparada pra aquele assunto. Aí ela dá um jeito. Se ela sabe que na semana que vem nós vamos falar sobre futebol, ela estuda tudo sobre futebol, se informa total, e aí... sai de baixo! Não tem pra ninguém.

Regina: E outra coisa é assim: se o negócio não atende o interesse dela, ela...

Elton: Ela resolveu o problema dela, tá tudo resolvido.

Regina: O resto é resto.

Elton: Isso não significa que ela seja uma pessoa egoísta. Ela tira a roupa do corpo pra dar pra você. Ela quer ser sua amiga, sua psicóloga, sua nutricionista. Mas essa necessidade de ela se preparar para as coisas faz com que ela não se atire tanto. Ela não arrisca. Então aquilo gera, em algumas situações, insegurança. Ela se retrai. O Antônio, por já ser mais solto, ele se atira. Ele se permite errar, ela não se permite. Ele é mais flexível. Por isso as coisas pra ele são mais fáceis. Por exemplo, a Camila recebe um trabalho pra fazer pra daqui a 1 mês e meio. No mesmo dia ela já chega em casa falando “pai, você tem algum material sobre isso? Tem alguma coisa sobre aquilo?”. O Antônio, pro mesmo trabalho, na véspera ele passa a noite em claro fazendo, lendo o livro, por exemplo, e chega lá no dia seguinte e tá tudo fresco na memória, faz a prova, volta pra casa e dorme a tarde inteira.

Regina: A Camila é assim: não posso tirar 9,5 se existe o 10. O Antônio, se 5 já dá pra passar, então é 5 que ele vai se preocupar em tirar. A Camila eu tenho a impressão que ela precisa de um respaldo. "Eu vou, eu faço, eu aconteço, mas eu preciso de uma retaguarda. Eu quero saber que, se eu gritar, alguém vai me escutar".

Elton: É por isso que a Camila nunca se preocupou em ir pra fora do país. Ela tem que ter uma base. Eu, por conta de ter tido a experiência, sempre incentivei que, se eles tivessem vontade, eles poderiam ficar um tempo fora do país. O que os dois disseram? "Ah, eu vou quando eu terminar a faculdade". E aí eu disse: "tudo bem, mas aí fica mais difícil. Porque, quando você termina a faculdade, normalmente você já está estagiando, já engata no trabalho, ou está num relacionamento, algum namoro encaixado". É mais difícil. É possível? É possível. Mas é mais difícil. O Antônio acabou indo, mesmo porque ele foi pra São Paulo, teve experiência numa multinacional, então ele percebeu a necessidade. A Camila chegou a prestar vestibular em São Paulo, mas não passou no primeiro ano e não tentou mais. Como ela ficou aqui em Piracicaba, depois até se arrependeu.

Uma das coisas que eu falei pros dois... o marido dela é fisioterapeuta. Eu falei "se eu fosse vocês, com a idade que vocês têm, com a responsabilidade relativa, eu iria pra Palmas, no Tocantins. Uma terra nova, de oportunidade"... Mas eles não quiseram.

Regina: Até ultimamente andaram falando.

Elton: É, agora... que ela conheceu uma menina que passou num concurso lá, procuradora, tá muito bem, bom estilo de vida.

Regina: E agora com o marido talvez ela vá. Ela até nos surpreendeu agora que casou, porque ela tá realmente tomando conta da casa. Ela lida bem com as coisas. Mas sabe aquela cordinha, aquele barbantino, que você sabe que não vai te sustentar, mas que precisa estar lá? Ela é assim. Ela quer saber que você está lá. Ela não chama, mas quer saber que você tá lá. É uma coisa até meio física, de contato mesmo.

Elton: Mas agora, no casamento, foi uma grata surpresa. Não que a gente estivesse preocupado, mas ela surpreendeu.

Regina: É, ela assumiu, ela incorporou...

Elton: Ela tá cozinhando, cuida de tudo. O que ela liga pra mãe às vezes é pra saber alguma coisa boba, assim, de cozinha. Então me explica que animal é esse!

Um animal recém casado! (Risadas) Super animada, super empolgada! A propósito, se vocês tivessem que responder uma pergunta genérica, aberta, pensando no geral, o que vocês consideram que precisa acontecer pra uma pessoa transitar para a vida adulta, percorrer esse processo?

Regina: Assumir responsabilidades. E hoje em dia ninguém tá nem aí com o preço da mexerica.

Elton: É, eu concordo com a Regina. Mas eu acrescentaria, até pelo mundo de hoje, que você precisaria assumir mais competências. Em profundidade. No sentido de adquirir mais conhecimento pra investir naquilo que você tá fazendo, sair da superficialidade. Eu

sou advogado, mas não vou me contentar. Eu vou fazer cursinho, pós-graduação, MBA... eu vou continuar.

Regina: Mas hoje em dia eles fazem isso, até porque precisa fazer isso. Eu acho que o que falta é base.

Elton: Mas eu acho que é "shallow" ainda. Me preocupa muito o imediatismo, a falta de profundidade. É muito "internet" ainda.

Regina: Muita informação e pouca formação. É tudo muito “então tá bom, então tá”. Não desenvolvem a competência inclusive pra assumir responsabilidade.

Elton: Outra coisa que me preocupa com os jovens hoje, com essa geração, hoje em dia você tem um negócio que eu não acho muito legal. É... tá existindo um nível de especialização tão grande, e eu não gosto das pessoas que sabem muito sobre pouco. Eu prefiro, vamos lá para a Medicina, o clínico geral. A ausência do clínico geral hoje tá me preocupando. Entendeu? Porque vai chegar uma hora... você precisa de uma coisa daqui, outra coisa dali... não tem um cara pra...

Regina: Amarrar tudo isso...

Elton: Amarrar tudo isso.

É... complicado...

Regina: Mas eu acho que hoje em dia as pessoas estão demorando muito pra se tornar adultas. Eu não to falando dos meus filhos, não, eu to falando de um modo geral, o que eu sinto por aí. Essa geração tem dificuldade em assumir responsabilidades.

Elton: É uma geração mais protegida.

Regina: É, é.

Elton: Olha, eu não tive fartura, mas também não faltava nada, pelo menos nada que não pudesse faltar. Meus filhos tiveram de tudo na mesa desde sempre. Mas, por outro lado, eu vejo essa geração fazendo muitas coisas numa velocidade, numa coisa, que nós não conseguimos acompanhar.

Regina: Mas acho que são 2 grandezas. Não dá pra comparar a juventude que eu tive com essa juventude de hoje. Eu não posso te dizer que a minha era mais feliz...

Elton: Mas eu acho que têm algumas coisas que militam a nosso favor. A gente foi jovem num período... veja a época em que a gente começou a prestar atenção em algumas coisas. Veja a revolução musical, cultural, sexual... Tudo nos anos 50, 60 e 70!

Regina: Houve um espírito de reação que não existe hoje.

É... realmente.

(Silêncio)

Bom, tem mais alguma coisa que vocês queiram dizer?

Elton: Ah, muitas! A gente poderia ficar aqui até...

(Risadas)

Elton: Mas não, brincadeira. Tem alguma coisa que você queira saber, que a gente não comentou?

Não, to bastante satisfeita. Obrigadíssima!

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 5

Filho(a): **L.Z.** _____ Sexo: **F** _____ Idade: **26** _____
Curso de graduação: **Nutrição** _____ Concluído em: **12/2007** _____
Instituição: **Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)** _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? () sim () não (**X**) apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **D.Z.F.** _____ Idade: **falecido** _____
Profissão: **Bancário** _____
Mãe: **M.C.A.Z.** _____ Idade: **65** _____
Profissão: **Administradora de empresas** _____
Classe econômica (segundo o CCEB): **B1** _____

Piracicaba, 17 de janeiro de 2011.

Marta estava um pouco incomodada com o gravador. Eu já havia explicado a proposta da pesquisa a ela.

Marta: O que você quer que eu fale?

Procura ficar à vontade, é só pra contar um pouquinho da sua vida, da sua história, de como é que você "virou gente grande" (em tom descontraído).

Marta: Bom, eu sou natural de Tietê, no estado de SP, né, mas... lá... eu morei até os 6 anos de idade, depois vim pra Piracicaba, né, fiz o primário aqui e... to morando aqui até hoje.

Onde você estudou?

Marta: No Barão de Rio Branco (pública). Aí... dali eu fiz escola técnica de comércio, de contabilidade, lá eu estudei desde o curso básico até o curso técnico, né, então o curso básico mais o colegial, que é o curso técnico. Então eu conclui o curso técnico em contabilidade.

E depois aí eu estudei no Piracicabano, né, que eu fiz Administração de Empresas, mas eu fiz até o último... assim.... até o último ano. Mas daí eu fiquei de dependência, e aí eu não conseguia mais ver a cara daquele professor de contabilidade. E uma turma, nós saímos e nós fomos para o ISCA, em Limeira.

Era só um semestre que faltava aqui e nós fomos fazer o ano todo lá. Então lá no ISCA que eu terminei de fazer o curso de Administração de Empresas.

Aí depois eu me casei, me casei com 34 anos, me casei em 80. Fiquei viúva em 88...

Que rápido!

Marta: É. Mas antes disso eu já tinha namorado com ele durante 14 anos. Ele teve um infarto fulminante, dentro da minha casa.

Quantos anos ele tinha?

Marta: 42 anos. Aí a Laura ia fazer 4 anos, tava pra completar 4 anos.

Ã-hã...

Marta: Aí eu... eu sempre trabalhei, eu já estudava e trabalhava, sempre trabalhei. Nessa área de contabilidade mesmo.

Trabalhava porque precisava?

Marta: Porque precisava. Precisava porque na minha casa são 16 filhos, 16 filhos e todos tinham que trabalhar. Estudar e trabalhar, todos estudaram e trabalharam.

Então eu, com 15 anos, já estudava e trabalhava, sempre fiz isso. E... então fiquei viúva, mas... então, desde 80 eu passei a ser sócia do meu irmão aqui no escritório.

Desde 80 eu to com esse escritório, já tem 30 anos, 30 anos na Organização Anglo. E... não vou parar, não posso parar. Eu... já sou aposentada, né, já sou aposentada desde 97.

E agora não para porque não pode ou porque não quer?

Marta: Não posso e não quero, acho que tem um pouco dos dois. Porque... a gente tem que sempre melhorar a vida, né? Eu não consigo ficar sem trabalhar. E dona de casa eu não sou boa não! Então tem um pouco dos dois, né? A necessidade de trabalhar e também não querer parar.

Eu tenho a pensão do meu marido, tenho minha aposentadoria, mas acho que a gente tem que melhorar sempre. Então, quando meu marido morreu, a Laura tinha 4 anos, e... chegou na época do estudo, ela fez toda a parte que precisava para o estudo, fez faculdade de Nutrição lá na UNIMEP...

A escolha foi dela?

Marta: Foi dela. Ela queria não assim, na UNIMEP, ela queria não em SP, mas por exemplo, UNESP. Mas aí, como ela não passou e ela não queria fazer mais 1 ano de cursinho, ela já tinha feito 1 ano de cursinho, então ela decidiu fazer na UNIMEP mesmo.

Concluiu o curso lá na UNIMEP, depois ela foi fazer a Pós em SP, fez a Pós lá na Beneficência, e agora ela trabalha numa academia, trabalha numa academia nessa parte da nutrição mesmo.

E... agora então ela tá na academia e tá também no escritório me ajudando.

A decisão de vir para o escritório foi dela?

Marta: Foi, foi dela. Ela nunca gostou do escritório, nunca trabalhou no escritório, ela nunca entrava aqui no escritório. Mas então ela viu a dificuldade, porque tá uma dificuldade tremenda trabalhar na sua área. Então lá, como ela não é registrada, então ela ganha pouco. Então por iniciativa própria ela resolveu trabalhar aqui.

E tá indo muito bem. E agora nós pegamos administração de condomínio também, e é ela que tá fazendo. Compramos o programa, e agora ela tá fazendo tudo isso aí. Agora eu sinto mais que ela tá gostando. E se ela ficar nessa área, para mim tá ótimo. Porque pra mim é excelente porque ela faz não só a administração de condomínio; ela faz lançamento de notas fiscais junto com as meninas, vai levar malote nas lotéricas pra mim, ela me ajuda muito.

Então pelo menos se eu parar... eu não pretendo parar, mas se eu parar, pelo menos ela dá continuidade pra mim. Então ela tá fazendo a parte da área dela, que é de nutrição, e também essa parte do escritório, de administração de condomínio aqui pra nós.

Quando você olha pra ela, como é que você vê ela, assim...?

Marta: Olha, coisa que eu não imaginava assim... porque eu sempre trabalhei, mas nunca deixei que ela trabalhasse. Queria só que ela estudasse. E, como ela não teve condição de arrumar um emprego assim, então hoje eu vejo que ela cresceu muito. No trabalho ela cresceu muito. Ela é muito responsável, sempre foi muito responsável, mas hoje eu vejo que ela cresceu muito.

Em que você sente isso, Marta?

Marta: No dia a dia. Sinto isso já há tempo, desde que ela começou aqui no escritório. Ah! E também quando ela começou fazer a Pós em SP, que ela ia sozinha, aí eu achei

que ela tinha muita segurança. Então aí eu achei que ela foi muito responsável. E aqui também... ela tá indo muito bem.

Você consegue olhar pra ela e dizer que você tem uma filha adulta?

Marta: Ah, com certeza. Eu não tenho essa dificuldade. Pra mim ela é, nossa, uma pessoa adulta. Excelente.

E se você tivesse que dizer assim, no geral, sem olhar especificamente a experiência dela ou a sua, o que você acha que uma pessoa precisa ter, ou o que precisa acontecer, pra ela ser considerada uma pessoa adulta?

Marta: (silêncio) Difícil... eu acho que, assim, a pessoa precisa ter responsabilidade de algum jeito, de alguma coisa. Ou estudando, ou trabalhando. Eu acho que é esse ponto aí, porque ela tem que caminhar com as pernas dela.

E na sua experiência, da sua transição? O que você vê que aconteceu na sua vida que te tornou uma pessoa adulta?

Marta: Ai, eu acho que eu já era adulta desde os 15 anos. Eu estudava e trabalhava, e eu ajudava meus pais. Minha faculdade fui eu que paguei, toda a faculdade, então eu acho que a partir dali eu já fazia tudo o que eu tinha que fazer pensando em mim, mesmo, na minha pessoa.

Então, eu acho que foi aí. Pra mim eu acho que é o estudo e o trabalho, a responsabilidade financeira sua mesmo. Porque eu tinha que controlar o que eu recebia do meu pagamento, me virar com o que eu tinha.

Você fala que você trabalhou, mas que sempre quis que a Laura estudasse, zelou por isso, bancou isso. Por quê?

Marta: Por quê? Porque sem estudo ela não seria nada. Eu vi a dificuldade que eu tive, mas que eu estudei, e que foi assim que eu tive sucesso. Meus pais diziam assim "nós não estudamos, fizemos só até o 4^a ano primário, então vocês vão estudar, vão estudar e trabalhar. E, dos 16 filhos, 11 fizeram faculdade. Os que não fizeram foi porque não quiseram.

Meu pai era ponta firme, era enérgico, e nós aprendemos a trabalhar com ele. E com a Laura era em primeiro lugar o estudo. Porque aí a gente já tinha uma condição melhor, de manter ela no estudo. Ela não trabalhou enquanto ela estudava.

Qual você é dos 16 filhos?

Marta: (Silêncio) Pêra aí, eu tenho que pensar... Eu sou a sexta. É, de cima para baixo, eu sou a sexta. Depois tem mais 10 abaixo de mim.

E quando você compara a sua época com essa época agora, que ela (a Laura) tá começando hoje? Você vê muita diferença?

Marta: Vejo no mercado de trabalho, principalmente no mercado de trabalho. Porque antigamente, mesmo com muita dificuldade, a gente conseguia trabalho. Hoje, com

estudo e tudo, você não consegue trabalho! A concorrência é muito grande e você não consegue trabalho!

Depende do curso também. Eu acho que com uma Administração de Empresa ela teria tido mais oportunidade. Mas acho que tá mais difícil, muito mais concorrência. No curso da Laura, parece que de 40 alunos que se formaram, só 2 estão trabalhando na área.

Nossa!

Marta: É... um absurdo! E eu acho que a Laura não se conforma de ter feito esse curso e não conseguir trabalho.

Frustração?

Marta: É, frustração. Porque ela tá fazendo o que não gosta e o que ela gosta ela não tá fazendo. Que nem, ela diz "eu não vou casar nunca". Por quê? "Porque eu não tenho trabalho". Ela acha que, porque não ganha o suficiente, não vai casar. Eu falo "não, não é bem assim". Porque o menino, o namorado dela, ele tá num bom emprego lá no Itaú, ele é bem assalariado lá.

Daí ela fala que não quer depender de ninguém. Mas ela é igualzinha a mim. Porque eu nunca dependi, mesmo casada eu nunca dependi do meu marido. Eu já trabalhava e ganhava o meu dinheiro... e fazia o que eu queria com o meu dinheiro. Ele (marido) trabalhava, mantinha a casa, e eu fazia o que eu queria com o meu dinheiro.

E ela quer ter a independência econômica dela. E quando eu pergunto quando ela vai casar ela fica brava! Eu não sei o que acontece.

Você acha que ela se espelha em você?

Marta: Ah, acho que sim, né? Acho que ela também não quer depender de ninguém, né? Porque eu nunca dependi de ninguém, então acho que ela vê isso e quer que seja igual com ela. Mas hoje as coisas são diferentes! Eu sempre trabalhei. Ela não, ela começou não faz muito tempo. Não faz muito tempo e é também em outra área.

Optei por não dar continuidade à entrevista, pois percebi que outras coisas poderiam estar envolvidas nessa discussão e não acreditava que, como entrevistadora, podia entrar em questões relativas ao relacionamento de Laura com o namorado. Apenas sorri e perguntei: tem alguma outra coisa que você queira dizer sobre você ou a Laura?

Marta: Acho que não... você acha que está bom?

Sim, sim, fica tranqüila. Muito obrigada, viu?

Marta: De nada! Precisando de alguma coisa, alguma outra informação, é só ligar ou vir aqui.

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 6

Filho(a): **G.R.D.** _____ Sexo: **F** _____ Idade: **26** _____
Curso de graduação: **Biologia** _____ Concluído em: **12/2008** _____
Instituição: **Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)** _____
Sustenta-se financeiramente? (☒) sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (☒) não
Reside com os pais? () sim (☒) não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **J.A.D.** _____ Idade: **59** _____
Profissão: **Professor** _____
Mãe: **M.C.R.C.D.** _____ Idade: **57** _____
Profissão: **Bancária** _____
Classe econômica (segundo o CCEB): **B1** _____

Piracicaba, 31 de janeiro de 2011.

Então, assim, a primeira coisa que eu vou te pedir é pra você me contar um pouquinho da sua história, da sua vida, né? Como é que foi o seu trajeto...

Casamento, faculdade, separação, assim, como se você estivesse fazendo uma redaçõzinha pra contar a sua vida. Não precisa ser um livro, mas é bom que tenha data, local, essas informações.

Claudia: Bom, eu nasci aqui em Piracicaba em 2 de novembro de 53. Eu tinha mais... nós somos em 7 irmãos, depois de mim ainda tem mais 2 irmãos, uma família grande, né. Pais, assim, minha mãe muuuuuito submissa, né? Eu digo que ela era falsa submissa porque na verdade ela era muito forte. E meu pai, assim, uma pessoa que eu sempre tive muito medo dele, ele era daqueles bravos, sabe? Depois, que nem, hoje eu já tenho outro entendimento, porque talvez fosse só por fora. Mas ele era uma pessoa muito humilde, né, mal sabia escrever.

Minha mãe também, estudou só o primário. Mas ela era inteligentíssima; agora, meu pai era meio grosseirão, né, ele trabalhava com caminhão. Mas ao mesmo tempo ele tinha, assim, ele gostava de música clássica, né? Olha que interessante!

Ã-hã...

Claudia: Ele era muito festeiro, ele era muito ligado nessas coisas. Mas... eu tinha muito medo dele, porque ele era muito bravo. E minha mãe, mesmo, botava medo, porque ela meio que não deixava a gente chegar muito perto dele. Talvez se eu tivesse chegado mais nele...

E eu tenho também um irmão bem mais velho, que já tem mais de 70 anos, uma irmã também com mais de 70 e um irmão de... 60 e poucos. Aí passou dez anos e aí é que teve minha irmã e eu. Então ficou sempre umas gerações meio separadas. A gente é, assim, muito unido, mas a cabeça já é mais diferente.

E então foi sempre muito complicado, assim, bastante, assim necessidade. Mas nisso meu pai ele sempre batalhou. Não queria nem que a gente trabalhasse, só estudasse. Então... tem essas coisas dele. Eu estudei... no primário eu estudei no Barão (público), depois no Sud. Mas nessa época do Sud eu tava numa fase sabe, assim, adolescência? Então... eu não levava a sério, e tomei uma bomba e tal. Eu adorava lá! Eu adorava, mas eu tinha muita dificuldade com professora de Português, porque ela era terrível. Aí quando foi no meio do ano meu irmão falou "melhor você sair de lá, melhor mudar de colégio". Mas eu não queria. Só que aí eu viajei e quando eu cheguei eles tinham me transferido pro Jorge Cury (público), à noite. Quer dizer, era a elite de Piracicaba, só meninas na classe - os meninos eram separados -, e aí então aí fui pro Jorge Cury à noite, que só tinha à noite. E aí a classe era mista... E todo mundo trabalhador, bem mais velho que eu. Pra mim foi... tão bom! No começo eu estranhei, mas depois eu meio que criei juízo. Eu sei que me transformei na melhor aluna! De pior aluna no Sud pra melhor aluna no Jorge Cury. Tudo bem que era bem mais fraco, mas...

Aí terminei o colegial lá, depois fui pra faculdade, estudei na UNIMEP, fiz Comunicação Social. Mas daí eu já tinha começado a trabalhar num escritório de contabilidade. Daí eu adorei trabalhar. Fui trabalhar porque na faculdade pro meu pai tava meio difícil de pagar; então comecei a trabalhar, daí demorei umas 2 semanas pra contar pra ele, com medo dele não me deixar. Daí tive que ir com muito jeito, falando que tinha uma amiga que tinha conseguido arrumar pra mim. Mas daí no fim ele até achou bom, ficou bem orgulhoso.

E pra mim aquilo era melhor que a faculdade. Trabalhar pra mim era mais importante que a faculdade. Daí eu já namorava, super firme, né, achava que... Daí no segundo ano de faculdade eu entrei na no CLQ, sabe, no cursinho?

Daí meu marido fez Educação Física lá na UNIMEP. E ele foi trabalhar no CLQ, no colégio, e eu trabalhava no cursinho. Daí eu casei, logo eu tive o Fausto, que é meu primeiro.

E você conheceu seu marido onde?

Claudia: No Movimento Jovem, sabe, da Igreja? Eu tava no último ano do colegial quando a gente começou a namorar. E ele era terrível também, ele não era fácil... Só aprontava, era muito inteligente, mas ia super mal na escola. Mas aí depois que a gente começou a namorar ele tomou jeito, virou o primeiro aluno da classe dele. Ele foi muito aplicado, tudo.

Depois eu passei no banco. Fui trabalhar no BANESPA, e nessa época ele saiu do colégio pra começar um negócio, mas que não deu certo. Era um negócio que ele não conhecia, sabe? E nessa hora começaram os problemas. Porque na época do CLQ era o céu. Ele tinha tempo pro Fausto, eu tava no banco. Mas aí o amigo chamou pra esse negócio e, nossa, foi um ano terrível, só coisa errada, nossa! Aí já vai mudando, né? Ele saía de casa, ia jogar bola, aí ele bebia, bebia, bebia... Mas eu não tinha coragem de largar. Os filhos apegados a ele... E tinha também meu pai, meu pai também gostava muito dele.

Mas aí meu pai faleceu, em 93. Ele sofreu um acidente, ficou 5 anos mal, sabe? Afetou a cabeça... Aí mudaram as coisas, porque aí a gente tinha que cuidar dele. Tivemos até que afastar a minha mãe dele, porque ele ficou ruim, queria fazer mal pra ela. Foi muito...

Mas só sei que se ele estivesse vivo acho que eu não teria me separado. Porque ele não ia aceitar... Mas daí eu separei, as crianças... O Fausto acho que já tinha uns 14 anos, o Dário, uns 12, a Gisele era um pouco mais nova. E ele não queria contar, falava que não era hora... Na verdade eu acho que ele tinha esperança que eles não aceitassem, né? Mas um dia que nós discutimos feio, as crianças estavam lá embaixo, aí a gente resolveu contar, ele falou "vamos contar". Chamamos as crianças pra conversar, e o Fausto, o mais velho, falou "fale que vocês vão se separar"; e ele jogando tudo pra mim: "sua mãe quer, sua mãe... sua mãe falou que não gosta mais de mim". E eu achei tão bonitinho o Fausto... Porque ele era o mais desligadão, assim, o mais velho. Mais sonhador. Mas aí ele falou assim "mas pai, se não existe mais amor, então não existe mais casamento". E ele ficou tão chocado com essa resposta. Porque aí desarmou ele. Mas aí ele ainda demorou uns 6 meses pra sair de casa.

Então foi você que tomou a decisão?

Claudia: Sim, fui eu. Eu tomei coragem. Porque aí também eu fiquei sabendo de uma coisa muito chata, parece que foi o motivo... Como se já não tivesse, né? Aquele monte de discussão, as brigas, tudo. Mas aí eu descobri que ele... (começou a chorar) Fiquei com ele muitos anos, né? Mas descobri que ele... tinha uma sobrinha bem pequena, acho que eu não tinha todos os meus filhos ainda, mas que ele mexia com ela. (Emocionada) Com ela e com uma prima. E eu descobri depois de muitos anos, elas já eram moças. Foi tão ruim pra mim, isso é complicado até hoje... Mas depois eu falei pra ele, né, porque eu não tinha coragem de falar no começo. E ele assumiu. E a gente era visto meio como casal 20, sabe?

(Claudia contou em detalhes a história da separação, mas optei por não transcrever na íntegra, por tratar-se de assunto que não contribui para a compreensão do tema em estudo)

Claudia: Agora ele é doente, né, porque ele foi acidentado. Já faz uns 8 ou 9 anos que ele foi acidentado. Faz hemodiálise, ele é super limitado! Inclusive com a cabeça até meio, meio... Não é mais o mesmo, é como se fosse uma criança. E eu cuido dele hoje. Então eu nem vejo ele como... E aí foi o céu pra mim a separação, porque quando eu soube disso...

E pras crianças também foi bom, porque ficou uma paz lá em casa. Eu achei que eles fossem sentir. E eu nunca menti sobre o que eu sentia. “Você não gosta mais dele?”. Não, não gosto. E ele viam as brigas, né? Então até, depois de um tempo, eu perguntei pra Gisele: “Gi, você... acha pior?”. E ela falou “Não, mãe, de jeito nenhum”.

E eu não impedia nada, eles viam todo fim de semana, chegava fim de ano eu falava “combinem com seu pai”. Então graças a Deus eles reagiram super bem. Nunca tive problema com as crianças por causa da separação.

Ã-hã... E você ficou casada quantos anos?

Claudia: 17. Eu casei eu tinha 24 anos. Foi meu único namorado! Nós namoramos 7 anos! Mas agora já tem... desde a época que ele foi acidentado... que eu conheci o Pedro, que eu to com ele até hoje. Mas a gente só namora, é ele na casa dele e eu na minha, acho bom assim. Porque ele não é fácil, ele é japonês, meticoloso... Mas a gente se dá bem. E ele tem uma filha, uma netinha.

E o meu mais velho casou... casou e agora tá esperando uma filhinha. O Dário (filho do meio) tá casado pela segunda vez; quer dizer, casado não, porque ainda a outra não liberou ele, não saiu o divórcio dele. E a Gisele (que participa da pesquisa) ela namora desde a faculdade. Ela fez faculdade de Biologia, ele também, e agora tá morando junto com ele, em João Pessoa fazendo Mestrado. Ela foi fazer com cavalo marinho e ele com a arraia. E foram juntos, foi legal porque enfrentaram umas dificuldades juntos.

Enfrentaram?

Claudia: Sim, porque no começo... eu mandei muito pouco dinheiro pra ela, porque não tinha muito, né? O Celso (ex-marido) já estava acidentado. E depois ela conseguiu bolsa, depois de uns 6, 7 meses ela conseguiu bolsa de Mestrado. Porque eles foram nos primeiros 6 meses pra fazer um estágio. Porque eles tavam com medo de não se dar lá, com a cidade. Lá não é fácil, mesmo, não tem estrutura. Não tem laboratório, nada. E aqui, o tempo todo da faculdade ela fez estágio na ESALQ, com o Pedro. Ele é professor aí da ESALQ e ela fez na parte de genética, aí, que é a área dele. Foi muito diferente a vida dela da minha. Porque meu pai, assim, ele não deixava fazer nada. Eu lembro que eu gostava do Roberto Carlos e ele não deixava nem assistir. Detestava, não podia nem falar o nome! Imagina, cabeludo... (risos) Namorar nem pensar, se quisesse tinha que ser escondido. E meu ex-marido, quando a gente começou a namorar eu já tinha 18 anos. E ele foi falar com meu pai sem eu saber. E aí meu pai adorou ele, né, era apaixonado por ele.

E Claudia, quando é que você acha que se tornou uma pessoa adulta?

Claudia: Eu acho que quando me casei.

Por quê?

Claudia: Porque assim... apesar que eu comecei a trabalhar, a estudar, assim, à noite, minha mãe ela era muito de providenciar tudo pra gente. Você chegava da faculdade, nossa... ela já tava batendo leite. No almoço... apesar que era mesmo pouco tempo de almoço, mas já tava tudo esquentado. Roupa, eu não sabia o que era lavar roupa, não sabia fazer nada. Então, quando eu me casei, foi um choque, assim... Porque aí você se dá conta que tudo vai depender de você. Desde o fósforo até a comida. Tem que arrumar horário pra fazer. No começo ainda a gente almoçava na casa da minha mãe, porque eu morava perto dela. Mas depois... depois eu fui vendo que "não, tem que ser eu!".

E você continuou trabalhando depois que casou?

Claudia: Continuei (enfática), sempre trabalhei. Primeiro no escritório de contabilidade, lá eu fiquei 10 anos, depois no cursinho do CLQ (Colégio Luiz de Queiroz) e depois no banco. Quando eu fui pro banco eu já tinha os três filhos, também já tinha uns 30 anos. A Gisele tinha acabado de nascer. E ela já veio no susto. Mas foi minha companheira, a Gisele é muito companheira. Ela é bem preocupada comigo, eu lembro na época da separação. E quando eu comecei a namorar o Pedro ela ficou mais tranqüila.

E a Gisele, hoje, quando você olha pra ela, você vê ela como uma pessoa adulta?

Claudia: Ah, vejo. Ela é... mas ao mesmo tempo... ela tem... é assim, super séria, super concentrada no que ela quer, assim. Mas ao mesmo tempo ela tem esse apego, assim, comigo, meio forte. Ela é muito apegada. Por exemplo, ela fez coisas mais difíceis, mas também pra ir na esquina comprar alguma coisa não vai sozinha, não gosta de atender o telefone. Ela é meio na dela, assim, meio quietinha. Só que tudo o que ela quis verdadeiramente na vida ela enfrentou. A faculdade, o estágio... É muito batalhadora. Por exemplo, o estágio que ela fez na ESALQ era na área do Pedro. A amiga chegou falando que tinha uma vaga na ESALQ e eu perguntei pra Gisele em que área era. Aí quando ela contou eu falei "é a área do Pedro!". Mas ela não me deixou ligar pra ele, não quis que eu ligasse pra ele. E no fim foi bom.

E, assim, se alguém perguntasse pra você, num sentido mais geral, o que você acha que precisa acontecer na vida de uma pessoa pra ela se tornar uma pessoa adulta?

Claudia: Então, eu acho assim, né, não sei em que ponto... mas deixar a pessoa fazer por ela mesma. Que é como eu falei pra você, minha mãe sempre se adiantou, e aí a gente ficava esperando, ficava meio numa redoma, eu acho. Então a gente tem que deixar mais. É lógico que você tem que dar os limites, né? Educar, mas não prender. Eu não sei muito bem, mas eu acho que, eu acho que... bom, quando eu comecei a trabalhar eu já me senti mais... Mas, mesmo assim, a minha família eu acho que é muito de prender, sabe? É muito ligada, uma ligação meio forte demais... uma liberdade, eu acho. Claro que depois de você ter passado, depois que você passou o que você precisa pra eles, né... pensam por si, né? Se bem que eu ainda acho que eu sou um pouco assim.

Você?

Claudia: É, eu acho. Com todos. Eu... vou melhorando (risos). Quando eu me toco... Porque eu vou pegando pra mim a incumbência. Com o Fausto acho que mais, acho que também por ser primeiro filho. O Fausto resolveu morar com a namorada, hoje eles já estão bem, mas no começo ele chegou a pegar até comida na minha casa. Porque ele fazia estágio e ganhava "só pra dizer", sabe, 300 reais (risos).

(Durante alguns minutos, Claudia falou apenas do filho mais velho, contando que abandonou a faculdade. Contou como foi todo o processo)

E a Gisele?

Já a Gisele grita menos por socorro. A Gisele ninguém faz ela de boba. Todo mundo acha que ela é meio brava. E é mesmo. E é super ciumenta do namorado! E olha que ela é toda magrinha, toda bonitinha, e ele é gordão... chegou a pesar 150 kg. Na escola os meninos todos paqueravam ela, mas ela não dava nem bola. Nunca namorava. Eu até cheguei a ficar preocupada. Porque eu tenho dois irmãos homossexuais e uma irmã homossexual. E eu falava "meu Deus, a genética...". Não por mim, né, mas por ela mesmo. Porque eu vi o quanto meus irmãos sofreram. Mas no fim não foi nada disso. Hoje ela tá bem com ele. E ele foi o primeiro namorado dela. Eu ficava meio triste com isso. Porque ele é legal, mas ele é um ano mais novo que ela, tem uma outra condição, o pai dele é médico, sempre manda dinheiro. Eles vivem lá com as bolsas, porque os dois têm bolsa, mas quando a coisa aperta ele liga para a mãe, a mãe fala com o pai e ele manda dinheiro. Ele não é uma má pessoa, mas eu só acho ele, assim, meio imaturo. A mãe fala com ele todos os dias pelo telefone. A Gisele já é bem madura, leva as coisas a sério... o único problema é que ela é muito ciumenta.

Mas assim, né, o que a gente podia passar, já passou. Agora é mais com ela mesmo.

Muito bem, muito obrigada!

FICHA DE INFORMAÇÕES FAMILIARES – FAMÍLIA 7

Filho(a): **T.M.D.**_____ Sexo: **M**_____ Idade: **29**_____
Curso de graduação: **Arquitetura**_____ Concluído em: **12/2003**_____
Instituição: **Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)**_____
Sustenta-se financeiramente? (**X**) sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? () sim (**X**) não (c/ avó) () apenas com um deles

Filho(a): **F.M.D.**_____ Sexo: **M**_____ Idade: **25**_____
Curso de graduação: **Arquitetura**_____ Concluído em: **12/2008**_____
Instituição: **Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)**_____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não (**X**) parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim (**X**) não
Reside com os pais? (**X**) sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Filho(a): _____ Idade: _____
Curso de graduação: _____ Concluído em: ____/_____
Instituição: _____
Sustenta-se financeiramente? () sim () não () parcialmente
Ajuda no sustento de outros? () sim () não
Reside com os pais? () sim () não () apenas com um deles

Pai: **J.L.N.**_____ Idade: **58**_____
Profissão: **Fisioterapeuta/Professor universitário**
Mãe: **A.M.M.D.**_____ Idade: **56**_____
Profissão: **Fisioterapeuta aposentada**_____
Classe econômica (segundo o CCEB): **B1** _____

Piracicaba, 4 de fevereiro de 2011.

Então, a idéia é essa, assim. Agora no Mestrado eu estou ouvindo os pais, pra saber como é que foi a transição de vocês para a vida adulta e como vocês enxergam a transição dos filhos de vocês. São 2 homens, né?

Alice: É, 2 meninos. O Fábio e o Thomas. Quer dizer, o Thomás é o mais velho, de 29, e o Fábio é o mais novo, de 25.

(Preenchendo a ficha). O Fábio é o mais novo, então.

Alice e Jonas: é, sim, de 25.

Ele fez que faculdade?

Alice: Ele fez Arquitetura, aqui na UNIMEP, em Santa Bárbara.

Ele se sustenta financeiramente? Tem 3 opções: sim, não e parcialmente.

Jonas: Acho que parcialmente, né?

Alice: É, parcialmente. Ele mora com a gente, então as despesas da casa são nossas, mas as coisas dele ele compra, abastece... Ele é bem independente.

Por opção dele ele vive com vocês?

Alice e Jonas: ããã...

Alice: Acho que sim.

Jonas: Acho que sim.

Alice: Ele faz tudo com planilha, é muito organizado, então, assim, eu acho que ele só vai sair realmente quando ele tiver condição de se segurar sozinho.

Jonas: É.

Alice: Mas ele é, assim, muito independente, tirou carta com o dinheiro dele, ele falou assim: "se eu tiver dinheiro, posso tirar?". Sabe, então, ele tirou de carro e de moto, tudo com o dinheiro dele.

(Dando continuidade ao preenchimento da ficha). Ok... Thomás... é com "th"?

Jonas: É.

Também fez Arquitetura?

Jonas: Sim, Arquitetura UNIMEP. Mas ele tá morando no Rio, tá há 6 anos fora.

Alice: São muito bons filhos, nunca deram trabalho...

Jonas: Que nem, eu sou Professor da UNIMEP. Tive bolsa integral para os 2 desde o Piracicabano (colégio particular, do mesmo grupo que controla a UNIMEP) até a UNIMEP. Eles nuuunnna pegaram 1 DP Nenhum dos dois. Nunca, nada. Sem precisar ficar em cima cobrando. Nunca.

Alice: Tinha aquela coisa de regra: "televisão só depois da lição". Aí os amiguinhos ligavam, queriam brincar, eles falavam "só depois da tarefa". Eles mesmos já falavam. Eu, às vezes, coisa de mãe, né, às vezes ia na escola na hora do lanche, como quem não quer nada. Ou então eles falavam que iam ficar na escola fazendo trabalho, aí eu dava um pulinho lá pra conferir. Mas eles sempre estavam, nunca mentiam pra gente. Só pra assim, ter certeza, ver o movimento. E até hoje, por exemplo, quando Fábio vai sair e tá meio perigoso ir de moto, ou tá chovendo, ele pede "pai, pode buscar? Pode levar?". Ou então na casa de algum amigo, ele espera na portaria do prédio, aí a gente avisa "to indo". Ou mesmo o Thomás vai buscar. Eles não saem juntos, nunca saíram, mesmo com as namoradas não coincidiu. Mas eles se dão muito bem.

E é assim, quando fazem churrasco lá em casa, lá no fundo, sem eu falar nada, nada, nada, no final eles limpam tudo, lavam toda a louça, arrumam tudo. Aí só o chão fica pra outro dia. E eu deixo eles bem à vontade, tem uma entrada independente.

(Continuando a preencher a ficha). O Thomás, quando é que ele terminou a faculdade, vocês lembram?

Jonas: ããã... acho que foi 2003, 2004... Eu sei que o Thomás saiu e o Fábio entrou. Então... final de 2003, né?

Alice: É, final de 2003.

E ele se sustenta financeiramente?

Jonas: Sim, ele banca tudo. Lá no Rio é ele que se vira.

Alice: Só o plano de saúde que a gente é que paga, mas porque a gente fez por aqui.

Ele ajuda no sustento de alguma pessoa?

Alice: Ajuda um pouco a minha mãe. Porque ele mora com ela. Então ele faz compra... Porque eu ajudo minha mãe, então eu falo "paga alguma conta pra sua avó, compra aí, faz isso, compra aquilo...".

Jonas: Ele colabora.

Alice: É, não sustenta, só colabora. O Thomás tá querendo morar sozinho. Tá procurando apartamento, mas no Rio é meio complicado.

Ele trabalha onde?

Jonas: Na cidade, no Rio. Num escritório de Arquitetura.

E o Fábio.?

Alice: O Fábio tá na Fastwork. Não é como arquiteto. Ele é analista de qualidade e, nos fins de semana, trabalha como arquiteto. Sábado ele vai no escritório de um outro arquiteto, amigo dele, que também é padre, e eles fazem reforma de igreja. Antes de formar ele já trabalhava com ele, o Antônio.

Nossa, que legal!

Alice: É, esses desenhos, quando vai fazer reforma de igreja, o granito, com as medidas, tudo, é o Fábio que põe no computador. O Antônio (colega arquiteto) desenha e ele põe no computador. E agora é engraçado porque quando a gente viaja e tem alguma igreja, alguma coisa, o Fábio fica prestando atenção e fala "deixa eu fotografar aqui pra mostrar pro Antônio". Esse rapaz se formou com ele, com o Fábio. E também o Fábio pega uns "bicos", né, faz cartão de visita, essas coisas... Ele é bem independente, ele se vira.

Jonas: Se vira bem.

E quando vocês olham pra eles, pros dois, vocês enxergam eles como adultos?

Alice: Ah, sim.

Jonas: Com certeza.

Alice: Assim, eu sempre achei o Fábio mais independente que o Thomás. O Thomás a gente ajudou mais na época que ele morava aqui. Não sei se é porque a gente era menos experiente... sei lá, não sei explicar, só sei que foi assim. A gente ajudou mais.

Jonas: São duas personalidades diferentes.

Alice: Ah, é, eles são totalmente diferentes um do outro. Os dois são organizados, tudo...

Jonas: Mas a personalidade de um e de outro não bate em nada, nada, nada!

E o Thomás solicita mais?

Jonas: o Thomás é mais caseiro. Não sei se é porque o Fábio tá aqui com a gente, mas o Thomás sempre foi de se preocupar muito mais com a Alice e comigo. Ele é mais ligado. O Fábio também é ligado, tudo, mas ele já é mais na dele, não é de ficar... não paparicando, mas de perguntar como tá ou como não tá.

Alice: É, o Thomás é assim: ele via alguma coisa por fazer, já ia fazendo, não perguntava. O Fábio, se eu pedir ele faz, mas se eu não pedir... Tanto que eu achei que o Fábio fosse mais independente, porque na doença do meu pai, que eu precisava ir toda hora pro Rio, eu achava que o Fábio ficava numa boa com o Jonas, porque um rapaz, né, já tá com vinte e poucos anos, 22, quase 23. Aí um dia que esse padre, esse amigo dele, foi em casa e o Fábio ainda não tinha chegado do trabalho, ele comentou: "o Fábio sente muita falta de você, você tá fazendo falta aqui". Mas sabe, eu nunca pensei que eu fizesse tanta falta. Eu não percebia a falta que eu tava fazendo. Pro Thomás eu sei que

faz, porque ele sempre foi mais grudado. E teve mais tempo com a gente, porque de um para o outro são 4 anos. E entre eles eu perdi 2 também. E o Thomás presenciou.

Um ele presenciou... eu passei mal, tudo, quase morri, e ele viu, ele era bebê. Não tinha com quem deixar, fazer o que? Ele foi junto pro consultório, e lá eu tive uma hemorragia violenta e ele viu. Porque alagou o consultório! E eu desmaiei, e ele viu tudo. Aí nós fomos pro hospital, eu no carro do médico, o Thomás com o Jonas, e o irmãozinho foi embora, né. Foi complicado. E antes eu perdi uma menina, já com 5 meses. Fui pro hospital grávida e voltei, cadê o neném? Porque ele sempre pediu um irmão: "todo mundo na escolinha tem irmão, só eu que não tenho!". Então ele passava a mão na minha barriga... Aí quando eu voltei ele perguntou "cadê o neném?". Eu falei: "papai do céu levou, ele tava doente, papai do céu levou pra cuidar".

Eu não sabia o que falar! Que é que eu ia falar? Aí passou... Quando eu fui ter o Fábio, o pediatra falou "é melhor não contar, porque já foram 2. Quando ele perceber aí você confirma, não vai mentir, mas não fala nada por enquanto".

Aí eu não falei nada. Aí um dia, eu com 3 meses, ele falou "tem neném aí?" (risos). Eu falei "gente!", porque não dava pra ver nada. Aí na hora ele perguntou: "ele ficou bom?". Eu não lembrava, porque já eram quase quatro anos! Como é que pode? Aí eu falei: "é, ele tá bom, papai do céu mandou". E o pediatra falou, eu nunca me esqueço: "se você prometer alguma coisa pra uma criança, cumpra. Se não for cumprir, não prometa, porque elas lembram". Então a gente nunca mentiu pra eles. Mesmo quando a gente ia sair, nunca enganava, falava "a mamãe vai, mas volta pra buscar". Nunca mentimos pra ele e eles nunca mentiram pra gente.

Jonas: E mesmo essa coisa de fumar e beber, nós sempre orientamos, sempre instruímos. Eles nunca fumaram, nenhum dos dois. O Thomás bebe um pouco, mas só socialmente. O Fábio não bebe nada, nada. E também não pega carona com gente bêbada, essas coisas.

E na vida de vocês, quando vocês estavam na adolescência, indo pra maturidade, quando é que vocês perceberam que tinham virado gente grande? O que é que aconteceu?

Alice: Ah, eu acho que foi quando eu tive os meninos, né? Não, não, eu acho que foi quando minha mãe teve meu irmão temporão. Porque até os 15 anos eu andava de bicicleta... e com boneca na garupa. Não com 15 anos de boneca, mas até um pouco antes. Eu sempre brinquei muito de boneca e sempre quis ser mãe. Então eu falava pra minha mãe: "eu vou ter filho, casando ou não, adotando...". Aí quando eu tinha 14 anos minha mãe teve meu irmão. E eu cuidei dele até os 3 anos mais do que a minha mãe. Então pra mim foi complicado, eu enfrentei uma barra... Eu e meu outro irmão, que tem só 11 meses de diferença de mim. Eu tinha 14 e o Iago tinha 13. Aí com essa história de eu gostar de criança minha mãe teve outro. E falou que era por mim! Mas eu nunca pedi pra ela ter filho! Nunca falei "ai, mãe, tem outro filho!". E minha mãe já tinha quase 40 anos.

Só que aí ela vendia roupa. Nessa época a gente morava em Friburgo. Então eu tinha que ficar com o Fernando (irmão temporão). Enquanto eu tava em casa eu tinha que ficar com ele. Tudo comigo. Tanto que ele me chamava de "mamãe Alice", e minha mãe, de "mamãe Ilze". E eu falava com ele "eu não sou sua mãe, sou sua irmã!". Só que aí depois eu fui fazer faculdade, e ela teve que ficar com ele. Porque aí eu já fazia em Petrópolis. Meu pai, eu até tinha conseguido uma transferência pro Rio, mas o meu pai falou "é melhor não, é melhor ela ficar lá". Ele sentia, ele percebia, sabe? Mas no fim de

semana eu tinha que cuidar dele. E não podia sair de casa, não podia namorar, se não lavasse a louça e não cuidasse do Fernando. E quando eu ia para a praia eu tinha que levar meu irmão. Então ia eu e aquela tralha toda de criança. Aí depois que eu fui pra Petrópolis e ele começou a me desobedecer.

E foi lá que vocês se conheceram?

Jonas: É, eu sou de Petrópolis. Nós fizemos faculdade juntos...

Alice: Mas durante a faculdade a gente não namorou. Só depois! Nós namoramos 2 anos e depois casamos. Aí nós viemos pra Piracicaba e aqui eu ainda trabalhei um pouco. Fiz alguns cursos em Fisioterapia, depois trabalhava para uma loja, só que à medida que eu fui perdendo os bebês eu fui parando, porque tinha que ficar de repouso.

(Continuando a ficha). E, se hoje eu te pergunto qual é a sua profissão, o que você responde?

Alice: Eu digo que eu sou fisioterapeuta aposentada. Mas hoje em dia, se precisar colocar alguma coisa, eu sou do lar. Hoje eu faço também artesanato. Aí até uma vez uma amiga minha falou: “você é fisioterapeuta e faz artesanato? Não tem vergonha de dizer isso?”. Eu disse “eu não! Não to roubando, tem gente que compra de mim, por que é que eu vou ter vergonha?”. Aí depois de um tempo ela me ligou pedindo desculpas; falou que também tava fazendo artesanato. (risos) Acredita?

E o Jonas, quando você sentiu que tinha virado "gente grande"?

Jonas: Você tava falando e eu tava pensando... Realmente eu nunca parei pra pensar. Mas foi mais nessa época de adolescência para a fase adulta. Foi durante a faculdade, 2º ano de faculdade. Porque a gente sempre viveu com dificuldade, meu pai, minha mãe... A gente tinha o suficiente, nada além daquilo. Então acho que foi, assim, no segundo ano de faculdade, que eu acho que eu comecei a dar aula.

Então eu comecei a ganhar pouco, mas era o dinheiro do meu trabalho. A responsabilidade era maior. Ter meu dinheiro, saber controlar, poder comprar uma coisinha, sair... Acho que foi nessa época mesmo.

Aí depois a gente terminou o curso, eu comecei a trabalhar no Rio, viajava todo dia... de Petrópolis para o Rio, do Rio para Petrópolis. Quando tempo foi isso? 77, 78... Foram 2 anos direto fazendo isso. Aí em 79 eu já vim pra Piracicaba, pra trabalhar na UNIMEP, pra abrir o setor de Fisio lá no Lar dos Velhinhos, área de Geriatria. E to até hoje, amanhã faz 32 anos, 5 de fevereiro. 32 anos de UNIMEP, de Lar do Velhinhos, de Piracicaba.

Que legal... E aí nessa época vocês já estavam casados?

Alice e Jonas: Não, não.

Jonas: Eu vim pra cá em fevereiro... a gente já tinha esquematizado tudo, já estávamos noivos, de casamento marcado. E foi uma virada, assim, vir pra Piracicaba. Aí eu vim pra cá em fevereiro e o casamento foi em setembro, 8 de setembro. A gente trouxe tudo o que pôde de lá.

Do casamento nós já trouxemos tudo na Lua de Mel. Foi Rio... paramos em Itatiaia, Itatiaia - Campos do Jordão, aí Piracicaba. No carro só cabia eu e ela, mais nada, nada, nada!

(Risos)

Alice: A gente não podia parar em qualquer lugar, por causa do carro cheio. Em Campos do Jordão teve que fazer tudo a pé.

Então vocês viveram umaaventurazinha, hein?

Alice e Jonas: É! (risos)

E como foi que esse trabalho em Pira apareceu na sua vida, Jonas?

Jonas: Eu não estava aqui em Piracicaba quando eu mandei o currículo. Daí a gente viajou... foi 20 de janeiro. Quando nós chegamos de viagem, minha mãe falou: "O Saulo ligou e falou que seu emprego está em Piracicaba. Arruma suas malas, porque você vai pra Piracicaba". Eu não conhecia Piracicaba, nunca tinha ouvido falar de Piracicaba, não sabia onde ficava!

Cometa até São Paulo, 9 horas de viagem, eu falei "Onde é que eu to me metendo?" Quando veio a proposta, eu não lembro qual era a moeda...

Alice: Cruzeiro, não é?

Jonas: Acho que é Cruzeiro. Eu ganhava 8 mil cruzeiros, era tempo integral, com possibilidade de subir porque era chave de setor. A proposta da UNIMEP: tempo integral, 18 mil. Eu não tinha o que pensar! Era o Lar dos Velhinhos, eu gostei do lugar, era montar o setor. Eu falei "é agora ou nunca, né?" Aí eu vim! Vim pra cá em fevereiro, a Alice ficou com uma procuração minha pra cuidar da documentação, eles lá fizeram uma carta falando do que eu fazia lá, e dizendo que, se não desse certo aqui, minha vaga estaria à disposição lá.

Nossa...

Jonas: Quando é que a gente vê isso hoje? Então, é o que eu falo...

Alice: Comigo também! Quando eu fui sair do hospital, eles também me deram uma carta: "olha, se não der certo, você volta!".

E se eu fizer pra vocês uma pergunta genérica, assim, vocês não precisam pensar necessariamente na experiência de vocês, nem nos filhos de vocês. O que precisa acontecer na vida de uma pessoa pra ela poder considerar que já se tornou uma pessoa adulta?

Jonas: Eu não sei, mas eu acho que uma estrutura familiar adequada. Você orientando de forma adequada, a responsabilidade vai surgindo gradualmente.

Então você acha que aquilo que dá o click, de que a pessoa já é madura, é ela assumir responsabilidades...

Jonas: Sim, eu acho. Eu vejo pelos meus alunos. O aluno que tem mais responsabilidades, que faz a faculdade com sacrifício, tem que pagar, tudo o mais, se organiza melhor, controla mais o tempo, leva mais a sério. Então, assim, eu acho que é uma questão de berço.

Alice: Eu acho que também os pais têm que mostrar a realidade pros filhos. Eu vejo pela minha casa, minha família. Eu fui educada assim: pode, pode, não pode, não pode. E tinha obrigação, tarefa. Só podia ir pra praia depois que cozinhasse e limpasse a casa.

A-hã...

Bom, mas é isso! Tem alguma outra coisa que vocês queiram falar, que acham importante?

Alice: Acho que não...

Jonas: Não... Acho que é essa coisa da responsabilidade mesmo.

Ok! MUITÍSSIMO obrigada, então!

**ANEXO IV: SISTEMA DE PONTOS DO CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA
BRASIL (CCEB)**

Quanto ao grau de instrução do chefe da família:

Grau de instrução	Pontuação
Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental	0
Até 4ª série Fundamental	1
Fundamental completo	2
Médio completo	4
Superior completo	8

Quanto à posse de itens:

Item	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou mais
Televisão em cores	0 pontos	1 ponto	2 pontos	3 pontos	4 pontos
Rádio	0 pontos	1 ponto	2 pontos	3 pontos	4 pontos
Banheiro	0 pontos	4 pontos	5 pontos	6 pontos	7 pontos
Automóvel	0 pontos	4 pontos	7 pontos	9 pontos	9 pontos
Empregada mensalista	0 pontos	3 pontos	4 pontos	4 pontos	4 pontos
Máquina de lavar	0 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos
Vídeo cassete e/ou DVD	0 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos
Geladeira	0 pontos	4 pontos	4 pontos	4 pontos	4 pontos
Freezer (aparelho independente ou	0 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos	2 pontos

parte da geladeira
duplex)

Cortes do Critério Brasil:

Classe econômica	Pontos
A1	42 a 46
A2	35 a 41
B1	29 a 34
B2	23 a 28
C1	18 a 22
C2	14 a 17
D	8 a 13
E	0 a 7

Tabela 1: idade de transição dos pais para a vida adulta

Família 1	José Carlos	24
	Lúcia	Dos 20 aos 33
	Ricardo	22 (segundo a esposa)
Família 2	Nilva	“Ah, muito antes! (dos filhos) Isso não tem nem o que discutir!”
Família 3	Elza	23 (em 1970)
Família 4	Elton	17
	Regina	“Eu nunca fui criança”
Família 5	Marta	15
Família 6	Claudia	24
Família 7	Jonas	no 2º ano de faculdade
	Alice	14

Tabela 2: contexto externo de transição dos pais para a vida adulta

Família 1	José Carlos	“Parecia que era tudo mais fácil... pra viver, pra cuidar de filho. A impressão que a gente tinha é que não era problemático, ou que se a gente saísse do emprego tinha outro. Era bem melhor pra viver. Então dava pra arriscar mais, pra ser mais inconsequente um pouco, não tão planejado”. “É engraçado, né, porque conversando... ããã... nós vivemos coisas da vida antes deles, né? De trabalho, de ter filhos, desse tipo de responsabilidade”
	Lúcia	“A gente tinha outra ideia da vida na nossa geração”. “(…) Os tempos são outros. A condição econômica que o meu pai proporcionou pra gente foi muito diferente das condições que eles (filhos) vivem hoje. Eu, na minha casa, eu não tinha tanto conforto, então eu queria ter a minha casa”.
	Ricardo	“Quando eu tava na
Família 2	Nilva	

Família 3	Elza	faculdade eu já trabalhava. Eu era telefonista. Porque nessa época meu pai tava muito mal das pernas. A gente tinha que se manter. Eu, meus irmãos”. “Mas o que eu quero salientar é que quando eu me formei existiam empregos”. “As amigas me indicavam, o professor me indicava... Eu nunca procurei emprego (risos). Era bom, viu?” “Quando a gente saiu da faculdade tinha muito emprego (...) naquela época nós vivíamos o pós-milagre econômico. Então você saía de uma faculdade e tinha emprego quase imediato, tava empregado”.
	Elton	“Nas boas faculdades, você saía empregado, porque fazer faculdade tinha um peso absurdo, não era todo mundo que fazia faculdade não! (...) Então quem fazia faculdade era dado um valor, as pessoas tinham esse valor. (...) E hoje em dia todo mundo ta fazendo faculdade!”.
Família 4	Regina	“Quer dizer, tinha menos concorrência, mas a concorrência que tinha era mais qualificada do que é hoje. Mas não tinha esse processo absurdo e longo até você provar que você é você e o resto é o resto”.
Família 5	Marta	“Porque antigamente, mesmo com muita dificuldade, a gente conseguia trabalho. Hoje, com estudo e tudo, você não consegue trabalho!”.
Família 6	Claudia	-----
Família 7	Jonas	“Vim pra cá em fevereiro (...) Eles lá fizeram uma

		carta falando do que eu fazia lá e dizendo que, se não desse certo aqui, minha vaga estaria à disposição lá”
	Alice	“Comigo também! Quando eu fui sair do hospital eles também me deram uma carta: ‘olha, se não der certo, você volta!’”

Tabela 3: contexto externo de transição dos filhos para a vida adulta

Família 1	José Carlos	“A vida é mais difícil, os requerimentos são maiores... Eu estudei em escola pública, eles não. Eles sabem que os filhos deles vão ter que ter... vão ter que prevenir mais”
	Lúcia	----- “Mas eu vejo assim: mudou muito de uma geração para a outra. Os filhos protelam mais a saída de casa, né, já saem com menos riscos”. “Então, eu acho que os 2 fatores são esses: primeiro, o conforto que existe e não existia antes; segundo, o que eu vejo nos meus alunos, ou por depoimento de outros colegas, os jovens estão demorando mais mesmo pra sair de casa”.
Família 2	Ricardo	-----
	Nilva	“... acho que hoje, mesmo que você seja tudo isso, pode não aparecer uma oportunidade, né Acho que ta bem mais difícil.
Família 3	Elza	Também porque... o que se necessita para se sustentar é muito mais, hoje você tem que pagar pros filhos escola, né, que meus pais não tiveram que pagar.

		Saúde, plano de saúde, se tornou um negócio imprescindível, assim. Seguro de automóvel é imprescindível. Seguro extra, além do INSS, se tornou quase que uma... se eu começasse agora, acho que eu ia me preocupar em fazer. Internet, né, toda essa eletrônica que a gente tem disponível, tudo isso custa. No tempo dos meus pais não tinha nada desses gastos. Então, além de ter mais estabilidade no emprego, não tinha tanta despesa” “É uma geração mais protegida” “... eu acho que hoje não é que você não tem emprego. É que até você provar que você se diferencia por algum motivo você tem que passar por um processo absurdo de qualificação”. “Porque o volume de gente é muito grande! E o pessoal não ta qualificado!” “Hoje, com estudo e tudo, você não consegue trabalho! A concorrência é muito grande e você não consegue trabalho!” “Sim, porque no começo... eu mandei muito pouco dinheiro pra ela, porque não tinha muito, né? O Celso (ex-marido) já estava acidentado. E depois ela conseguiu bolsa, depois de uns 6, 7 meses ela conseguiu bolsa de Mestrado” ----- -----
Família 4	Elton	
	Regina	
Família 5	Marta	
Família 6	Claudia	
Família 7	Jonas	
	Alice	

Tabela 4: marcos de transição dos pais para a vida adulta

Família 1	José Carlos	“Eu senti uma diferença grande quando eu tinha um trabalho já firme que eu queria, que eu gostava, e que daí eu já não tinha mais horário pra fazer o que eu quisesse, então daí eu não tinha mais férias quando quisesse” (...) “Depois, quando veio filho, que daí veio aquela obrigação de sustentar, isso eu também lembro que foi...” “Aí parece que quando eu engravidei, quando eu falei assim ‘vamos ter um filho’, aí parece que eu cresci um pouco”.
	Lúcia	“... fomos morar numa chácara, né, e daí já não tinha pai e mãe por perto, daí parece que eu cresci maaaaais um pouquinho (risos), mais um pedacinho, né?” “E quando eu abri o consultório então, daí acho que foi... daí eu acho que eu me senti adulta!” (Segundo a esposa, dirigindo-se ao marido)
Família 2	Ricardo	“Quando você começou a trabalhar, você logo já era independente”
	Nilva	----- “Difícil delimitar. Mas acho que eu me achava já grande coisa logo que eu me formei! (risadas) Já ganhava também meu dinheiro, dava aula, né?”
Família 3	Elza	“Acho que quando eu aluguei o apartamento em São Paulo também acrescentou, depois quando eu voltei pra cá pro André nascer e aluguei um apartamento aqui e administrei tudo isso, acho

Família 4	Elton	que eu me tornei mais adulta, né?” “Ah, eu já senti minha transição. Foi bem marcante, né. Foi exatamente quando eu fui pros Estados Unidos. Por quê? Porque eu sempre fui ensinado a tomar decisões próprias, mas eu sempre tinha alguém com quem trocar ideia. E quando eu fui pros Estados Unidos, apesar dessa família ser muito próxima, algumas decisões eu tinha que tomar”
	Regina	“Eu nunca fui criança” (...) “Nunca pudemos ser criança... sempre um senso de responsabilidade”. “Ai, eu acho que eu já era adulta desde os 15 anos. Eu estudava e trabalhava, e eu ajudava meus pais”.
Família 5	Marta	“Pra mim eu acho que é o estudo e o trabalho, a responsabilidade financeira mesmo. Porque eu tinha que controlar o que eu recebia do meu pagamento, me virar com o que eu tinha”
Família 6	Claudia	“Eu acho que quando me casei (...) Porque aí você se dá conta que tudo vai depender de você. Desde o fósforo até a comida. Tem que arrumar horário pra fazer. No começo ainda a gente almoçava na casa da minha mãe, porque eu morava perto dela. Mas depois... depois eu fui vendo que ‘não, tem que ser eu!’”
Família 7	Jonas	“Foi durante a faculdade, 2º ano de faculdade..., que eu acho que eu comecei a dar aula”.

Alice

“A responsabilidade era maior. Ter meu dinheiro, saber controlar, poder comprar uma coisinha, sair...”
 “... eu acho que foi quando minha mãe teve meu irmão temporão (...) E eu cuidei dele até os 3 anos mais do que minha mãe”

Tabela 5: marcos gerais de transição para a vida adulta

Família 1	José Carlos	“Pra mim é o emprego que você queira, que você esteja motivado. Filhos, casamento, assumir responsabilidades de bens grandes, casa... Então pra mim esses são os marcos” “Sair... ir morar em outro lugar, sair da casa dos pais”.
	Lúcia	“Acho que é construir uma vida, né? Junto” “O que significa ser adulto? Ser adulto significa você conseguir viver sem o pai e a mãe, é isso?” -----
Família 2	Ricardo	“Acho que têm graus de ser adulto. Ganhar o próprio dinheiro acho que é um dos graus. Administrar uma moradia pessoal eu acho que é outro”.
	Nilva	“Que se responsabilize pela própria vida. Isso quer dizer o que? Ah, que cuide das suas coisas, porque... Ter também um companheiro, uma companheira, depende de encontrar também a companheira e o companheiro”
Família 3	Elza	“É, eu concordo com a
Família 4	Elton	

	Regina	Regina. Mas eu acrescentaria, até pelo mundo de hoje, que você precisaria assumir mais competências. Em profundidade. No sentido de adquirir mais conhecimento pra investir naquilo que você ta fazendo, sair da superficialidade” “Assumir responsabilidades. E hoje em dia ninguém ta aí com o preço da mexerica”. “Mas eu acho que hoje em dia as pessoas estão demorando muito pra se tornar adultas. Eu não to falando dos meus filhos não, eu to falando de um modo geral, o que eu sinto por aí. Essa geração tem dificuldade em assumir responsabilidades”
Família 5	Marta	“Eu acho que, assim, a pessoa precisa ter responsabilidade de algum jeito, de alguma coisa. Ou estudando, ou trabalhando. Eu acho que é esse ponto aí, porque ela tem que caminhar com as próprias pernas” “Então, eu acho assim, né, não sei em que ponto... mas deixar a pessoa fazer por ela mesma (...) Então a gente tem que deixar mais. É lógico que você tem que dar os limites, né? Educar, mas não prender”
Família 6	Claudia	
Família 7	Jonas	“Eu não sei, mas acho que uma estrutura familiar adequada. Você orientando de forma adequada, a responsabilidade vai surgindo gradualmente”. “Eu vejo pelos meus

alunos. O aluno que tem mais responsabilidades, que faz a faculdade com sacrifício, tem que pagar, tudo o mais, se organiza melhor, controla mais o tempo, leva mais a sério. Então, assim, eu acho que é uma questão de berço”

Alice

Tabela 6: como os pais percebem os filhos

Família 1	José Carlos	“É, quer dizer, então ele já está num emprego que ele gosta, já mudou, ta longe, então não tem dúvida, ele é o que já ta mais maduro” “Eu vejo o Sandro bastante responsável, assim, profissionalmente, bastante sério. Mas têm umas coisas assim, alguns momentos, que eu falo ‘ai, que criança, ai, que meninão ainda’. Sandro a gente vê ele assim, todo
	Lúcia	responsável, e isso, aquilo, mas... quando ele chega aqui, que ele se põe no sofá... aí ele quer deitar em cima do pai, quer deitar em cima de mim, quer ficar de mãos dadas (...) Parece que ele quer sentir, assim, aquela coisa que ele perdeu, né” “Acho que se a gente desaparecesse pra sempre da vida deles, acho que eles conseguiriam com as próprias pernas, se virar. Então, se o conceito de adulto for esse, eu posso dizer que eles são adultos”
Família 2	Ricardo	“Porque, que nem, eu, como mãe, eu vou achar
	Nilva	

		sempre que eles não são adultos. Agora, eles têm atitudes de adultos? Eles têm!” “Acho que ele ainda não é uma pessoa adulta”. “Mas viver com a mãe... acho que não é... tão bom, né? Pra mim é! (risos) Para ele também é até um certo ponto”.
Família 3	Elza	“Acho que o André ta hoje um pouco entre o mundo sério, do trabalho, da responsabilidade, e um certo mundo de fantasia, de prazer, que para ele vem através da música, que ele gosta muito” “Eu vejo o Antônio como totalmente adulto; a Camila, não totalmente adulta”.
	Elton	“Ela não arrisca. Então aquilo gera, em algumas situações, insegurança. Ela se retrai. O Antônio, por já ser mais solto, ele se atira. Ele se permite errar, ela não se permite. Ele é mais flexível”
Família 4	Regina	“A Camila eu tenho a impressão que ela precisa de um respaldo. ‘Eu vou, eu faço, eu aconteço, mas eu preciso de uma retaguarda. Eu quero saber que, se eu gritar, alguém vai me escutar” “Olha, coisa que eu não imaginava, assim... Porque eu sempre trabalhei, mas nunca deixei que ela trabalhasse. E como ela não teve condição de arrumar um emprego, assim, eu vejo que ela cresceu muito. Ela é muito responsável, sempre foi muito responsável, mas
Família 5	Marta	

		hoje eu vejo que ela cresceu muito”. “E também quando ela começou a fazer Pós em São Paulo, que ela ia sozinha, aí eu achei que ela tinha muita segurança. Então aí eu achei ela muito responsável”. “Eu acho que a Laura não se conforma de ter feito o curso e não conseguir trabalho”. “Então eu acho que ela sente frustração. Porque ela ta fazendo o que não gosta e o que ela gosta ela não ta fazendo”. “Ela fala que não quer depender de ninguém. Mas ela é igualzinha a mim” “Ela é (adulta), mas ao mesmo tempo... ela tem... é assim, super séria, super concentrada no que ela quer, assim. Mas ao mesmo tempo ela tem esse apego, assim, comigo, meio forte. Ela é muito apegada” “Com certeza” (os filhos são adultos) “Assim, eu sempre achei o Fábio mais independente que o Thomás. O Thomás a gente ajudou mais na época que ele morava aqui. Não sei se é porque a gente era menos experiente... sei lá, não sei explicar, só sei que foi assim”
Família 6	Claudia	
	Jonas	
Família 7	Alice	

Tabela 7: atitudes dos pais em relação aos filhos

Família 1	José Carlos	“Esses dias que eu me peguei pensando que eu gostaria de saber mais da
-----------	-------------	---

Família 2

Lúcia

vida privada deles. Eu não sei onde que eles têm conta no banco, eu não sei quanto que eles ganham...”

“Eu participo bastante! Porque eu tenho um outro jeito, eu pergunto, numa oportunidade eu fico junto. ‘Ah, eu vou buscar não sei quem não sei aonde’. ‘Ah, eu vou junto’. E daí eu fico conversando o tempo todo. Mas tem coisa que eu não sei também. Que nem, essas coisas que o José Carlos falou eu não sei quase nada (...) Mas da vida pessoal, do relacionamento com a namorada, com esposa, isso aí eu converso bastante”

Ricardo

“É, mas nós fizemos um pacto: eles vão fazer o que gostarem. Nós respeitamos isso”

“Você acha que meus filhos têm vontade de morar sozinhos em um apartamento pequenininho?

Não! Eles podiam até querer mudar pra um apartamento, a gente até ajudar eles a comprar, ou eles comprarem sozinhos.

Mas eu não vou acelerar. Não vou falar ‘ô filho, vai morar sozinho, vai pra um apartamento’”.

Nilva

Então, se eles vivessem fora... Mas morando aqui, vai pra uma kitnet? Se for do agrado deles, se for da vontade deles, a gente não vai se opor. Mas a gente não vê por que ficar tocando ‘olha, vocês precisam ter vida própria, precisam ir pra um apartamento’. Por

		enquanto, pra gente, ainda é confortável eles ficarem lá”
Família 3	Elza	“Gostaria de ser uma mosquinha pra poder espiar, saber como é que ele se relaciona, até onde ele se responsabiliza pelas coisas, até onde ele tá voando” “Uma das coisas que eu falei pros dois... o marido dela é fisioterapeuta. Eu falei ‘se eu fosse vocês, com a idade que vocês têm, com a responsabilidade relativa, eu iria para Palmas, no Tocantins. Uma terra nova, de oportunidade’. Mas eles não quiseram”
Família 4	Elton	
	Regina	“Bom, já que tamo falando do Antônio. Ele foi pra Irlanda, saiu daqui com curso pago e um mês de moradia em casa de família, depois acabou saindo de lá. E uma coisa que a gente sempre falou pra ele: ‘não quero que você passe fome, não quero que você passe frio; agora, pra cerveja, pra passear, não tem’. Então ele se virou lá” “E com a Laura era em primeiro lugar o estudo. Porque aí a gente já tinha uma condição melhor, de manter ela no estudo”.
Família 5	Marta	“Se ela ficar nessa área, pra mim tá ótimo. Porque pra mim é excelente (...) Então, pelo menos, se eu parar... Eu não pretendo parar, mas se eu parar pelo menos ela dá uma continuidade pra mim”
Família 6	Claudia	“Claro que depois de você ter passado, depois que

Família 7

Jonas

“você passou o que você
precisa pra eles, né...
pensam por si, né?”

Alice

“Eu acho que também os
pais têm que mostrar a
realidade pros filhos”

FIM